

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 2 DE JULHO DE 1972 - N.º 17789 - ANO 52.º - PREÇO 15\$0

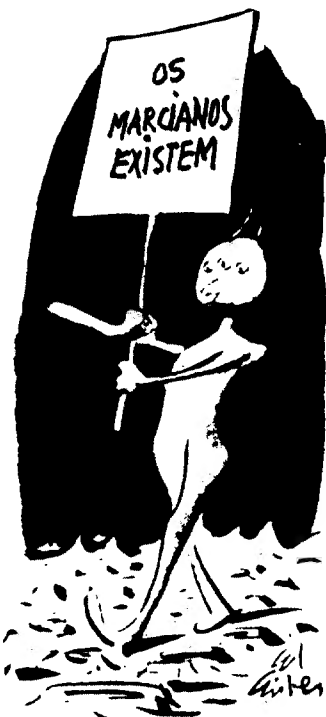


EDIÇÃO DE DOMINGO

A VIDA ESTÁ NA ÁGUA

**Agora o Homem sabe
que há seres vivos
para além da Terra**

No começo eram o amoníaco, o metano, o hidrogénio, o vapor aquoso. Tais elementos compunham a atmosfera primordial da Terra. Depois vieram os aminoácidos, que nos oceanos deram origem às primeiras células. Mas a vida não existe só sobre a Terra, segundo a opinião de reputados cientistas. (Nas páginas 14/15/22).



O "DL" NA MINI-COPA BRASILEIRA



José Augusto com Peres Bandeira

Uruguai é a pedra no nosso sapato

O enviado especial do «DL», Neves de Sousa, está no Rio para acompanhar a carreira sensacional da selecção portuguesa que, sob o comando de José Augusto, se mantém invicta na Taça Independência. Hoje, o nosso adversário é o Uruguai, duas vezes campeão mundial, e que começou por perder (1x0) com a U.R.S.S.. Um adversário temível, que tudo fará para evitar segunda derrota. (DL/Desportos).

DEPOIMENTO

Eu vi os massacres no Burundi

O drama de Biafra repetiu-se, ainda que em menores proporções, na ex-colónia belga do Burundi: duas etnias entraram em conflito e o que se seguiu foi uma chacina que causou seguramente mais de 100 mil mortos. «Pela primeira vez na história do nosso país» — disse o coronel Micombero, ditador do Burundi — «homens foram crucificados, mulheres esventradas, crianças esfaqueadas». A maioria hutu levantou-se contra a minoria tutsi que domina o país. A rebelião hutu foi esmagada, fala-se em genocídio ordenado friamente por Micombero. Uma testemunha ocular conta alguns factos estardalosos sobre estes acontecimentos, que começaram quando o antigo rei do Burundi, Ntare o Quinto, voltou do Uganda para reconquistar o poder. Foi morto durante a repressão: mais uma vez, Micombero ganhou. (Depoimento na p. 12)

DL/DOMINICAL



AL CAPONE: morrer de impostos

Do «best-seller» de John Kobler, «Al Capone Rei de Chicago», grande sucesso na Europa e nos E.U.A., damos hoje a segunda parte: «Morrer de Impostos». Um estudo de alto nível sobre a violência e a corrupção na era da «lei seca». Ascensão e queda do Napoleão do crime, num documento extremamente revelador. (Pags. 14/17/18/19).

ALGARVE, PARAÍSO COM MUITOS PROBLEMAS

HOJE: 32 PÁGINAS



O BEBÉ DE MASTROIANNI

Tem um mês de vida e chama-se Chiara, filha de Catherine Deneuve e Marcello Mastroianni. Catherine teve um filho há

oito anos; o pai foi Roger Vadim. Depois casou-se com o fotógrafo inglês David Bailey, de quem se divorciou amigavelmente

em fins de 1971. Tão amigavelmente que o autor desta foto, em que Catherine aparece com Chiara, é exactamente David

Bailey, que continua a ser o admirador n.º 1 da sua fotogenia. Catherine e Mastroianni conheceram-se em Paris durante

a rodagem de um filme sobre o drama de um casal que vive feliz até o nascimento do primeiro filho. (Camera Press/DL)

DL/DOMINICAL

SETE DIAS NO MUNDO

A morte à pena de morte



Andrew Lewis, condenado à morte, foi um dos que escaparam da cadeira eléctrica

Com uma votação de cinco a quatro, o Supremo Tribunal dos Estados Unidos tomou uma decisão que seria histórica em qualquer país e o é ainda mais na terra de Chessman, de Sacco e Vanzetti: aboliu a pena de morte. A decisão, mais de cem anos atrasada em relação a do constitucionalismo democrático português, constitui um grande passo em frente no apaziguamento da violência no grande país americano. É uma vitória daqueles que pensam não se dever responder à violência com a violência legal, daqueles que não acreditam na pena de morte como dissuasor do crime. De salientar que os quatro votos a favor da manutenção da pena de morte vieram precisamente dos quatro juizes nomeados pelo actual presidente, o qual, aliás, mostrou posteriormente ter ficado um pouco desapontado com a abolição. Desde 1967 que não se executa ninguém legalmente nos EUA. Por isso, a opinião do Supremo Tribunal de que a 8.ª emenda à Constituição, que proíbe «os castigos cruéis e pouco habituais», tornava a pena de morte inconstitucional não surgiu como uma surpresa. Em minha opinião, o que mais importa nesta decisão humanitária é que ela ilustra um certo estado de espírito, uma mudança nos antigos valores da sociedade americana, do «Far West».

SEGUNDA-FEIRA

— Andreotti foi oficialmente nomeado primeiro-ministro italiano com o seu novo governo de centro (ler centro-direita). Sendo curta a margem de que dispõe no Parlamento, não é de esperar que esta viragem à direita assegure a estabilidade governamental que a Itália há muito não conhece. O futuro dirá se o antigo chefe de gabinete de Gasperi é capaz de manter unido o seu partido. Para já, a ala esquerda não entrou no Governo, o que é um mau sintoma.

— Um vice-presidente do Congresso guatemalteco foi assassinado. Tratava-se de um dos chefes de uma organi-

A. VILLAVARDE CABRAL

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

zação de extrema direita, a «mano», responsável por centenas de assassinatos políticos, antes e depois da morte do embaixador Von Hollenben às mãos de um comando da esquerda.

TERÇA-FEIRA

— Socialistas e comunistas franceses chegaram a um acordo sobre um programa de governo, no caso de conseguirem chegar ao palácio de Matignon e, quem sabe, ao Eliseu. Remotas hipóteses. Mas o acordo inaugura uma nova era na política francesa. Os arranjos políticos do futuro terão de levar em linha de conta esta nova realidade cujo alcance, podendo até ser nenhum, é hoje imprevisível.

— O senador McGovern, «front runner» dos democráticos na corrida para a presidência, advogou uma revisão da política americana em relação à África do Sul e outros países africanos. O candidato preconiza que os EUA se descompramentem completamente na manutenção dos regimes «apartheidistas» da África austral. Não sendo de pôr em dúvida a sinceridade do senador, a verdade é que ele fez estas declarações para conquistar votos entre os negros americanos e os seus delegados à convenção de Miami. De entre os democráticos presentemente ainda na liça, Humphrey é ge-

ralmente tido como o mais popular entre as minorias raciais. McGovern pretende roubar-lhe esse campo, como já lhe roubou outros.

QUARTA-FEIRA

— Indira Gandhi chegou ao Paquistão para conferenciar com o presidente Ali Bhutto. Embora o encontro não se realizasse imediatamente — houve até algumas dificuldades que tiveram de ser resolvidas pelos dois ministros dos Negócios Estrangeiros — é talvez a paz que se avizinha naquela região do mundo que bem precisa dela.

— O Vaticano nomeou bispos polacos para as dioceses que passaram a pertencer ao território da Polónia depois do último conflito europeu. Trata-se de um reconhecimento de facto da linha divisória do Oder-Neise por uma entidade de indiscutível prestígio no Ocidente.

QUINTA-FEIRA

— A libra está flutuante, como toda a gente sabe. Mas flutua mal. Tem um rombo no casco. Lentamente vai afundando-se, apesar dos acordos do Luxemburgo. A desvalorização de facto foi de cinco por cento, mas tende a aumentar. São novos e grandes problemas para o Governo de Heath. É certo que, para competir no novo estado económico em que se vai integrando a Grã-Bretanha pode tirar vantagens da desvalorização, que diminui o preço das exportações e aumenta o das importações.

SEXTA-FEIRA

— Nixon anuncia que os EUA vão regressar às conversações de Paris para a paz no Vietname. Desta vez, não se podendo afastar de toda a hipótese de nada se conseguir, parece que será difícil não avançar qualquer coisa. As posições são diferentes de ambos os lados.

SÁBADO

— O fenómeno irlandês pode agora ser visto a uma nova luz. Sempre se tem culpado os católicos, o IRA especialmente, pela violência. Agora que ambas as facções dos republicanos concordaram na trégua, que as barricadas comecem a ser desfeitas, os protestantes mais extremistas não se colbem de erguer as suas próprias barricadas.



Indira com Ali Bhutto

Siga uma carreira profissional aliciante

Venha para ASSISTENTE de BORDO

OFERECEMOS:

- Remuneração muito acima do normal
- 13.º mês
- Subsídio de férias
- Salários diferidos
- Regalias sociais
- Viagens

SE POSSUIR:

- Pelo menos a secção de letras, sem deficiência, do 2.º ciclo liceal; ou
- 2.º ciclo liceal com uma deficiência em cada secção desde que não seja em Português, História e Geografia; ou
- Equivalências oficiais devidamente comprovadas

E REUNIR OS SEGUINTE REQUISITOS:

- Idade mínima: 18 anos
- Idade máxima: 28 anos
- Solteira ou viúva sem filhos
- Nacionalidade Portuguesa
- Altura mínima: 1,55
- Boa apresentação
- Não usar óculos
- Falar fluentemente inglês e francês (alemão como valor de preferência)

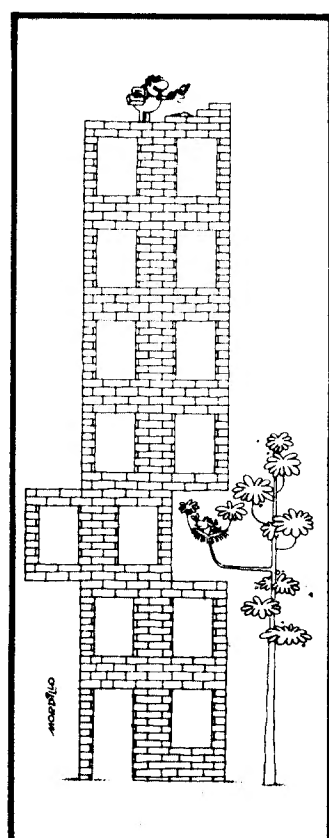
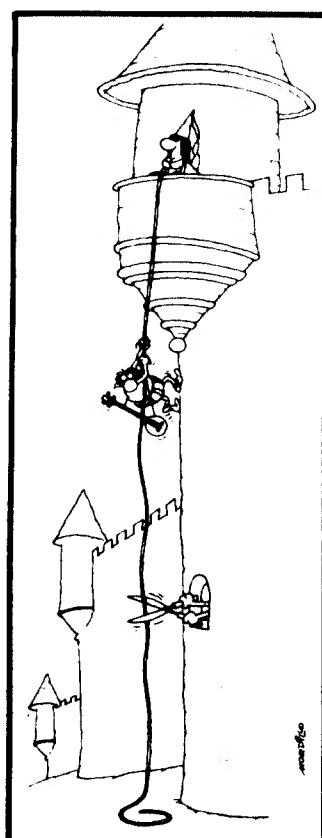
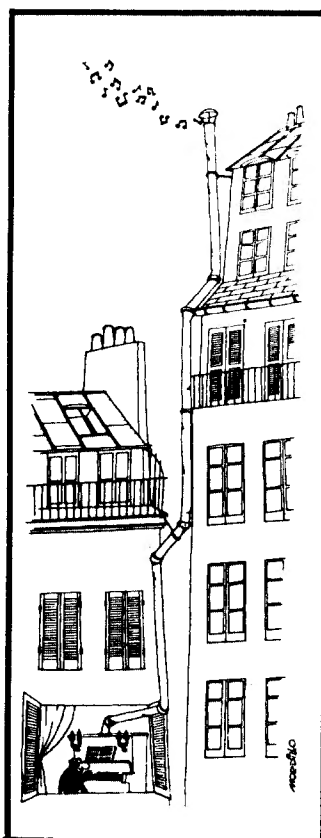
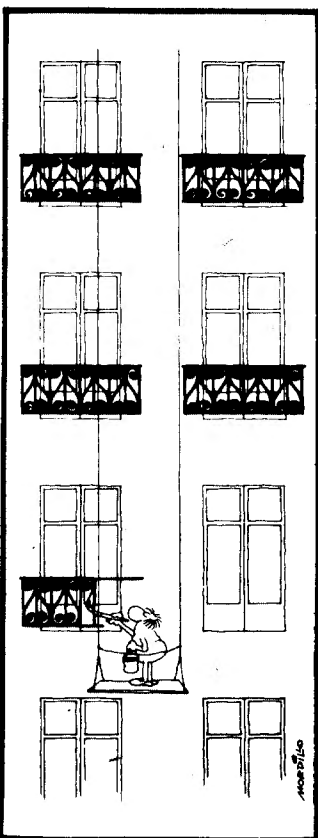
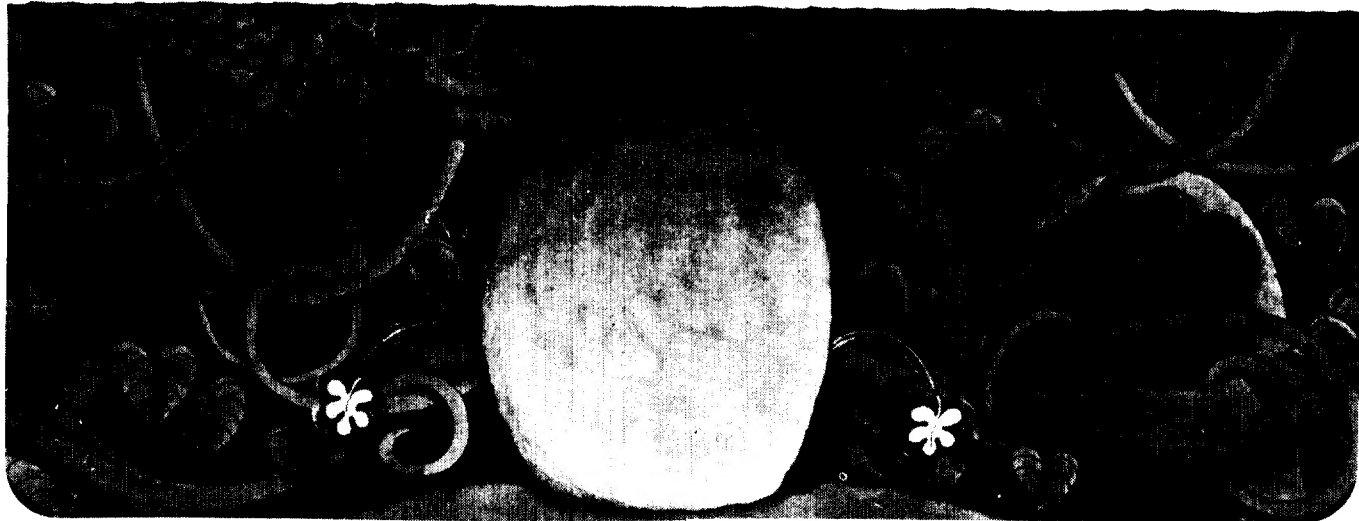
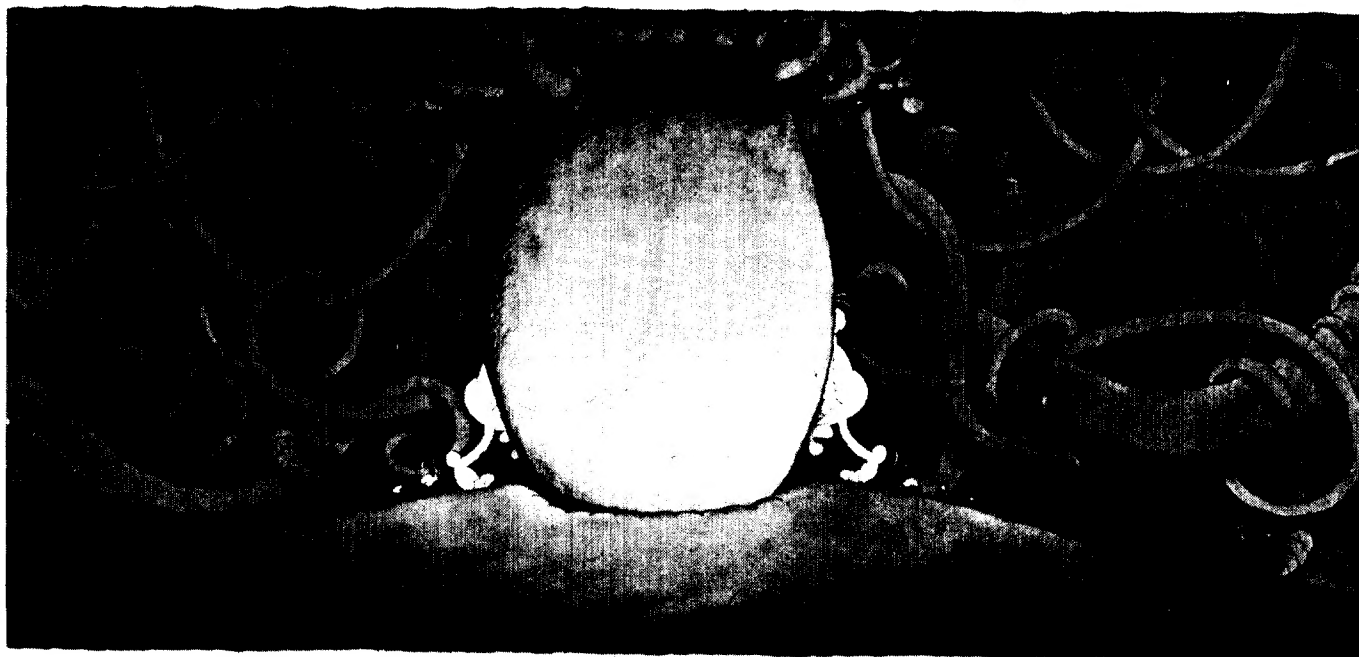
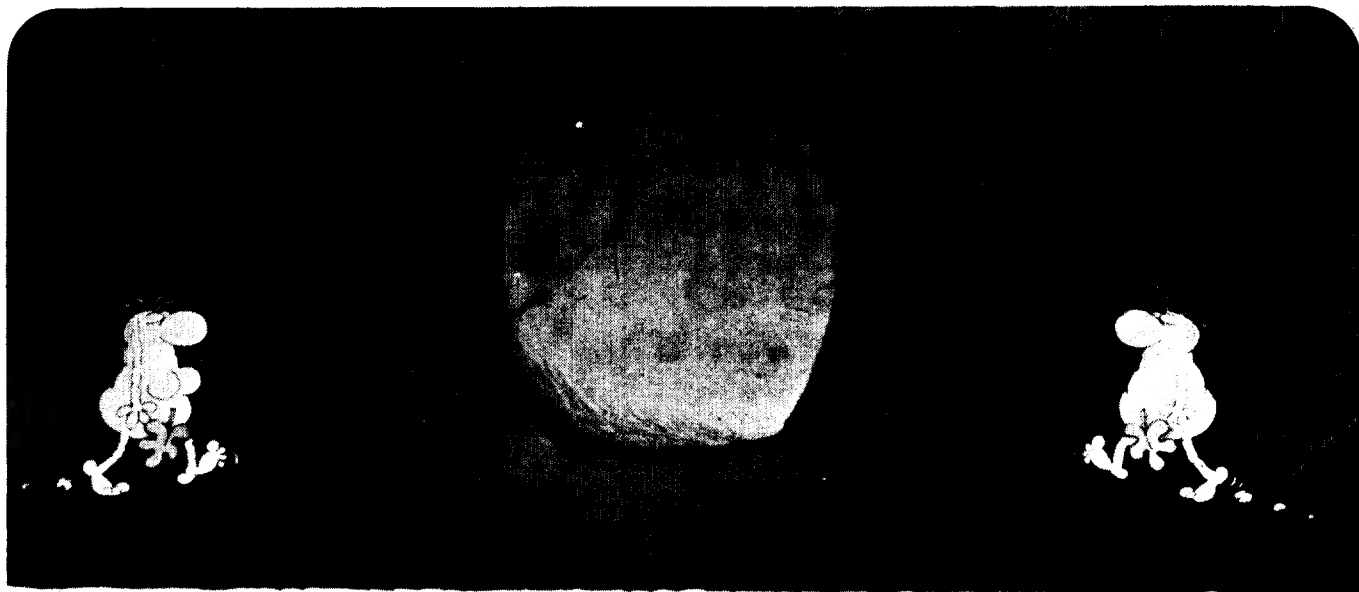
As interessadas devem dirigir-se à



Divisão do Planeamento do Pessoal
Edifício 25-1.º — Aeroporto de Lisboa



Mordillo



A SEMANA

1 «Oh senhores! Será possível uma democracia popular mais popular do que esta?», escrevia a «Época» de 27 de Junho, referindo-se ao regime português actual. O jornal — fruto da fusão do «Diário da Manhã» e da «Voz» — comentava em editorial a visita do Presidente do Conselho, prof. Marcello Caetano, ao conselho de Loures, no domingo passado. «Era o povo», escrevia o jornal, «o autêntico povo trabalhador e ordeiro, que não se perde em desordens e sabe onde estão os seus deveres e os seus direitos de cidadãos, que se manifestava ali, em massa compacta, na afirmação de uma grata alegria colectiva».

2 A «República» de 28 de Junho transcreve e comenta, em editorial, uma entrevista concedida por Duarte Nuno de Bragança, pretendente ao trono português, à revista brasileira «Manchete». Dom Duarte (a quem a «República» chama jacobinamente o senhor Duarte Bragança) deslocou-se ao Brasil no momento da trasladação para aquele país dos restos mortais de D. Pedro IV. Questão central da entrevista concedida à «Manchete» é a da restauração monárquica. Transcrevemos da «República»: «Para não desagradar de todo aos seus correligionários, embora sem qualquer convicção, o senhor Duarte Bragança quis afirmar ao jornalista que apesar de tudo não descreia do retorno da monarquia ao seu país pelo que se lhe tornava necessário estar preparado para tal eventualidade que, a dar-se, resultaria para ele num grande sacrifício. Não se amofine Duarte Bragança, nem se deixe assaltar ou possuir de tais preocupações porque o sacrifício que para ele resultaria do regresso à monarquia, nunca o suportará. O nosso povo concede-lhe essa absoluta garantia».

3 Transcrevemos ainda do editorial do jornal fundado por António José de Almeida: «Ainda em referência ao problema de Angola, Bragança afirma que procura manter contacto com responsáveis da oposição. E sobre o assunto conclui: — «De qualquer maneira, o diálogo é sempre útil. Ora aqui está um ponto em que estamos inteiramente de acordo.» Registamos: a) que D. Duarte tem contactos com a oposição (como esta está dividida, perguntamos: com qual oposição?); b) que a «República» e D. Duarte estão de acordo quanto à utilidade do diálogo...

4 E a propósito de republicanos e de monárquicos, transcrevemos do «Diário do Governo» (III série) dados sobre a situação da editorial monárquica Restauração, que edita o semanário «O Debate».

«O Debate continua a ser praticamente a única fonte de receita da editorial», lê-se no relatório do Conselho de Administração, a que preside Agnelo Galamba de Oliveira. «Os esforços feitos para valorizar essa fonte pelos dois únicos meios possíveis, assinaturas e publicidade, têm deparado com as dificuldades que afligem por toda a parte a imprensa periódica, em especial os jornais doutrinários não enfeudados a grupos financeiros. Apesar disso, conseguiu-se encerrar exercício com o reduzido prejuízo de 33990\$29».

5 O órgão oficioso do integralismo monárquico dá pois prejuízo, e segundo os seus administradores não se encontra enfeudado a grupos financeiros. Concluiremos que os «grupos financeiros» não são monárquicos? Concluiremos que são republicanos?

Câmara Municipal de Lisboa Casa da Comédia

APRESENTAM



Hoje e todas as noites pelas 21.45 horas
«A VIDA DO GRANDE D. QUIXOTE
DE LA MANCHA E DO GORDO
SANCHO PANÇA»

de António José da Silva (Judeu)
Encenação de Herlander Peyroteo

JARDIM DO PALÁCIO GALVEIAS
(Ao Campo Pequeno)

Bilhetes à venda no próprio local

Descanso companhia 2.ª-feira

Grupo B — 10 anos

DL/DOMINICAL

"TEEN-AGERS"



Fim de semana em Vilalara para a bela Conchita

Maria Conchita Alonso, Princesa Mundial das Teen-Agers 1971, foi, neste último fim de semana, a personagem central de Vilalara.

Conchita da Venezuela (foi assim que todos a ficaram a conhecer no ano passado quando da realização do concurso mundial organizado pelo nosso jornal) está agora a viajar por diversos países do Mundo, aproveitando o prémio que então recebeu.

Depois de Nova-Iorque esteve dez dias em Portugal. Seguem-se uma semana em Londres, 10 dias em Berlim e Munique (onde este ano se realiza o concurso mundial das Teen-Agers), uma semana na Suíça, mais uns dias em Lisboa e, finalmente, uma semana no Rio de Janeiro.

Estamos certos, porém, que

de toda esta viagem Conchita não poderá nunca esquecer os três dias que passou em Vilalara. Ela inundou Vilalara com a sua alegria a sua juventude e a sua beleza e regressou fascinada com o encanto daquele lugar de privilégio.

O CENÁRIO

Um dos «slogans» do Clube de Vilalara é: «O luxo supremo de poder escapar às multidões».

Realmente, quando vivemos numa época em que as multidões de turistas se atropelam em todos os lugares, Vilalara é o paraíso-excepção.

Situada numa enseada junto a Armação de Pera e sobre a praia das Gaivotas, o complexo turístico de Vilalara, idealizado e projectado por Almeida Araujo, integra-se na paisa-

gem algarvia, tornando-a ainda mais bela.

Trinta e cinco apartamentos de luxo, todos com entradas independentes, funcional e maravilhosamente decorados; um restaurante, um bar e uma boite, junto de uma piscina colocada numa península sobre o mar; campos de ténis e golfe; barcos para longos passeios pela costa algarvia ou para fazer ski; tudo isto é o que o visitante de Vilalara tem à sua disposição, integrado na paisagem, na temperatura e no céu do Algarve.

O PROGRAMA

O director de Vilalara, sr. Robert Van Wijk e sua mulher D. Manuela Van Wijk e o chefe do Departamento de Promoções Coronel Carlos Burnay esforçaram-se — e com todo

o sucesso por organizar um programa em cheio para a Princesa Mundial das Teen-Agers.

Passeios a cavalo, ski aquático, visitas às grutas da costa algarvia, pesca desportiva, dançar nas boites de Vilalara e do Hotel Algarve na Praia da Rocha, tudo isto foram alguns dos programas de Maria Conchita.

Finalmente, na última noite em Vilalara, foi a vez de Conchita da Venezuela retribuir um pouco todas as amabilidades.

Com uma descontração espantosa a Princesa Mundial das Teen-Agers 71 cantou para todos os hóspedes de Vilalara canções da América Latina, a começar no «Guatanamera» e a acabar no «Cielito lindo».

Quando, já em Lisboa, se falava em Vilalara, Conchita e os pais só diziam:

«... Es bellissimol».

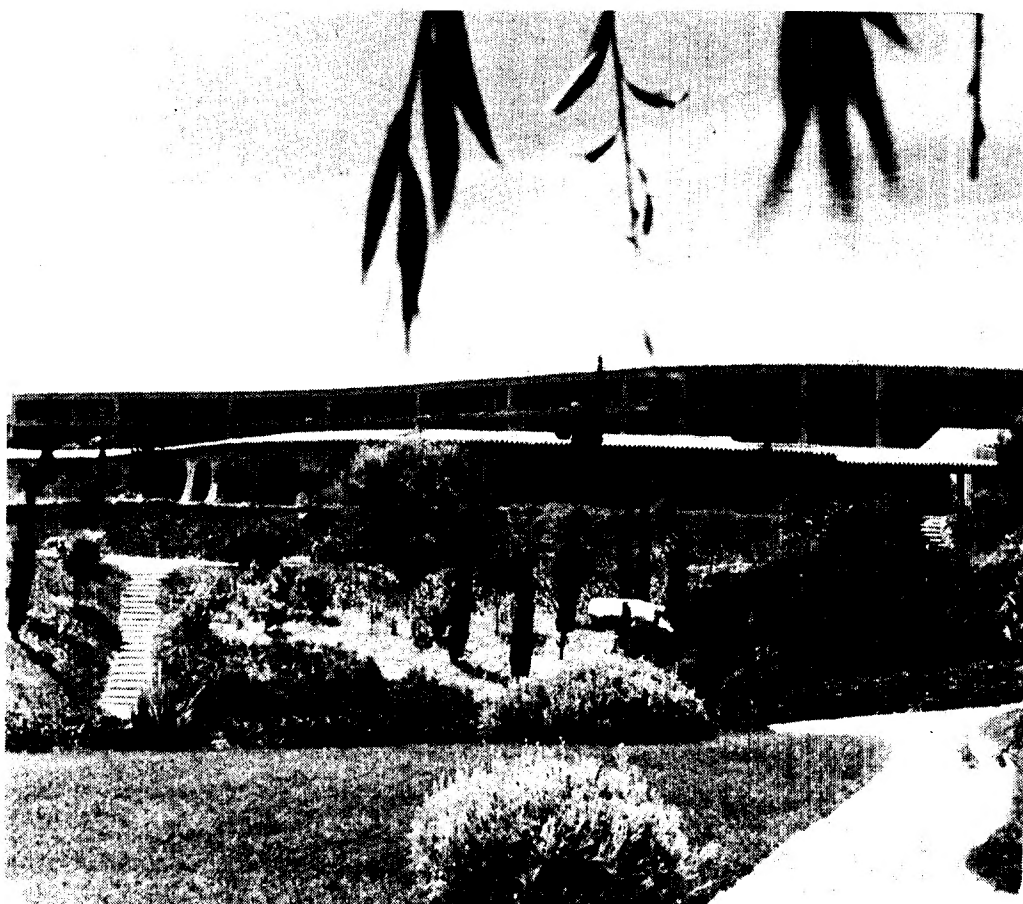
PRÁ BANHOCA

CALÇÃO HOMÉM 25	TOALHÃO PRAIA 39	BIKINI SENHORA 68
FATOS BANHO SENHORA 92	BIKINI MENINO E MOÇINA 2	CAMPRAIA COLCHÃO 250
TOUCAS SENHORA BANHO 12	A MAIOR COLECCÃO DO PAÍS 30	ROUPÃO FURCO 25

ARMAZÉNS DO MINHO

SEDE
LISBOA 5

ALVALADE (JUNTO AO MERCADO)
LISBOA 5



Vilalara, paraíso longe das multidões

ARMAZÉNS DE REVENDA

INAUGURA AMANHÃ

(2.ª FEIRA)

ESPECIAL PARA COMERCIANTES REVENDEDORES E FEIRANTES

ROUPARIA, COBERTORES, TECIDOS
CONFECCÕES, ATOALHADOS, DETERGENTES
e COSMÉTICOS, etc.

AVENIDA DE ROMA, 106

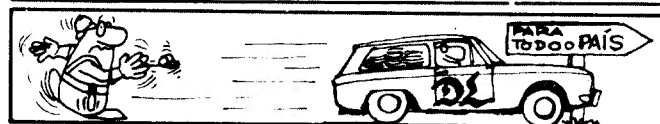
(Junto ao Metro Alvalade) — LISBOA, 5

ARMAZÉNS DO MINHO

ALVALADE—LISBOA-5

Informam os Ex.ªs Clientes que AMANHÃ e todas as 2.ªs FEIRAS abrem as suas portas às 15 horas, estando encerradas da parte da manhã, para descanso do pessoal.

A GERÊNCIA



O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Higinio Ferreira Neves S. João das Lâmpas ASSA-FORA

CARTA DO BRASIL

CHIANGA DE GARCIA

DO PRAZER DE SER ÚTIL E GRATO AO MESMO TEMPO

Vai surgir agora no Brasil um dicionário que só o anúncio da sua publicação criou dois exércitos prontos à discórdia. Trata-se do Dicionário Brasileiro do Palavrão. De um lado propõem a sua queima em auto de fê. Do outro, anunciam-se foguetes de regozijo. Mas, se a favor, o que é lógico, está o romancista Jorge Amado, o que, ao mesmo tempo, desorienta as hostes pudibundas, é saber-se que o grosso volume tem um elogiativo prefácio assinado nada mais, nada menos, do que por Mestre Gilberto Freyre, o sociólogo tão amado e querido das direitas. Há, portanto, uma pausa de desconfiada expectativa.

Tempos atrás eu recebera um questionário com doze perguntas que o autor mandara distribuir entre escritores, gente de teatro, artistas, professores, médicos, estudantes, operários, advogados, engenheiros, mulheres de cabaret, e outros, em escala até talvez mais baixa.

Quais são, em seu entender, os palavrões de uso mais universal? Quais os que mais o têm impressionado?

Estas eram duas das doze perguntas. Respondi que por ter uma espécie de dupla nacionalidade todos os palavrões que encontrei aqui já os aprendera, em criança, como filho da família classe média, na minha cidade de Lisboa, e que todos tinham vindo para o Brasil, por certo, com Pedro Álvares Cabral. Aqui, quando muito, se ajeitaram à natureza e à paisagem, misturados, é claro, com coisas novas vindas de uma África erótica, e que os gritos dos escravos, quando o chicote era lei, espalhando-se onomatopaicamente pelas casas-grandes, iam-se fixando na memória dos meninos que lhes sabiam descobrir o sentido. Isto sem esquecer as expansões por certo rudes aprendidas com os índios de mil-e-uma tribos. Actualmente, creio que há só umas cem. Mas hoje não tem mais limite. Ha palavrão à beça espalhado por italiano, e estes têm abusado de um material riquíssimo, devidamente completado por gestos. Os espanhóis não lhes ficam atrás. Os japoneses, e nicamente, dizem-nos sorrindo. E nós, portugueses, no Brasil, aceitamos com facilidade qualquer miscigenação mesmo na pornografia...

OS PERIGOS

Ora se Mário Souto Maior, o autor do Dicionário, anuncia cerca de três mil verbetes, eu gostaria de vir mostrar, aqui e agora, a minha erudição no assunto. Mas, aí de mim! — se fosse fazê-lo creio que as legiões da decência iriam com razão incendiar este número do nosso *Diário de Lisboa*, muito embora os exemplares subtraídos à fúria iconoclasta, acabassem sendo vendidos a peso de ouro. Você não comprava?

Trato pois, do caso, apenas como curiosidade do actual tempo brasileiro. E quem quiser pode tomar nota: a edição do Dicionário pertence ao honrado Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, na cidade do Recife, Estado de Pernambuco. Mas o assunto, assim cercado, não dá para uma crônica. Vamos, pois, sair para outra...

DESASTRE

Na onda dos 150 anos da Independência, subiu à cena num dos maiores teatros do Rio (o João Caetano) uma peça da época justamente intitulada *Independência ou Morte*. Bem, o assunto já foi tratado em teatro.

dezenas de vezes. O material é sempre o mesmo. O Príncipe Regente, os seus amores fáceis, a paixão pela futura Marquesa de Santos, as duas esposas vindas da Europa, seus gestos ora bruscos, ora sentimentais. Enfim, nada de novo. O pior é que numa peça com cerca de cem figuras em cena, o director se perdeu completamente, habituado como estava a um teatro-nho de sua propriedade, com um palquinho de nada, em peças sem cenário e no máximo com três artistas contracenando. De aí a estreia ter sido, na representação, um desastre. No género (isto para quem se lembre) dos irmãos Marx em *Uma Noite na Ópera*. O negócio destinava-se a uma longa carreira. Mas o insucesso da primeira noite quebrou-lhe o impeto. Para o empresário chegou mais depressa a morte do que a independência...

MUSEU?

Transcrevo do *Jornal do Brasil* de hoje: — «O diplomata Manuel da Silva anunciou ontem ao Governo da Guanabara que a Embaixada de Portugal vai se transferir para Brasília no dia 31 de Julho, fechando aqui no Rio não só as suas instalações da Rua São Clemente, como também o consulado que funciona na Praia do Flamengo. O Consulado-Geral de Portugal irá ocupar um prédio na Candelária. Aliás, é certo que a Fundação Calouste Gulbenkian irá comprar o palacete da Rua São Clemente para ali instalar um museu».

O quê? Um museu? E andamos nós durante dez anos insistindo, defendendo, implorando, a transformação do palácio de São Clemente na Universidade da Língua Portuguesa! Para chegarmos a isto: um museu. De quê? De folclore? Dos velhos coches das majestades antigas? De retratos? De incunábulo e coisas assim? Um museu de Portugal no Brasil? Mas para quê? Já é. O que se tornava necessário, aqui, era um Portugal vivo, vivo, vivo, v-i-v-o! bem presente na cultura e na juventude criadora das suas novas gerações. Senhores, olhai a Antologia da Novíssima Poesia Portuguesa.

Um museu! Desculpem, mas que falta de imaginação. Dez anos. Dez anos lutando aqui por um sonho. O sonho de apresentar, bem viva, no Brasil, a actual cultura jovem portuguesa. Dez anos. De tudo que escrevi sobre o assunto dava até para um volume de trezentas páginas! Só peço que me desculpem este último desabafo. O último. Juro.

AS CARTAS

O *Diário de Lisboa*, a mim, tem proporcionado horas felizes. O prazer de me sentir compreendido. E que escrevo com o coração nas mãos. São disso prova as centenas de cartas que tenho, semana a semana, recebido de leitores. Todos eles, na sua maioria com menos de trinta anos. A ponto de, para não transformar esta página numa missão de guru do optimismo, resolvi responder a todos particularmente. Algumas cartas é certo, são aneddoticas. A de um leitor dizendo: — Chego ao aeroporto do Galeão, dia tal, às sete da manhã, onde espero en-



contrá-lo, para depois ser apresentado a gente importante do mundo das artes e das letras. E claro que não apareci. Há uma leitora a quem, a seu pedido, pus em contacto, por correspondência com jovens brasileiros, a Zulmira. Acho que me trocou por algum deles. Ainda ontem chegou Emílio Mesquita (6.º vara civil de Lisboa) desejo de polemizar acerca do que escrevi sobre Homens e Pássaros. Do Funchal dizia-me recentemente Mateus de Gouveia: «Um abraço pelo artigo da sua fecunda pena, inserto em 2 do corrente».

Importantes, porém, para mim, são os que me vêm acompanhando ano após ano. E são vários. São os que me dão a certeza de que estas cartas não são tão efêmeras como parecem. E isso me dá o orgulho de não me sentir um homem na sua solidão.

Ainda há poucas horas recebi uma carta de oito páginas, batidas à máquina, da qual ousou retirar estas quatro palavras: *consigo estou à vontade*. Esse leitor que entrou em contacto comigo há pouco mais de um mês é o Fernando Marques Pinheiro, pessoa de vivência internacional e que está concluindo um romance a que deu o título de *Tia Gertrudes e as Invasões*. Tenho esperanças de que seja um grande e belo livro.

O DIÁLOGO

Tenho receio, agora, de ferir a susceptibilidade dos meus jovens correspondentes de mais antiga assiduidade. Mesmo assim, vou citar em primeiro lugar Jorge Máximo Heitor. No começo escrevia com dificuldade. Depois foi melhorando. Hoje já é jornalista e recebo frequentes recortes de artigos que vai assinando aqui e ali. Vejam este trecho de uma carta em tom familiar enviada a 2 de Junho: «Estive há dias no interior barroco da igreja dos Anjos. Foi como se estivesse assistindo ao teu baptizado no início do século. Foi como se lá tivesse deixado o perfume dos teus doze anos no alvor da República Portuguesa. Toda a carta, tão poema, está porém impregnada de desalento. Um tom a que eu respondo jogando sobre a sua cabeça embora frágeis flores da esperança».

Não, leitor, não tome isto como um caso pessoal. É mais importante. Trata-se de um desejo de diálogo, de desabafo, nessa inquietação em que se debate a juventude de todo o mundo. A necessidade íntima de confiar. E

quais já não são deste mundo. Mas, cuidado. Lembre-se de que nisso tudo eu fui apenas um mero participante.

Copacabana, Santo António de 1972

ILUMINAÇÃO FLUORESCENTE BALASTROS



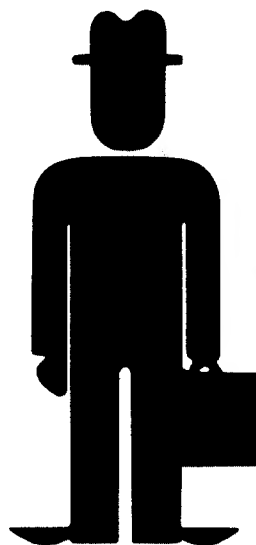
NORMAIS E PERFECTSTART

J.F.

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, Lda

TEL. 654165 * LISBOA

para si
um lugar seguro...
na IMPÉRIO



EMPREGADO DE SERVIÇOS EXTERNOS

CONDIÇÕES DE PREFERÊNCIA

- Idade entre os 25 e os 35 anos.
- Habilitações literárias: 7.º ano liceal ou equivalente.
- Disponibilidade para exercer a actividade em qualquer ponto do País.

Estágio remunerado

Não é necessário ter conhecimentos sobre a actividade seguradora.



Responda por carta manuscrita, acompanhada de fotografia recente.



AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

Companhia de Seguros Império
SERVIÇO DE PESSOAL
Apartado 106 — LISBOA-2



JORNAL DOS ESPECTÁCULOS



UM FIM PRECIPITADO

Terminam hoje na Casa da Comédia as representações da peça «Deseja-se Mulher», de Almada Negreiros, numa encenação de Fernanda Lapa, ex-actriz do Teatro Experimental de Cascais. Razões de força maior levam a direcção da Casa da Comédia a precipitar o fim das representações. Lamentamos isto pois, apesar de termos entrado no período estival, a peça tinha, dadas as características da «leitura» proposta por Fernanda Lapa, condições para permanecer algum tempo mais em cena.

SANTIAGO CASAL



«Deseja-se Mulher»

«BLANCHE» E O LÍRIO

Já na entrevista com o Claude Michel Cluny foquei, a propósito dessa película absolutamente extraordinária que é «Blanche», de Walerian Borowczyk, agora exibido na Gulbenkian, a importância que o cineasta polaco concede aos objectos. Nunca vimos, em cinema, uma tão cuidada composição de interiores, quadros, móveis, espelhos. O primado do ícone? As primeiras imagens são de livro de horas; depois, pouco a pouco, do locus amoenus medieval (paraíso perdido de iliminura) avançamos para o mundo dos compromissos das vilezas; das violências. Mas quem as exerce? O Rei (única personagem covarde por detrás do escudo do poder); e o Senhor Feudal, cuja atitude repressiva — intolerância, ciúme, absurdo e exasperação — vai artilhar a série de desgraças (autêntico massacre) que há-de suceder-se, no final, em ritmo quase alucinatório, mas sempre —

e isso é muito importante — mordido pela ironia. Todos os eventos projectam a sua sombra irónica e crítica numa segunda leitura da película. O coração fútil (?) de Bartolomeu ressoa como bronze um macaquinho passeia-se entre os jogos do amor cortês, o punhal com que o capitão tenta, pela primeira vez, suicidar-se, crava-se na tábua dourada que representa uma entidade pia. O frade nega aos amantes platónicos (mas adulterinos pela volição, ai Provença dos cantares de amor!) o lírio branco cuja pureza só da Igreja pode ser pertença. Figuras e coisas são á nossa vista, ora bucólica ora sarcástica ora cruelmente, «manipuladas». O realizador mantém-se sempre acima da acção excepto talvez nas últimas sequências em que há concessão mais nítida ao dramatismo. O falso ascetismo e a beleza dos objectos têm o seu contraponto numa dicotomia do mundo, que evoca (e estamos na Idade Média e num aparente esteticismo) Maio 68: a assunção da dignidade de viver (e até de morrer) pelos jovens.

URBANO TAVARES RODRIGUES

O QUE HÁ PARA VER

Este fim de semana até que não está nada mau em matéria de filmes: além do «Citizen Kane» de Orson Welles, há um excelente trabalho de Damiano Damiani no Estúdio 444, sobre Mafia e adjacências («A Mulher Mais Bela»); um filme inglês sobre a novela de Soljenitsin, «Um Dia na Vida de Ivan Denisoch», no Apolo 70; duas reposições interessantes no Alvalade e no Mundial, respectivamente «A Nave dos Loucos» e «As Quatro Penas Brancas»; e ainda, em continuação, os maiores sucessos da temporada, «Trinitá, Cow-Boy Insolente» (23 semanas) e «Não Desejarás o Delicadinho do 5.º» (20 semanas). Pierre Richard, com «Os Azules de um Homem de Sorte», teve pouca sorte no Império, mas ainda pode ser visto no Europa. Em matéria de teatro, há uma admirável revista no Monumental, «P'ra Frente, Lisboa», com um Solnado cada vez melhor e uma Florbela sensacional. No Maria Vitória despede-se hoje «Pronto a Despir», que tem momentos muito divertidos e um elenco em que Salvador, Ivone Silva e Nicolau Breyner são os destaques.

SANTIAGO CASAL

A ARTE DE NÃO PARAR

Quem de nós não se deliciou, na sua pequena idade, com os palhaços? Quem não estremeceu de pavor com o arrojo do trapezista? Quem não revirou os olhos com a magia dum professor qualquer coisa que sabia dizer-nos, sem mais nem quê, quantos dentes nos tinham caído, vítimas da nossa gulodice?

Isso era noutra época e noutro lugar. Aqui, na grande cidade, as crianças apenas têm oportunidade de ver o circo de longe em longe.

Os baldios não abundam, e as receitas fracas, pela concorrência de outras modalidades de diversão, afastaram as companhias circenses. Que já não são nada do que eram dantes.

Lisboa, desse ponto de vista, e tanto quanto sabemos, é uma cidade pobre. O Porto, por exemplo, ainda vai tendo o Mexicano, o Cardinalli. Neste momento está por lá o Circo Itália.

Soubemos há pouco que vai ser rodada uma película portuguesa sobre a vida dessa gente. Precisamente esta companhia de que falámos estaria convidada para o filme. O tema foi explorado no nosso e noutros países. Muito está dito, e muito mal dito bastantes vezes. Se nos lembrarmos de Charlie Chaplin, teremos confiança.

O que interessava agora era uma revivificação. Ainda há muitas crianças que a partir daí vivem dias maravilhosos. E muito adultos que têm pena de não terem filhos, para com eles encobrirem a sua presença, sob o toldo de Iona.

Ainda há muita falta de espectáculos por esse país fora. O ambulante é fascinante e muito útil. O circo é uma das artes mais espectaculares, com maior capacidade para reunir muita gente. Se caiu na monotonia, não sabemos a que se deve.

ROGÉRIO VIDIGAL



DALILA QUEIXA-SE DOS LOBOS MAUS

Era o que todos me diziam, todos os meus colegas que tinham estado «aqui». Eu chamo a isto «aqui», porque na verdade ainda me «sinto» e «sei» que estou segregada. Era a selva. Já o sabia. Mas ainda não me tinha dóido na pele. É impressionante, mas não consegui encontrar aqueles «guardiões» da selva que apontassem por onde é que se saíria dela ou se sobreviveria por inteiro dentro dela. Eu bem procurei. Houve mesmo um «colega» que amavelmente se ofereceu para me arranjar trabalho... fora do teatro.

Quem diz isto, numa entrevista, é Dalila Rocha, uma actriz que foi ou é ainda do TEP, que começou com António Pedro, que fez, segundo me dizem, trabalhos interessantes. No momento ela fala da selva, mas talvez ficasse extremamente chocada se uma outra pessoa, no caso eu, tendo chegado de longe após anos de ausência, lhe dissesse ver nela exactamente um dos mais agressivos ornamentos dessa selva. Porque se vivemos efectivamente numa selva, a culpa cabe-nos a todos, individual e colectivamente. Eu — passe a imodéstia — sou um lobo mau; você, Dalila, é uma serpente ou outra coisa qualquer, escolha o que mais lhe convém. E se tivermos a humildade ou o espírito de autocritica bastantes para admitir isto, talvez a selva venha, com o tempo, a ficar mais habitável.

Outro dia pedi a um colega que entrevistasse uma jovem actriz. A jovem actriz tem a cabeça cheia de ideias, só fala em Gutkin, em Grotowski, em Brecht, mas é literalmente uma principiante e representa muito mal: não sabe colocar a voz, não aprendeu ainda a movimentar-se em cena, não domina a técnica mais elementar da sua profissão. Mas sabe perfeitamente e repete-o com o maior desembaraço que o empresário que a contratou é o Mal, que o teatro de consumo embrutece o consumidor e que os respectivos intérpretes são cúmplices oportunistas de uma explosão malsã. Então, na entrevista, ironizou sobre o empresário, ironizou sobre a peça, ironizou sobre todas as coisas que constituem o seu ambiente concreto actual. Situa-se numa outra esfera de coisas que deveriam ser feitas e que ninguém faz, coisas relativas a um mundo ideal que não existe em parte alguma, excepto na imagi-

nação dos que julgam redimir-se pela simples declaração de intenções.

Não estou a pregar o conformismo. Apenas acho ridículas estas queixas declamadas enfaticamente ao longo dos tempos sobre problemas que ninguém ajuda a resolver com eficácia. Uma actriz capaz de representar a «Ofélia», pode rebelar-se contra o teatro convencional ou de consumo; uma actriz que manifesta todas as suas insuficiências até num descontraído ensaio de leitura devia, antes de botar a boca no mundo, aperfeiçoar-se nos rudimentos do ofício. Seria bem melhor para ela e para nós, espectadores.

Por falar nisso:

Entre nós, em toda a linha, os artistas estão completamente desorientados. A crónica teatral jornalística, na imensa maioria, profundamente ignorante; o público, «educado» pela crónica, decorando o nome das atrevidas mediocridades, que ela — a perda — lhe recomenda; o mais sórdido mercantilismo explorando a voz, a plástica, a reputação equivocada e o descaimento pessoal de nulidades intrusas; uns pigmeus da imprensa acobertando com a sua ridícula protecção os pigmeus do palco; em resumo, o teatro considerado, por uns, como antecâmara de bordel — e por outros como a única profissão que dispensa estudo, dignidade e inteligência. Entretanto, as raras vozes indignadas pregam no deserto; os bons e prometedores talentos sucumbem, à mingua de animação; a imprensa e o palco vão vivendo no desprezo mútuo, e um véu de desdém envolve gradualmente a mais poderosa manifestação de arte, a mais opulenta e ubérrima de ensinamento e de vida.

Quem escreveu isto foi um senhor chamado Silva Pinto, num livro intitulado «Combates e Críticas», editado em 1882 no Porto, com prefácio de Camilo Castelo Branco. Já naquele tempo o teatro estava à beira do abismo, vegetava entre mercantilismo e mediocridades. Que é que mudou? Nada, claro. Quer dizer, mudaram as definições: agora os grandes culpados são o «sistema» ou a «engrenagem». Designações que, no fundo, servem também para acobertar a impotência dos pigmeus e a falta de talento das nulidades promovidas pela crónica.

ARMINDO BLANCO

RECOMENDAMOS "O MUNDO A SEUS PÉS" DE ORSON WELLES

PRAIA OU MARTÍRIO?

A Costa da Caparica não é mais aquela praia onde era possível encontrar-se um lugar para umas horas de descanso sem incómodo. A multidão que ali acorre (sobretudo aos domingos, que são os únicos dias livres que restam para isso aos pobres trabalhadores como eu) já descobriu

tudo — e por toda a parte se levantam tendas, barracas de venda de cervejas e sandes, etc. A paz já não mora naquelas bandas.

Logo de manhã, começam a pejar-se de carros os caminhos para a ponte sobre o Tejo. Roda-se lentamente até à portagem, milímetros

Crônica de DOMINGO

TORQUATO DA LUZ



a separarem os automóveis uns dos outros. Chegado à Costa, o pacato cidadão verifica, desgostoso, que não há espaço para deixar um triciclo, quanto mais um automóvel! Dirige-se, então, para os lados da Fonte da Telha. O acesso da estrada principal à praia são cami-

nhos poeirentos, em cujas bermas os automobilistas vão arrumando desordenadamente os seus veículos. (No regresso, muitos verificam que estão enterrados ou, o que é mais triste, foram assaltados, abalroados, etc.)

A praia, extensíssima, começa a tornar-se pequena

para as invasões dominicais. Muita gente prefere, então, ficar pela mata, onde consegue, sem que se saiba como, meter os carros. Ali faz piqueniques, acende lume para aquecer a sopa, deixa latas de conserva, enfim, polui. E agradável ver tanta gente ao ar livre, gozando as delícias da natureza! Mas dói quando se vê a selvajaria de que tantas vezes dá prova. E dói, principalmente, verificar como está inaproveitada uma zona das que potencialmente mais condições têm, neste país, para o turismo.

Efectivamente, ao olhar para aquela enorme extensão de areia e para a grande mata que a protege, qualquer de nós não deixará de pensar como seria bom se os caminhos poeirentos passassem a ser estradas asfaltadas e se houvesse parques de estacionamento em condições (para não se ficar enterrado) e devidamente guardados (para que não sofressemos a surpresa dos assaltos). Como seria bom! Como seriam diferentes os domingos na Costa!

ASSISTÊNCIA MÉDICA AOS BENEFICIÁRIOS DA PREVIDÊNCIA SOCIAL NO DISTRITO DE LISBOA

POSTO CLÍNICO N.º 105 091 (MAFRA)

A CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA, COMUNICA QUE O POSTO CLÍNICO N.º 105 091 (MAFRA), A PARTIR DO PRÓXIMO DIA 3 DE JULHO, PASSA A FUNCIONAR NO 1.º ANDAR DAS INSTALAÇÕES DO HOSPITAL DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE MAFRA.

A DIRECÇÃO

ENGENHEIRO

Mecânico ou electrotécnico, com experiência comercial para lugar de destaque em empresa metalomecânica do Porto.

Indicar antecedentes, referindo idiomas que domina e todos os elementos que possam facilitar uma apreciação. Sigilo absoluto.

Resposta à Delegação deste jornal no Porto, Rua do Almada, 30, 2.º, ao n.º 230.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

AVISO

Avisam-se os subscritores das obrigações da emissão «C. P. 6 3/4%, — 1972 — 3.ª Série» de que, a partir de 1 de Julho p. f., podem receber nas Instituições de Crédito onde subscreveram as respectivas obrigações, ou nas abaixo indicadas, o juro de 32\$06,25 por cada obrigação, correspondente ao 1.º semestre de 1972 mediante a apresentação da cautela representativa das obrigações subscritas.

Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa
Banco Fonecas & Burnay
Banco Pinto & Sotto Mayor
Banco Português do Atlântico
Banco Totta & Açores

Lisboa, 26 de Junho de 1972.

A COMISSÃO EXECUTIVA



Porto Branco Seco é um aperitivo exigente

Não gosta de misturas

Ele aí está.
Aperitivo e sem disfarces.
Porto Branco Seco sem misturas.
Gelado no frigorífico.
À sua saúde.

Porto
é bom companheiro

DL/DOMINICAL

JERRY WATSON ESCREVE DE HOLLYWOOD



Ann-Margret e Roger Smith já estão ricos



Peter Finch



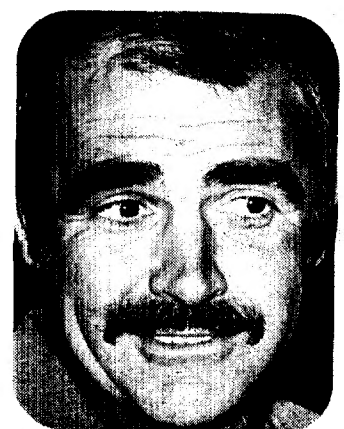
Olivia Hussey



Hitchcock impressionou os chineses



Stanley Baker



Sean Connery

Charles Boyer, ídolo romântico da tela durante os anos 40, põe termo a um afastamento de quatro anos do cinema para desempenhar o papel de um homem de 210 anos na refilmagem de «Horizonte Perdido», cuja primeira versão foi dirigida por Frank Capra. Boyer, que vive actualmente em Paris, volta a Hollywood para interpretar o Lama Supremo de Shangri-la. Outros nomes do extraordinário elenco são Peter Finch, Liv Ullmann, Sally Kellerman, George Kennedy, Michael York, Olivia Hussey (a grande revelação do «Romeu e Julieta», de Zeffirelli) e Sir John Gielgud. «Boyer é o actor ideal para o papel do Lama Supremo» — disse-me o produtor Ross Hunter. «Embora o cenário seja o Tibete, o Lama Supremo é, na realidade, um sacerdote belga atraído pela magia de Shangri-La, misterioso paraíso onde o amor domina a vida e esta quase não tem fim».

JESUS

O álbum «JESUS CHRIST SUPERSTAR» já registou 35 milhões de dólares de vendas brutas em todo o mundo, colocando-se à frente de «Sgt. Pepper», dos Beatles. Em Hollywood, a Universal está a representar a peça num teatro ao ar livre contíguo aos seus estúdios, o que atrai diariamente milhares de jovens. Existe um Movimento de Jesus em Los Angeles que está alastrar por todo o território norte-americano.

JÓIAS

A actriz JILL ST. JOHN disse-me que tenciona abrir uma cadeia de armazéns para a venda de jóias autênticas, de que até agora tem sido colecionadora. Quando não estiver a filmar, viajará em busca de artigos para as suas lojas.

A TURISTA

ANN-MARGRET e seu marido, o actor Roger Smith, disseram-me terem ganho já o suficiente para se aposentarem.

Todavia, ela não pensa de modo algum retirar-se: acaba mesmo de assinar contrato para interpretar, ao lado de Jean-Louis Trintignant, o filme «The Outside Man», um tenso drama envolvendo um ladrão francês e uma jovem turista americana.

O GOLPE

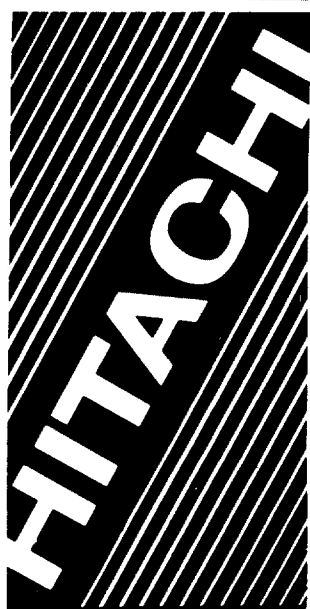
SEAN CONNERY disse-me textivamente que não interpretará o papel de 007 em «Live and Let Die». Afirma não necessitar de dinheiro e acrescenta que o seu tempo, agora, é dedicado à sua própria companhia produtora. Mas admite que a série de James Bond lhe proporcionou a actual situação financeira, bem como a fama mundial como actor. Nos fins de semana, Connery viaja de avião de Londres até Marbella, na costa andaluza, a fim de jogar algumas partidas de golfe com os amigos. Stanley Baker possui uma casa perto da vivenda de Connery, no «GKUALMINA Golf Course». As partidas entre os dois atraem sempre grande número de curiosos.

A MÚSICA

KIRK DOUGLAS será o actor principal numa versão musical de duas horas, para a TV, de «Dr. Jekyll and Mr. Hyde». O compositor Lionel Bart escreverá a música para o filme, destinado a exploração internacional.

A VISITA

Membros da equipa chinesa de pingue-pongue recordar-se-ão, durante muito tempo, da sua visita a Hollywood, onde disputaram o último encontro da sua digressão por sete cidades dos Estados Unidos. No decurso de um almoço nos estúdios da Universal, tiveram oportunidade de conhecer Alfred Hitchcock, Walter Matthau, Vincent Price, Patty Duke e outras celebridades. Na visita à Disneyland, tiraram mais fotografias do que todos os fotógrafos de imprensa que os acompanhavam.



HITACHI

Autorádios
Rádios Transist.
Alta Fidelidade
Gravadores
Aspiradores
Ventoinhas
Ar Condicionado
Exaustores
Máquinas de Cozinha

HITACHI

o maior prestígio japonês representado por

NOGUEIRA INTERNACIONAL

Exposição e Vendas
Av. República, 41
Tel. 779151 — Lisboa

R. Santos Pousada, 678
Tel. 53867 — Porto



CASA DA COMÉDIA
As Jan. las Verdes
HOJE pelas 22 horas

«DESEJA-SE MULHER»

d. ALMADA NEGREIROS
Marc. pelo Telef. 67 72 99 até às 21.45 h.
Grupo D — Maiores 18 A.
Subs. Fundo Teatro

Nas CALDAS DA RAINHA o «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido no Estabelecimento de Pedro Franco.

Pilatejo, Sol e Touros

Dia 9 de Julho: Formidável FESTA CAMPERA

Verifique as suas qualidades de «diestro». Delicie-se com a boa cozinha regional fornecida pelo HOTEL ABIDIS de Santarém. Passe um dia maravilhoso onde estiveram as «Misses», no LEZIRÃO - Casa Branca da

CASA AGRÍCOLA FRANCISCO RIBEIRO

INFORMAÇÕES E RESERVAS



Av. António Augusto de Aguiar, 88-C—42185
Rua dos Caminhos de Ferro, 62-C—868588
ou na sua habitual AGÊNCIA DE VIAGENS

DL/DOMINICAL

FESTIVAL DO RIO

Amanhã a primeira classificação

É já amanhã que começamos a publicação regular da classificação dos artistas mais votados pelo público para a representação portuguesa no VIII F. I. C. Sempre lhe vamos dizendo que a votação está a decorrer muito equilibrada e que a diferença que separa os cinco primeiros não concede a nenhum deles uma segurança por aí além. A luta está a aquecer e promete.

Voltemos, entretanto, a esclarecer os nossos leitores que só se aceitam os votos que venham inscritos no cupão que o «DL» publicará diariamente. Insistimos neste ponto porque continuam a chegar aos nossos escritórios indicações de nomes de intérpretes em cartas e postais e não nos cupões. Pois o cupão é essencial. Pode ser enviado para os nossos serviços, Rua Castilho 185, 1.º, em Lisboa, pelo correio ou por mão própria, tendo os nossos leitores o cuidado de o preencherem com letra bem legível.

Esperamos poder dar-lhe com o máximo possível de regularidade a indicação dos nomes dos conjetistas mais votados e que, por conseguinte, vão acumulando maiores possibilidades de estar presente na maior reunião da canção, ao nível competitivo, de todo o mundo. Fá-lo-emos, certamente, dia sim, dia não, de modo a que a contagem dos votos seja feita com o rigor que todos desejamos e com a actualidade necessária.



PARA REPRESENTAR
PORTUGAL



NO

VII FESTIVAL INTERNACIONAL DA CANÇÃO POPULAR
DO RIO DE JANEIRO

Indico o intérprete:

Envie por correio ou entregue pessoalmente no
«Diário de Lisboa», Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA
Veja as páginas de espectáculos



João Henrique



Maria da Glória



Gabriel Cardoso



José Brito

FATOS BANHO-BIKINIS

PARA SENHORA

Nacionais e estrangeiros

APENAS POR

150\$00 e 120\$00

ROUPÕES
TURCOS a 75\$00TOALHÕES
DE PRAIA a 50\$00 e 65\$00

...E O GRANDE SUCESSO

CALÇAS PARA HOMEM

TIPO LINHO

UM
PAR 130\$00DOIS
PARES
POR 200\$00

TODOS ESTES ARTIGOS ESTÃO A SER VENDIDOS



Tecidos
Almirante, Lda.

AV. ALMIRANTE REIS, 23 - A

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).

VENDA AO PÚBLICO



J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C., Lda

TEL. 654165 * LISBOA

HIPOTECAS

Fazem-se sobre propriedades urbanas, em Lisboa, Arredores e Província, de pequenas e grandes quantias, ao juro da Lei.

Transacções rápidas e com o máximo sigilo

A CONFIDENTE

R. Ouro, 292, 1.º (esq. do Rossio)
Telef. 369384 5 6



Canon Palmtronic LE-10

TAMANHO REAL

Comundo - t. 5370 91

OMEGA
ELECTRÓNICO

RESSOADOR SONORO
VIBRA À RAZÃO DE 300 OSCILAÇÕES POR SEGUNDO

AGÊNCIA OFICIAL TORRES *palmtronic*
RUA AUREA, 255 LISBOA

QUEM TRAZ UM OMEGA SABE PORQUÊ

DL/DOMINICAL

MÚSICA POP

O HERDEIRO DOS BEATLES

As «teen-agers» têm medo de um homem maduro tipo Tom Jones. Seu ídolo, no momento, é Marc Bolan, um extraordinário comerciante que descobriu o modo de parecer frágil e desamparado.



As jovens deliram com o estilo de Marc Bolan.

teatro MONUMENTAL HOJE, 2 SESSÕES 20.45 e 23 HORAS

VASCO MORGADO APRESENTA **RAUL SOLNADO** numa grande REVISTA POPULAR

P'RA' FRENTE LISBOA!

(grupo D - Maiores 18 anos)

FLORBELA QUEIRÓS

OS ARTISTAS CONVIDADOS

★ **IRENE ISIDRO** ★
★ **JOSÉ DE CASTRO** ★

E AINDA **LINDA SILVA**

A FADISTA **BEATRIZ DA CONCEIÇÃO**

JÚLIO CÉSAR • **VÍCTOR MANUEL**

E O INTERNACIONAL **PICCADILLY STARS BALLET**

Graça, Luxo, Música e Fantasia!

Solicita-se à S. E. I. T., à Imprensa, Rádio, Televisão, Cinema e a todo o público, e, muito especialmente, às Agências de Viagens e entidades ligadas ao Turismo, o obsequio da imediata divulgação do alto nível espectacular desta superprodução musical que vem engrandecer o Teatro em Portugal

50 FILMES CASTELLO LOPES

NO ESPLendor INIGUÁVEL DOS **70** E DO SOM ESTEREOFÓNICO TOTAL

TREINE-OS! EXCITE-OS! ARME-OS!

E DEPOIS SOLTE-OS NO CORAÇÃO DO INIMIGO!

Doze Indomáveis Patifes (THE DIRTY DOZEN)

GRUPO D - 18 anos

LEE ERNEST CHARLES JIM JOHN RICHARD
MAHVIN BORGNE BRONSON BROWN CASSAVETES JAECKEL
GEORGE TRINI RALPH ROBERT TELLY CLINT ROBERT
KENNEDY LOPEZ MEEKER RYAN SAVALAS WALKER WEBBER

AMANHÃ, às 15.15 e 21.30 **ROMA**

O entusiasmo dos jovens admiradores já custou a Marc Bolan e ao seu conjunto T. Rex onze automóveis, feitos em pedaços pelos colecionadores de souvenirs em busca de uma relíquia do seu ídolo com cabelos hirsutos. Já não acontecia desde o tempo dos Beatles, naquela Inglaterra que parecia ter desmitizado o mundo da música pop. Os tumultuosos acolhimentos reservados por todo o lado aos T. Rex, os assédios a todos os palcos em que o conjunto se exhibe, os gritos histéricos das muito jovens admiradoras, os desmaios em massa, trouxeram novamente actualidade a um género de fanatismo que estava ultrapassado depois de declínio da beatlemania. Hoje fala-se de T. Rex (uma contracção de T. Rex e éxtase) e Marc Bolan tornou-se um «profeta».

O mito dos Beatles e o dos Rollings Stones pertencem àquele que é já uma geração de jovens papás e mães: os catorze anos de hoje têm necessidade de novos heróis com quem se identificar, de alguém que represente a sua geração. Escolhem quatro rapazes que teriam um aspecto qualquer, se não vestissem de modo extravagante; quatro tipos que, evidentemente, respondem a determinadas das suas exigências de gosto. Nos T. Rex (abreviatura de Tyrannosaurus Rex, o nome com que o conjunto foi lançado), os Beatles encontraram os seus herdeiros. Mas existe uma diferença: enquanto cada um dos quatro Beatles tinha uma precisa personalidade e um especial séquito de admiradores, na T. Rex, tudo se concentra sobre Marc Bolan, de seu nome Mark Feld. Dos outros três, Mickey Finn está em segundo plano, ao passo que Steve Currie e Bill Legend vivem à sombra do seu «pequeno Napoleão».

UNISEX

Até há dois anos, Marc Bolan, que escreve a letra e compõe a música para todas as canções, era um desconhecido. Hoje, levou os T. Rex ao topo das listas classificativas dos discos ingleses, conseguindo afirmar-se no difícil mercado americano. O conjunto entrou para os «grandes» da música pop, vendendo dezasseis milhões de discos. Em Janeiro passado, os leitores de um jornal especializado, votaram-no como o melhor: acontecera a mesma coisa há anos, com os Beatles. «Mas isto», diz Marc Bolan, «é apenas o começo».

Os próprios Beatles conhecem nos T. Rex os seus herdeiros, John Lennon e Paul McCartney disseram-no explicitamente. George Harrison prefe-

riu calar-se, mas Ringo Starr começou a fazer de director e de operador de um documentário sobre Marc Bolan, que durará noventa minutos e que as maiores casas de discos estão já a disputar à força de milhões. «Depois dos Beatles», diz Ringo, «a música pop torna-se enfadonha. Com os T. Rex tudo mudou».

Marc Bolan tem vinte e quatro anos e é casado. Porém, a mulher, June, nunca se mostra na sua companhia para «prote-

ger» a imagem de solteiro do marido, sem a qual Bolan perderia muito do seu fascínio, aparentemente constituído somente pelos cabelos desganhados e encrespados, por um rosto de rapazinho um pouco afeminado, por olhos frequentemente circundados por pequenas placas de metal brilhante. A indumentária de Bolan é insólita: fato de seda ou de cetim de cores intensas. Nos pés, traz sempre botas com um tacão de dez centímetros de altura, talvez também para «cor-

rigir» a sua estatura, que não é superior a um metro e sessenta. Rapazes e raparigas copiam o seu modo de vestir, de se pentear, de decorar os olhos com placas de metal. Alguém definiu Bolan o «profeta do unisex».

O FASCÍNIO

Mas a indumentária não basta. O êxito deste novo ídolo da canção é, em grande parte, devido à «carga sensual» que as raparigas novinhas vêem nele: os seus movimentos sobre o palco, os gemidos que acompanham cada canção; a sua indumentária exótica, tudo contribui para enriquecer esta imagem. «O importante», diz Bolan, «é criar uma atmosfera quente sem ultrapassar os limites da decência». E, sobretudo, acrescenta, é essencial demonstrar que um homem o pode ser, mesmo que não tenha um metro e noventa de altura, nem seja feito, todo ele, de músculos. «Um homem», diz, «pode ser qualquer coisa de delicado, de sensível. Um homem, para mim e para os jovens da minha geração, pode também permitir-se chorar».

«O público feminino mais jovem», confirma um produtor de discos, «tem sempre preferência cançonetistas de aparência inocua. Há alguns anos apenas era Paul McCartney. Hoje é Marc Bolan. Tipos como Tom Jones assustam uma jovem de quinze anos».

Quase se diria que tudo conta excepto a música, e talvez seja um bem: com o seu fascínio pessoal Marc Bolan supera as carências técnicas, que, segundo os críticos, são numerosas. A música é copiada, dizem alguns demasiado simples, afirmam outros, um conjunto de expedientes, dizem ainda outros. «Podem dizer o que quiserem», replica Bolan, «mas não sou um verdadeiro artista, porque sei que o sou».

Não é modesto. Afirma candidamente: «Era inevitável, eu nasci para ser um astro. Sei ser bom, e sempre estive con-



Marc Bolan, o novo ídolo.

TEATRO MUNICIPAL DE **SÃO LUIZ**

BLACKGROUND

GRUPO B - 10 ANOS

DL/DOMINICAL

vencido de que, mais dia menos dia, o meu próximo dar-se-lá conta disso». Fala como Cassius Clay.

Marc Bolan é também poeta. Dentro em breve será publicado o seu primeiro livro de versos, que se vem juntar a um faísco publicado há três anos, em que o autor fazia também elogio às suas qualidades de desenhador, como demonstrou mais recentemente, cuidando até das capas dos seus discos. Porém, a sua maior ambição é fazer cinema, não como actor mas como director. «Sei que o posso fazer», diz, «e um dia demonstrá-lo-ei a todos aqueles que não querem acreditar-me».

COMERCIANTE

Bolan é uma personagem rica e inventiva, de iniciativas, com ideias comerciais, claras, por detrás de uma fachada desordenada a que é, talvez, obrigado pelas vestes de cançonetista pop. Basta dizer que dispensa um manager, e que ele próprio trata dos negócios do seu conjunto e da firma discográfica fundada há poucos meses para gravar os discos dos T. rex. O seu império, que está na ordem dos biliões, é dirigido de um modesto escritório em que Boley (assim chamam os íntimos a Bolan) juntou alguns colaboradores, e no qual ele próprio passa dias inteiros, entre um compromisso musical e a preparação de um novo disco, ocupando-se de questões administrativas e programando a actividade do seu conjunto.

Mark Feld é o segundo filho de Sidney Feld, comerciante de cosméticos no bairro londrino de Stoke Newington. Decidiu amar-se em rebelde desde a idade de dez anos, quando foi expulso da escola que frequentava negligentemente. De escola em escola, de aborrecimento em aborrecimento, o jovem Mark Feld chegou aos 14 anos, quando uma derradeira expulsão convence os pais de que o rapaz não tinha mesmo

estofos de estudante. Pelo contrário, escrevia versos incompreensíveis, cantolava, tocava guitarra, e sobretudo frequentava, próximo do mercadinho de Soho no qual a mãe tinha uma bancada de fruta e verdura, um café sempre cheio de cançonetistas, entre os quais Tommy Steele e Cliff Richard. Formou um conjuntozinho com outros cançonetistas, sem grandes ambições e, naturalmente, sem êxito. Vem a era dos mods, elegantes a seu modo, com casaco muito comprido e gravata, calças justas, sapatos em ponta. Mark Feld não tardou a meter-se com eles e foi também escolhido para fotomodelo para uma campa-

na editora dos seus discos decide, nesta altura, alterar-lhe o nome e sugeriu Mark Bowland, que o interessado — ainda fresco da experiência francesa — imediatamente transforma em Marc Bolan. Durante alguns meses todou e cantou num pequeno conjunto, John's Children, após o que o abandonou com a seguinte justificação: Não posso ter uma influência total sobre os outros». Outros longos meses obscuros, depois o encontro com Steve Took: em conjunto, há quatro anos, davam vida a Tyrannosaurus Rex.

Naquela altura, Marc Bolan tocava guitarra sentado por terra com as pernas cruzadas, enquanto Steve se movia à sua volta com uma pandeireta. Exibiam-se nas festas de estudantes, em pequenos lugares públicos da periferia, ganhando poucos libras. Em 1969, o seu disco Deborah alcança o vigésimo lugar na classificação dos discos (relançado recentemente, de pressão subiu ao topo da classificação). Mas aos primeiros êxitos correspondeu uma ruptura entre os dois. O Tyrannosaurus Rex é, pois, dissolvido, e só um ano depois, a partir das ruínas, Marc Bolan viria a constituir o novo conjunto T. Rex com a ajuda de Mickey Finn.

Discos como «Electric Warrior», «Telegram sam», «Hot love, Get it on», viriam a conquistar o mundo pop. Do último, Metal guru, já haviam sido vendidos meio milhão de exemplares, só na Inglaterra, antes ainda de ter saído. Todos estão surpreendidos. Todos estão surpreendidos. Todos excepto ele, Marc Bolan, que, não obstante os numerosos compromissos, encontra ainda tempo para longas reuniões místicas.

Até quando durará esta grande aventura? «Não somos um fenómeno passageiro», responde Boley. «Viajaremos longamente através do tempo, embora, às vezes, tenha um estranho sentimento, como se qualquer coisa de acontecer, como se eu não devesse permanecer aqui durante muito tempo. Sei, tal-



nha publicitária. A parte alguns dias passados como lavador de pratos num pequeno restaurante, aquele deveria ter sido o seu único trabalho antes de começar a grande aventura como cançonetista.

MAGO

O momento decisivo veio quando tinha 18 anos. Andou em França, conheceu um homem a quem chama «o Mago», e, passados alguns meses, voltou a Inglaterra, dizia, «com a cabeça cheia de demónios». Escreveu e musicou a sua primeira canção, intitulada precisamente «The Wizard», o Mago: um exórdio musical sem êxito. A

MÚSICA POP

vez, demasiado da vida, e estou invadido por uma espécie de loucura. Mas tenho aquilo que quero, aquilo que sempre quis.

E não posso voltar para trás.» Os milhões de jovens fans que gritam e desmaiam quando ele canta, que o levam em triunfo,

que o imitam na maneira de vestir, que o idolatram como o profeta da sua geração, não lho permitiriam.

**uma boa desculpa
não indemniza prejuízos**

**UM
SEGURO
NOVO!...**

seguro de responsabilidade civil familiar Império

*** RC FAMILIAR
IMPÉRIO**

**...paga por si...
...indemnizações!**

O chefe de família é responsável: por si e pelos seus. Quer dizer: O Joãozinho partiu o pára-brisas do carro do Sr. Mendes? **Você paga.** O cão dos miúdos partiu um serviço de cristal da loja do lado? **Você paga.** A Maria deitou pela janela fora um cinzeiro pesado que estava escondido nas dobras da toalha? **Você paga.** De repente, pode ter diante de si a indemnização para pagar. Muito grande. Cem contos, duzentos contos, talvez mais. Por danos materiais ou corporais (que são sempre os mais graves). Que fazer? A Império oferece-lhe um novíssimo seguro que **paga por si** os prejuízos causados. Por si ou por qualquer dos seus familiares, empregados domésticos, animais. **100\$00 POR ANO** — repare bem, **POR ANO** — já chegam para adquirir esta garantia. E para pagar as indemnizações cobertas pelo RC, a esse custo anual — repare bem, **anual** — seriam precisos muito mais de 2700 anos. Mas a Império faz mais. Oferece-lhe uma edição especial (tiragem limitada), inteiramente grátis e sem compromisso, permitindo-lhe assim estudar e decidir sobre este seguro, em sua casa. Envie hoje mesmo o cupão (para não se esquecer).

AO SEU SERVIÇO

IMPÉRIO
a sua seguradora

CUPÃO: Uma boa desculpa não indemniza prejuízos. Recorte, cole num postal e envie à Império Apartado 106 — Lx. 2

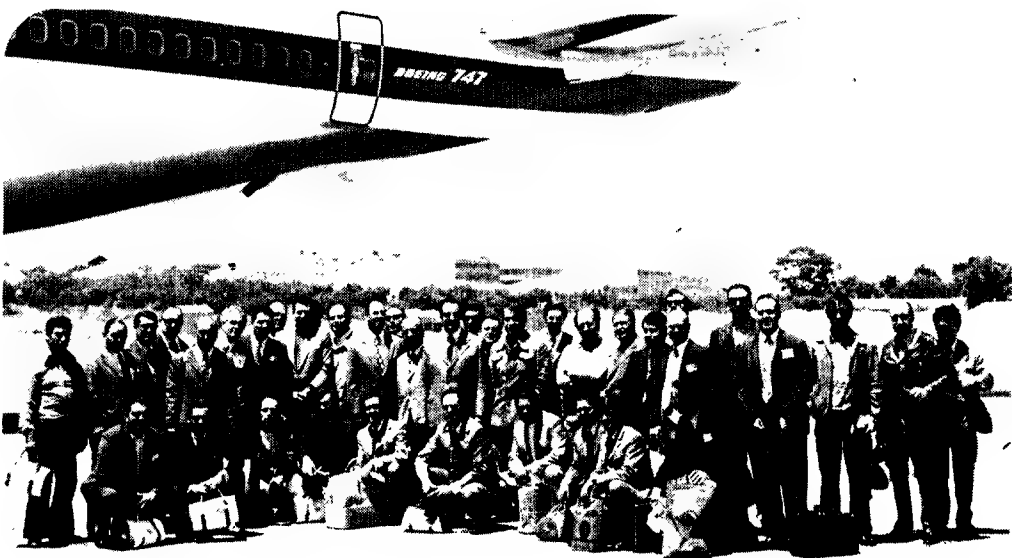
Nome _____

Morada _____

Profissão _____

* RC quer apenas dizer Responsabilidade Civil. Juristas de todo o mundo medem a maturidade social através do conceito de Responsabilidade Civil. Uma sociedade em desenvolvimento é aquela em que os conceitos de RC atingem nível cada vez mais elevado.

Agentes da AEG-Telefunken num "safari" africano



Partida do grupo de agentes da AEG-TELEFUNKEN, para o «safari» — África.

A bordo de um dos «Boeing 747» da TAP, partiu com destino a Angola e Moçambique um grupo de agentes e vendedores da AEG-TELEFUNKEN PORTUGUESA, S.A., que entre outras iniciativas visitará, ao jeito de «safari», o Parque da Gorongosa, em Moçambique.

A presente viagem representa o reconhecimento, por parte desta importante empresa, do magnífico esforço desenvolvido pela sua dinâmica equipa de vendas, a qual tem sabido colocar,

com êxito, em todo o país, uma gama de aparelhagem doméstica das melhores procedências da Europa e justamente gozando de grande prestígio.

Integrado na caravana, partiu também o sr. Rui do Carmo, chefe de vendas para todo o país do departamento comercial da AEG, — que assim acompanha os seus colaboradores e agentes no «safari» que, decerto, vai ficar inesquecível para todos os participantes.

O relato asombroso de uma testemunha visual

EU VI OS MASSACRES DO BURUNDI

Na ex-colônia belga os velhos rancores raciais entre a minoria privilegiada dos Watussi e a massa dos Hutu, explodiram repentinamente: revolta e repressão confundiram-se num terrível banho de sangue.

Estamos em posição de poder apresentar ao leitor um testemunho em primeira mão sobre um dos acontecimentos mais dramáticos destes últimos dias: o banho de sangue nas regiões meridionais do Estado africano do Burundi (3 milhões e meio de habitantes). É uma guerra tribal, que até agora causou mais de cem mil mortos entre os Hutu, e atrás da qual se movimentam interesses diferentes e contraditórios. Ex-colônia belga, o Burundi deu-se, após a independência e um breve período monárquico, uma nova constituição republicana, mas do tipo absolutista. O Governo está nas mãos dos militares. O presidente da República é o coronel Michel Micombero. Como muitos dos países africanos da recente

independência, o Burundi conheceu profundas convulsões internas. O ódio racial desencadeou-se no país, aonde a minoria Tutsi, ou Watussi (13 por cento da população), domina a maioria Hutu (80 por cento). Não se trata já do racismo do branco contra o negro, mas do negro contra a gente da sua mesma cor. Não só: a Rússia e a China, na disputa pela supremacia em África, emiscuiram-se neste conflito racial. No Burundi, as armas fornecidas pelos chineses têm servido para matar os Tutsi, as russas para massacrar os Hutu. A entrevista que publicamos foi nos concedida por um técnico que deixou há pouco o Burundi, mas que, mencionando ali voltar, prefere ocultar o seu verdadeiro nome.

Chamar-lhe-emos Louis Milleaux. O seu relato oferece-nos um quadro insólito, às vezes assombroso, da África de hoje.

Repórter — Como começou o massacre?

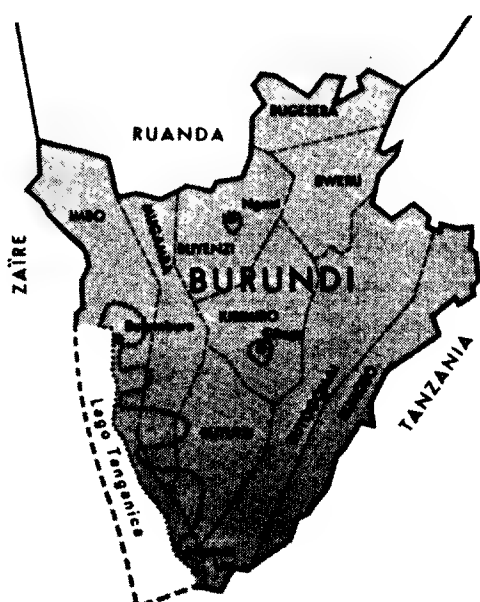
Milleaux — Não se pode falar dos acontecimentos de hoje sem se recordar, ainda uma vez, o estado de discriminação racial de que sofre a população da raça Hutu. É um pouco a mesma situação dos negros sul-africanos. Só com a diferença que os opressores são os próprios negros. O Burundi é um pequeno país, comprimido entre a Tanzânia e o Ruanda, ao abrigo do lago Tanganica. Pouquíssimos são os Hutu que conseguem encontrar um lugar na escola. As suas melhores terras têm sido sequestradas a favor dos Tutsi. E preciso também recordar que, na língua local, para dizer «servo» ou «escravo», usa-se o termo **boy**, ou **muherez**, ou **hutu**. É uma mentalidade racista pela qual aos Tutsi — uma raça bela, inteligente, de senhores, destinados a governar, devido aos seus dotes políticos e de linguagem — deveria ser aberto e facilitado todo o caminho do progresso, enquanto aos Hutu, mistura de raças, gerações de escravos, só espera a tarefa de calar, trabalhar, obedecer. Os belgas, durante a sua ocupação do país, contribuíram para aprofundar esta mentalidade. O ódio racial levou ao desespero.

Repórter — Consideremos a revolta e a repressão destas últimas semanas.

Milleaux — A revolta fora preparada e meditada há meses. As autoridades estavam ao corrente de que milhares de Hutu se haviam deslocado para a vizinha Tanzânia, e sobretudo para a zona de Kagunga, para se adestrarem no uso das armas.



À esquerda, mulher Watussi; à direita, mulher Hutu



O 50º. Aniversário da Companhia Colonial de Navegação

Decorrem esta semana os actos comemorativos do 50.º aniversário da Companhia Colonial de Navegação, celebrando-se a m a n h ã m i s s a às 10.30 horas, na igreja da Madalena, celebrada por Sua Eminência o Cardeal D. Manuel Gonçalves Cerejeira, seguindo-se, às 12.30 uma romagem

no Cemitério do Alto de S. João ao jazigo do senhor Bernardino Alves Correia, fundador da CCN.

Em Lourenço Marques e em Luan-da terão lugar, nos dias 3 e 4, recepções às autoridades e carregadores.

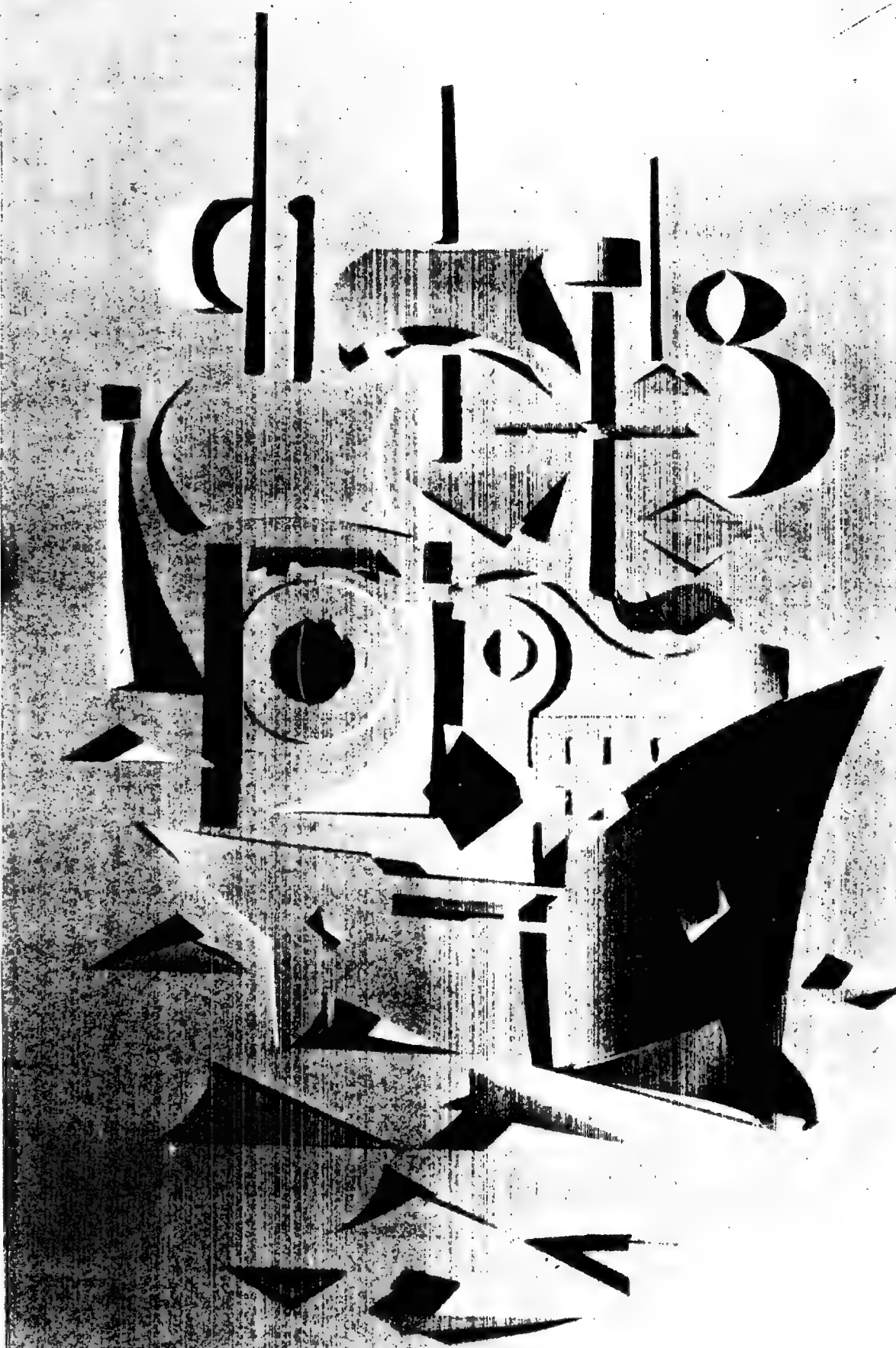
Mil e quinhentos Hutu tinham todos uma espingarda de proveniência chinesa, e também os instrutores eram chineses. No fim do curso davam-lhes um uniforme militar e uma pomada que, espalhada sobre a fronte e o peito, poderia torná-los invulneráveis (chamavam-lhe a **umuti w'abashinwa**, isto é, o remédio dos chineses). Os rebeldes passaram ao ataque munidos do livro vermelho de Mao: o mal-estar durante tanto tempo reprimido explodiu com o massacre de Rumonge, na noite de 25 de Abril passado. Simultaneamente, o comandante da guarnição de Nyanza Lac, a ponta extrema do Burundi vizinha à Tanzânia, mandava massacrar todos os soldados Tutsi e distribuía as armas aos rebeldes. Na zona entre Nyanza Lac

e Bujumbura começou uma verdadeira caça ao homem Tutsi. Os Tutsi eram massacrados a golpes de catana, sem piedade. O sangue formava rios. Os massacres continuaram mesmo durante a noite e as casas eram incendiadas com os moradores lá dentro. Para dizer a verdade, as ordens dos chefes rebeldes diziam para poupar as mulheres e as crianças, e aonde quer que houvesse um chefe rebelde obediente tais ordens foram cumpridas. Porém, nos outros casos, homens, mulheres e crianças foram todos massacrados. Os rebeldes estavam organizados em bandos armados de quinze ou vinte homens exaltados e drogados, comandados por chefes Hutu. Entre os excessos cometidos, recordamos os das mulheres grávidas a quem foi aberto o

ventre; os dos seus filhos mortos; os de outros infelizes a quem foram cortadas as mãos ou os braços. Morriam lentamente, esvaídos em sangue, enquanto outros desventurados eram lançados nas fossas ainda vivos.

Repórter — Falou de gente exaltada e drogada.

Milleaux — É verdade. As centenas atiravam-se ao ataque, armados apenas com um facalhão, contra os carros blindados e as metralhadoras dos militares. Não era admitido ter medo, pelo que, se algum era atingido e procurava instintivamente retroceder, era morto no mesmo instante pelo próprio companheiro que estava atrás dele.



50
ANOS

Cinquenta
anos depois
continuamos
a descobrir,
no mar, rotas
mais firmes.
Rotas inter-
continentais
mais vastas,
na tradição de
uma presença
que prestigia o
nosso trabalho
e a Marinha
Mercante
Portuguesa

companhia colonial de navegação

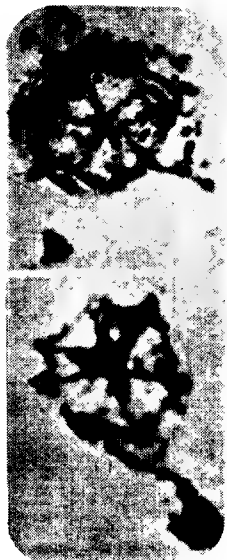
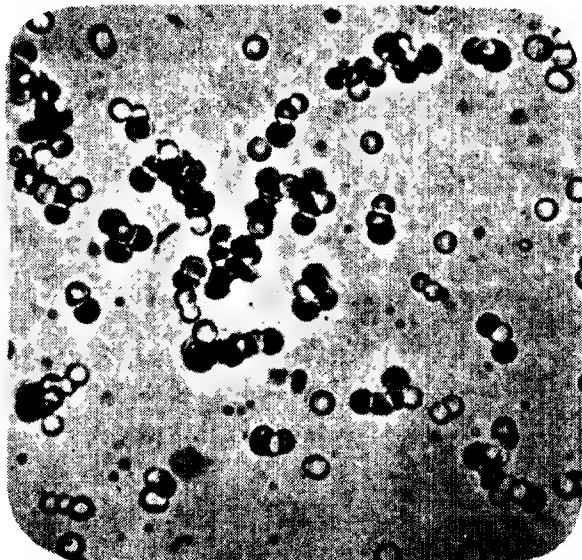
DL/DOMINICAL

NA TERRA

POR GIANPIERO BORELLA
«Panorama»/DL

A VIDA ESTÁ NA ÁGUA

Amoniaco, metano, hidrogénio e vapor de água: assim era feita a atmosfera primitiva na Terra. Sob a acção dos raios, estas substâncias transformaram-se em aminoácidos, a argamassa da substância viva. Os aminoácidos, recolhidos nos oceanos, deram origem às primeiras células. Mas a vida não existe só sobre a Terra: certamente, dizem os cientistas, ela existe também noutras partes do Universo.



ALGA PRIMITIVA. À esquerda: microesferas de proteinóides, substâncias semelhantes às proteínas obtidas em laboratório por Sidney Fox. À Direita um exemplar de Kakabekia fóssil e uma de Kakabekia viva



Orio Ciferri, biólogo molecular da Universidade de Pavia. Segundo Ciferri, a Kakabekia, uma alga verde-azul, é talvez o único ser primitivo que, afortunadamente, sobreviveu até hoje sem se modificar

«Não são nem plantas nem animais. Tomando a forma de esferas podem revoltar ajudados pelo vento, ou mover-se alongando uma série de tentáculos. Trepam sobre as rochas, vão para mais perto do calor, da humidade e da luz, prendendo-se solidamente à superfície das rochas e estendendo-se em camadas compactas, resistentes às tempestades». Assim Marian Milchiker, biofísico da Academia das Ciências da União Soviética, descreveu os marcianos na Komsomolskaia Pravda, o quotidiano da juventude comunista.

Numa atmosfera de anidrido carbónico com escassos vestígios de água, como a de Marte, os pólipos devem lutar desesperadamente para sobreviver. Durante a maior parte do ano (685 dias terrestres) estão hibernados. Na primavera, quando a temperatura aumenta e as calotes polares degelam, libertando fluxos de anidrido carbónico saturados de humidade, acordam e emigram em massa para terrenos mais quentes.

«Estão protegidos por pigmentos especiais, que os defendem dos mortais raios ultravioletas do Sol», continua Milchiker. «Absorvem avidamente a luz e o anidrido carbónico. De

Inverno e de noite tomam a cor cinzenta esbranquiçada, estrelam-se entre si e aninham-se no terreno para não desperdiçar o calor, voltando, deste modo, à hibernação». As colónias de pólipos vivem nos oásis, manchas arredondadas que ao telescópio aparecem ligeiramente mais escuras do que as zonas circundadas, da calote meridional.

Que os marcianos sejam pólipos é apenas uma hipótese, naturalmente. As três sondas (Marte 2 e 3, soviéticas, e Mariner 9, americana) que actualmente giram em volta de Marte, não revelaram até agora nenhum indício que possa fazer pensar na existência de formas de vida. Tão-pouco os instrumentos da pequena cápsula lançada pela Marte 3, em 2 de Dezembro, e que desceu suavemente sobre a superfície do planeta, submersa talvez por uma tempestade de areia, puderam transmitir dados interessantes. Não obstante, o biofísico russo está certo de que Marte é habitado.

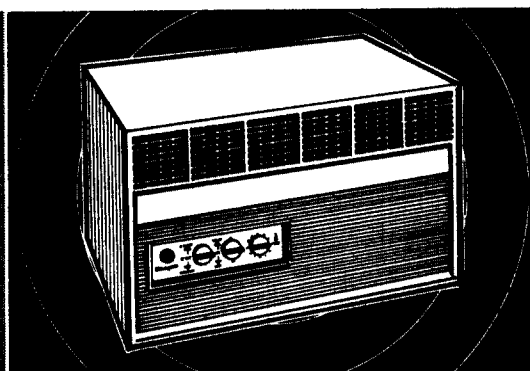
Milchiker, dizem os seus colegas, tem muita fantasia mas não é um visionário. É um cientista sério. Desde 1958, conjuntamente com Miriam Daskai, também ela biofísica, estuda no laboratório os limites de sobrevivência

de esporos e bactérias. Os seus maiores êxitos têm sido o cultivo de um fungo, o *Nephelospodium Acremonium*, em soda cáustica, e de alguns esporos em cianeto de potássio. Os microrganismos, apesar do ambiente hostil, conseguiram sobreviver e reproduzir-se. Georghi Petrov, académico e monstro sagrado da ciência soviética, apoia as suas teorias.

Macromolécula

Com muitíssimos outros cientistas, Milchiker está convencido de que o Universo inteiro está sujeito às mesmas leis da evolução, química e biológica que existem sobre a Terra. Aonde quer que as condições o permitam, nasce a vida. Não pelo jogo caprichoso do acaso, mas por uma precisa necessidade.

ar condicionado!
frescura,
conforto;
numa só palavra:
Westinghouse



Os condicionadores de ar da WESTINGHOUSE proporcionam-lhe um verão mais fresco, um ambiente mais agradável; enfim, o ambiente de que necessita.

Em qualquer local em que se encontre, a WESTINGHOUSE permite-lhe viver à temperatura que mais lhe agrada.

Os condicionadores de ar WESTINGHOUSE foram especialmente concebidos a pensar em si!



Pode estar seguro
(e fresco) se é



Westinghouse

sonipol • AV. 5 DE OUTUBRO, 58 - LISBOA

Por favor enviem-me folhetos sobre os condicionadores de ar WESTINGHOUSE.

Nome _____
Morada _____
Localidade _____



SUPERMANOS

A CASA SIMPÁTICA

Televisão 2.990\$00
Frigoríficos 1.900\$00
Trituradores 260\$00
Secadores de cabelo 140\$00
Cassetes 35\$00
Relógios de cozinha 300\$00

VENDAS

A

PRAZO

LARGO DO MASTRO, 5 - TEL.: 561555

VIVA EM MARTE. Em cima: um grande vale semelhante a uma bacia fluvial, fotografado em Marte pelo «Mariner 9». Em baixo: uma vinheta do «Punch», um periódico humorístico inglês. Muitos cientistas estão convencidos de que Marte alberga algumas formas de vida

DL/DOMINICAL

NA TERRA

«Inumeráveis Terras giram à volta de inumeráveis Sois, tal como a nossa Terra gira em redor do nosso Sol, e há seres vivos que habitam esses mundos»: por ter defendido esta tese, Giordano Bruno foi condenado à morte pelo tribunal da Inquisição e queimado vivo no Campo dei Fiori, em Roma, em 1600.

Hoje, os cientistas têm provas de que a vida não é um fenómeno sobrenatural. «É apenas uma propriedade da matéria, uma macromolécula capaz de se reproduzir», diz Cyril Ponnamperuma, de 47 anos, nascido em Ceilão, e agora director dos laboratórios de evolução química da NASA e da Universidade de Maryland, um dos maiores peritos mundiais dos problemas que estão na base dos seres vivos. Dadas as condições próprias, a vida é um processo inevitável. Pode assumir formas diferentes. Mas, em qualquer ponto do Universo em que se manifeste, deve ser sempre quimicamente igual à nossa. «Isto é», diz Ponnamperuma, «baseada no carbono e no ciclo ácidos nucleicos-proteínas».

As proteínas são longas cadeias de moléculas mais simples (aminoácidos) que tornam possíveis as reacções químicas no interior das células. Os ácidos nucleicos, DNA (desoxi-ribonucleico) e RNA (ribonucleico), também eles polímeros, isto é, cadeias de moléculas simples, são portadores do programa de cada ser vivo, daquela série de instruções que faz com que de uma ervilha nasça sempre uma ervilha, de uma formiga se gerem sempre formigas. Ácidos nucleicos e proteínas são essenciais para a vida. Organismos privados de ácido nucleico não teriam continuidade genética, seres sem proteínas não saberiam utilizar as substâncias químicas e, portanto, não poderiam sobreviver.

A vida pode nascer apenas aonde há água. Os cientistas têm experimentado numerosos outros solventes: ácido cianídrico, ácido clorídrico, ácido fluorídrico, álcool, hidrocarbonetos, sais fundidos. Em nenhum poderiam formar-se moléculas capazes de transformar-se em células: alguns decompõem-se muito depressa, noutros os compostos orgânicos são instáveis. O único solvente que poderia funcionar é o amoníaco líquido. Mas, ao contrário da água, o amoníaco ao solidificar diminui de volume e evapora demasiado rapidamente. O crescimento de organismos num oceano que se evapora muito depressa e que, portanto, continua a contrair-se, seria impossível, porque os seres vivos têm necessidade de ambientes estáveis durante centenas de milhões de anos. «Pode acontecer que a vida, em condições especiais, possa nascer também onde não há água», diz Ponnamperuma. «Os obstáculos, porém, seriam enormes».

A vida

O melhor laboratório para estudar a vida no cosmos é, portanto, a Terra. Como nasceu a vida no nosso planeta? Responder a esta pergunta significa poder adivinhar em que planetas pode haver organismos vivos, e em quais não pode haver, e poder organizar uma futura investigação sobre a vida extraterrestre em bases não casuais.

O primeiro a assentar em bases científicas o problema da origem da vida sobre a Terra foi o bioquímico russo Alexander Ivanovich Oparin. Num livro publicado em 1924 (*A Origem da Vida Sobre a Terra*), Oparin explicava as passagens que levaram as moléculas inorgânicas a transformar-se em células vivas nos oceanos primitivos. O ponto fundamental da

sua teoria são os acumulados, mesclas de proteínas flutuantes nos mares primitivos, que representam os progenitores das primeiras células vivas. Embora muito rudimentares, os acumulados são já dotados de uma série de actividades embrionais, como movimento, reprodução, metabolismo.

O passo fundamental para compreender as várias fases da origem da vida foi dado apenas em 1953, por um licenciado de 23 anos, Stanley Miller, Miller, que agora ensina química na Universidade da Califórnia, em San Diego, fez passar uma descarga eléctrica de 20 mil vóltios, durante toda uma semana, através de uma mistura de metano, amoníaco, hidrogénio e vapor de água, os constituintes da atmosfera primitiva da Terra. Ao terminar a experiência, encontrou uma certa quantidade de aminoácidos (os constituintes das proteínas), incluindo a glicina e a alanina, os mais comuns nos organismos vivos.

«Não fiquei muito surpreendido à vista dos aminoácidos», diz Miller. «Recordo que me maravilhei, no entanto, a grande quantidade de aminoácidos na proveta. Na verdade, não esperava uma concentração tão alta!». Quando Miller conseguiu transformar, no laboratório, moléculas inorgânicas, como o amoníaco e o metano, em aminoácidos, a argamassa de que é feita a matéria viva, não conhecia a teoria Oparin. «No mundo ocidental», diz Miller, «o livro de Oparin só se tornou popular em 1954».

Em 1958, um outro investigador, Sidney Fox, conseguiu sintetizar as proteínas. Partindo de uma mistura de aminoácidos fundidos e usando uma fonte de calor e alta temperatura, Fox obteve compostos que, deitados na água, se transformavam em polímeros com todas as características das proteínas. Fox chamou-lhes proteinóides. Outros investigadores, em 1962, obtiveram sucessivamente, também, a síntese dos ácidos nucleicos e de alguns açúcares essenciais para a matéria viva.

«Hoje temos todos os elementos essenciais», diz Giorgio Tecce, de 48 anos, professor de biologia molecular em Roma, «mas não temos ainda ideia de como se tenham dado a montagem dos primeiros seres vivos».

Conseguirá a ciência criar a vida em laboratório? «A minha resposta é um sim terminante», diz Miller. «Quando não sei. É preciso aprender determinados truques. Tudo é impossível até que não se demonstre o contrário. Há vinte anos, por exemplo, era impossível sintetizar os aminoácidos».

A terra

Embora falte ainda o último anel, os investigadores que estudam a origem da vida sobre a Terra têm uma ideia bastante precisa de como se formou. Num período compreendido entre 4,5 biliões de anos (idade da Terra) e 3,1 biliões de anos (idade dos primeiros fósseis, talvez marcas de bactérias) tem lugar a evolução química. A atmosfera da Terra era formada por metano, amoníaco, hidrogénio e vapor de água (havia também hélio, mas por ser um gás pouco reactivo, não teve qualquer importância nos acontecimentos subsequentes).

A temperatura, durante algumas centenas de milhões de anos pelo menos, não ultrapassou os limites de 100 graus acima de zero e de 80 graus abaixo de zero. Os primeiros aminoácidos formaram-se na atmosfera, por acção dos raios (descargas eléctricas). Depois, levados pela chuva para os mares primitivos, começaram a recolher-se e a reunir-se em cadeia, isto é, a formar as primeiras proteínas.

Uma proteína média pode conter 500 aminoácidos. As proteínas diferem entre si pela maneira como os 20 aminoácidos conhecidos se sucedem na cadeia. Se os aminoácidos se tivessem combinado ao acaso, talvez a primeira célula não tivesse nascido. O número de combinação de 20 aminoácidos em cadeias de 500 é, de facto, muito grande até para se escrever: 1 seguido de 650 zeros, um número imaginável, biliões de vezes superior ao número de mionésimos de segundo que se sucederam desde a formação da Terra até aos nossos dias. Os aminoácidos, no oceano primitivo, devem, pois, ter formado só um número de proteínas, seguindo certas afinidades químicas.

Além das descargas eléctricas, os cientistas indicam outras quatro fontes de energia: os raios ultravioletas do Sol (a atmosfera primitiva não tinha, como hoje, uma barreira de ozono para os absorver), a radioactividade do potássio, o vulcanismo e os meteoritos. Sobre todos estes últimos podem ter tido um papel importante: nos primeiros dois biliões de anos, a Terra englobou de 200 milhões a um bilião de toneladas de material meteorítico. Todo o meteorito,

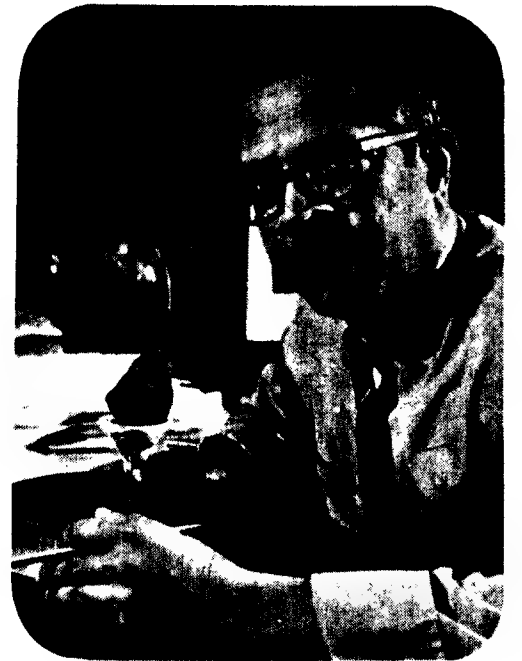
ao atravessar a atmosfera, deixa atrás de si uma esteira quente em que os laços entre os átomos que compõem as moléculas podem quebrar-se e refazer-se facilmente.

Os oceanos primitivos, durante algumas centenas de milhões de anos, foram um «caldo de cultura», uma sopa prebiótica em que se davam continuamente reacções químicas que formavam cadeias complexas de moléculas. Em determinada altura, talvez para se defenderem do vento e da chuva, algumas colónias superficiais de proteinóides e outras moléculas essenciais para a vida, aprenderam a construir membranas protectoras. Nestas colónias protegidas havia já tudo aquilo que seria para fazer uma célula.

Origens

«Talvez que o processo de acasalamento entre ácidos nucleicos e proteínas tenha tido início exactamente no interior destas protocélulas», diz Mário Ageno, de 57 anos, ex-aluno de Enrico Fermi e encarregado de

Continua na pag. 22

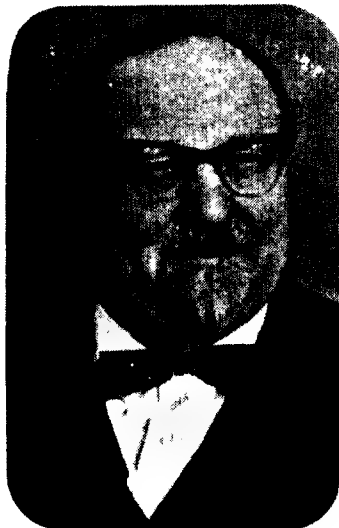


METEORITO. Cyril Ponnamperuma, um dos maiores peritos de evolução química do mundo, com um fragmento do meteorito de Murchinson. O meteorito contém aminoácidos de origem seguramente não terrestre

TAMBÉM ENGELS ESTAVA DE ACORDO

Aleksandr Ivanovich Oparin nasceu em 1894 em Uglich, perto de Yaroslavl, na Rússia Setentrional. É um cientista da velha escola: humanista, afável, sempre sorridente, organizou o Instituto Bakh (por ele fundado em 1935 em conjunto com Aleksey Bakh, revolucionário da velha guarda e grande estudioso de fotossíntese), do qual é director desde 1946.

As suas ideias actuais sobre o nascimento da vida como facto normal da evolução, e sobre a existência de formas de vida paralelas às terrestres noutros planetas, desenvolveu-as em 1922. Desde 1924, altura em que foi publicado o seu livro *A Origem da Vida Sobre a Terra*, que é o pai indiscutido da escola que professa as suas teorias. Entrevistado por um jornalista ocidental, declarou com grande humanidade que não se considera pai, mas aluno de Lazzaro Spallanzani, por quem tem uma grande veneração.



Pergunta. Que coisa significa «vida»?

Resposta. A vida é uma forma particular de movimento e de organização da matéria. Enquanto ela nasce no decurso da evolução dos compostos de carbono, surgiam, um após outro, três novos factores de organização. Primeiro, a capacidade, característica de todos os seres vivos, de resistir ao crescer da entropia (energia degradada, que não pode já ser utilizada, N. da R.). Segundo, a chamada «oportunidade» de organização dos corpos vivos, a sua adaptação às condições do ambiente exterior, mais ainda, a adaptação de todas as partes do organismo (moléculas, organelas celulares e órgãos) às funções que desenvolvem no processo da vida. Terceiro, uma forma particular, mais completa, de conservação e transmissão da informação. E aqui que o DNA começa a desempenhar um papel substancial.

P. Como eram os predecessores da vida?

R. Os predecessores da vida, os prebióticos, não tinham certamente estrutura celular. Em vários territórios subvitalis surgiram sistemas abertos íntegros. Quer pela sua composição quer pela sua estrutura supermolecular distinguiam-se substancialmente uns dos outros. Mas não eram seguramente iguais à célula de hoje.

P. Como se chega à primeira célula?

R. Sob o impulso da selecção natural a enorme maioria dos prebióticos desaparece. Não porque estas formas não pudessem existir em determinadas condições, mas porque não podiam resistir a formas de organização mais perfeitas. Isto explica a grande uniformidade de composição e de metabolismo dos organismos de hoje. Quanto, depois, à forma das primeiras protocélulas (muito provavelmente não foi uma só, de um só tipo) é impossível sabê-lo. Seria necessário sintetizar-se uma delas em laboratório.

P. Quando será possível?

R. Estamos a aproximar-nos muito da possibilidade de construir um modelo que reproduza em pleno os organismos mais elementares. No entanto, dizer quando isso será possível, é muito difícil.

P. Pode haver vida noutros planetas do sistema solar, ou em qualquer outro ponto do Universo?

R. Em vários objectos do nosso mundo sideral a evolução processa-se por formas diferentes e a velocidades diferentes. Não é uma linha recta única mas, mais, um leque de linhas, algumas das quais poderiam levar a formas muito complexas

e perfeitas de organização da matéria, formas a respeito das quais nada sabemos, nem suspeitamos a existência. A vida nasceu apenas numa destas linhas, isto é, no caminho da evolução dos compostos do carbono. Na Terra, numa certa fase de desenvolvimento dos compostos do carbono, a evolução química tornou-se biológica, adquirindo regras novas (nascimento de sistemas abertos, a sua independência do ambiente exterior, selecção natural). Isto não quer dizer que o nascimento da vida na Terra, sendo um fenómeno único e irrepetível para o nosso planeta, seja só nosso.

P. O anidrido carbónico é muito abundante em Marte e Vénus. Que pode significar, do ponto de vista biológico? É produzido, pelo menos em parte, pelos organismos vivos?

R. É difícil dizê-lo. Vénus, provavelmente, seguiu uma evolução diferente da da Terra, e o seu anidrido carbónico pode ser devido exclusivamente a fenómenos naturais. Para Marte o problema é diferente. A possibilidade de uma vida orgânica está ainda em aberto, embora não fosse impossível explicar a presença de anidrido carbónico apenas com processos orgânicos.

P. Há qualquer erro que pense ter feito nos seus estudos e que tenha condicionado as suas investigações?

R. Não. As teses principais que formulava em 1924, continuam válidas ainda hoje, embora tenham sido completamente actualizadas, precisadas pelas investigações subsequentes. Cometi um erro venial: pensava que o nascimento da vida devesse remontar a não mais de um bilião e meio de anos, ao passo que hoje está demonstrado que precisava ter falado de, pelo menos, três biliões.

P. Que importância tem tido o pensamento de Friedrich Engels sobre as suas investigações?

R. De início, nenhuma. Quando escrevi as minhas primeiras obras conhecia pouco os textos de Engels. Em 1924, por exemplo, a *Dialéctica da Natureza*, aonde Engels formula, de uma forma particularmente clara, as suas ideias sobre a origem da vida, ainda não tinha sido publicada. Mas, depois, descobri que Engels teve um papel muito importante mesmo neste campo: de facto, já no fim do século passado ele formulou a tese de que a vida não nasce acidentalmente, nem existe para sempre, mas surge no processo de evolução da matéria, toda a vez que existem condições próprias. Infelizmente, estas ideias não influenciaram os investigadores do seu tempo, e só agora o seu significado se tornou claro para nós.

EXCLUSIVO

2/AL CAPONE

● Por
JOHN KOBLER

Nascido em Nova Iorque de uma família originária de Nápoles (o nome era Caponi, o pai era barbeiro), Al Capone, alcunhado de Scarface por causa de uma cicatriz que lhe atravessaria a face esquerda, aos 29 anos já se tinha tornado o rei da má vida da Chicago, o perigo público número um dos Estados Unidos. Os seus começos não tinham sido fáceis. Quando rapaz, havia sido um pequeno «gagster» na Little Italy de Nova Iorque. Depois fora chamado a Chicago por John Torrio, um gangster já conhecido, que o empregara como guarda-costas, motorista, empregado de bar; pregoeiro de bordel.

Quando em 1920 entrou em vigor a lei seca, Torrio quer Capone como sócio. As riquezas que conseguiram acumular com o contrabando de álcool desencadearam uma das mais terríveis guerras entre bandos de delinquentes. De um lado, os irlandeses, os polacos e os judeus; do outro, os sicilianos e os napolitanos. Dion O' Banion, Hymie Weiss, Angelo, Mike e Tony Genna foram as vítimas mais conhecidas destas batalhas e rajadas de metralhadoras (naqueles anos, os «gangsters» mortos foram 215). Também Torrio foi gravemente ferido, o próprio Capone escapou a um atentado. Finalmente, estava entre os poucos que podiam ditar leis em Chicago. Porém, havia ainda um «gangster» que continuava a desafiá-lo: Bugs Moran, chefe do bando dos irlandeses, herdeiro de O'Banion e de Weiss. No fim de 1928, Capone foi para a Flórida. Estava a preparar um alibi para o massacre do bando de Moran.

John Kobler, autor do volume **AL Capone** que a editora Mondadori publicará próximamente e do qual foi extraído este documento, é um célebre cronista que trabalhou para Time, Life, The Saturday Evening Post. Para esta biografia consultou arquivos, documentos e correspondência privada, nunca antes trazidos à luz. Obras sobre Capone e sobre o «gangsterismo» dos anos trinta têm sido publicadas às dezenas, mas esta, como disse um crítico americano, «é certamente a mais completa e minuciosa sobre o mais conhecido delinquente dos Estados Unidos».

MORRER DE IMPOSTOS



● Cruel, impossível de apanhar, com um alibi sempre pronto para cada delito que cometia, Al Capone, admirado por muitos pela sua jactância, tornou-se a vergonha dos Estados Unidos. O próprio presidente Hoover organizou a contra-ofensiva: um agente do serviço secreto conseguiu infiltrar-se na organização e fazer prender o «gangster» que, em toda a sua vida, nunca tinha feito uma declaração dos rendimentos.

Sobre a North Clark Street de Chicago caía uma neve ligeira. Um grande cadillac,

negro, que tinha sobre a porta o distintivo da polícia, deu entrada na rua. O condutor exibiu o uniforme de agente, tal como o indivíduo sentado a seu lado. Os três homens que ocupavam o banco traseiro estavam à paisana.

Na noite anterior, um ladrão havia telefonado a Bugs Moran, chefe do bando dos irlandeses, e tinha-lhe oferecido um carregamento de whisky proveniente de Detroit, ao preço de 57 dólares a caixa. Moran havia-lhe respondido que o entregasse às dez e meia no seu depósito na North Clark Street 2122. Sete membros do seu bando estavam agora à espera, mas Moran estava demorado.

O armazém aonde o whisky devia ser descarregado era um edifício de um só piso, em tijolo vermelho. As janelas da frente e a porta de vidro sobre a direita tinham sido pintadas de negro. A parte superior da janela estava escondida por um cartaz branco com um dístico em grandes letras: Companhia de Transportes. O armazém era uma ex-garagem e tinha o pavimento de cimento e as paredes em tijolo esbranquiçado e já amarelado pelo tempo.

Na manhã de 14 de Fevereiro de 1929, dia de S. Valentim, três camiões vazios estavam estacionados contra as paredes laterais. Um quarto tinha sido levado para o centro e Johnny May, um ex-arrombador, estava a reparar um pneu. Sobre um fogareiro eléctrico fervia uma cafeteira. Outros seis homens estavam sentados aqui e ali, com chapéu na cabeça e sobretudo vestido, porque o local não tinha aquecimento. Uma lâmpada de 200 velas dava uma luz intensa. Eram os irmãos Gusenberg, Frank e Pete; James Clark, aliás Kashellek, cunhado de Moran; Adal Heyer, um perito contabilista, administrador do bando; Al Waeinschank e Reinhardt H. Schwimmer, oculista de profissão e grande amigo de Bugs Moran.

Waeinschank, de envergadura maciça, assemelhava-se vagamente ao chefe do bando. Naquela manhã a semelhança fora aumentada pelo

facto de usar um chapéu de feltro castanho e um sobretudo cinzento, como era hábito de Bugs Moran. Todos os homens estavam armados e tinham nos bolsos dinheiro no montante de cerca de 5 mil dólares: de facto, deviam pagar a mercadoria que estava para ser entregue.

O cadillac, negro, estacionou em frente do armazém. Moran, que se vinha aproximando a pé, quando o viu, pensou numa rusga da polícia ou num cerco. Voltou para trás apressadamente. Os cinco homens saíram do cadillac e entraram no armazém.

Poucos minutos depois, os habitantes da zona ouviram um rumor vibrante, como o de um martelo pneumático ou o de um tambor furiosamente batido. Durou um minuto ou dois. Depois, duas explosões distintas, como a descarga de um tubo de escape. Duas mulheres chegaram à janela e viram os dois polícias com as pistolas apontadas, que empurravam três homens diante de si. «É uma prisão», disseram com indiferença. Os cinco homens subiram para o automóvel da polícia e partiram.

FARRAPOS

Mas havia um cão que continuava a lamentar-se dentro do armazém. Um vizinho, aborrecido, entrou para ver o que se passava. Não se demorou muito. Precipitou-se para fora, pálido. Estão todos mortos, gritou. Tinha-se enganado. Frank Gusenberg ainda respirava. Embora atingido por catorze balas de metralhadora, tinha conseguido arrastar-se cerca de seis metros desde a parede do fundo. Todos os outros jaziam mortos no mesmo lugar aonde tinham caído, junto à parede: Kashellek de borco, os outros, Waeinschank, Heyer, May e Schwimmer de costas. Pete Gusenberg fora morto ajoelhado, com a parte superior do corpo abandonada sobre uma cadeira. O sangue havia manchado a parede amarelada e, agora, espalhava-se por todo o pavimento.

Os assassinos tinham sido metódicos: as suas metralha-

doras ergueram-se e baixaram por três vezes, primeiro à altura da cabeça das vítimas, depois ao peito e, depois, ao abdómen. De alguns corpos não restava nada mais do que farrapos de carne e ossos.

Quando a polícia chegou, Gusenberg estava ainda com vida. Um agente perguntou-lhe: **Em nome de Deus, que é que aconteceu? Quem te alvejou? Ninguém me alvejou**, disse Gusenberg. Levaram-no para o hospital. **Eu não sou polícia, não falo**, foram as suas últimas palavras. Quando Bugs Moran soube ter escapado àquele massacre por poucos minutos, disse: **Só Capone mata daquele modo**.

A RECEPÇÃO

Naquela mesma noite, em Palm Island, na Flórida, havia uma recepção em casa de Capone. Os convidados aglomeravam-se em redor de um refinadíssimo bufete e bebiam champagne servido por uma dúzia de guarda-costas de «Scarface». Mae Capone, a mulher, estava atenta a satisfazer os desejos de todos. Quando para Sonny, o filho, chegou a hora de ir para a cama, Al Capone tomou-o pela mão e conduziu-o pela sala para dar as boas noites. O rapazinho, com um aparelho acústico no ouvido (sofria de distúrbios auditivos), de comportamento tímido, um pouco esquivo, parecia destoar naquele ambiente.

Kack Koefed, director do jornal Desportivo Post's, de Nova Iorque, viera à festa com a mulher, Marie. A mulher decidiu tomar um banho na piscina. Retirou-se para a galeria veneziana para vestir o fato de banho. No compartimento feminino viu a um canto, qualquer coisa que parecia um baú coberto por um oleado. Sentou-se ali para tirar os sapatos mas, de súbito, levantou-se, gritando de dor. Levantou o oleado e descobriu um montão de metralhadoras, espingardas e revólveres.

Naquela noite os convidados procuraram evitar falar no massacre de Chicago, ao qual os jornais da tarde e a rádio se tinham referido. Na manhã seguinte, os quotidianos



O MASSACRE. À esquerda: os sete mortos no massacre de São Valentim, em 14 de Fevereiro de 1929, em Chicago. Vêem-se os corpos de seis homens; o sétimo conseguiu arrastar-se dali. Morreu pouco depois. O atentado fora organizado por Capone para eliminar Bugs Moran (fotografia acima), chefe do bando dos irlandeses. Moran, pelo contrário, escapou ao massacre.



SENTENÇA PESADA .AI
Capone, antes de comparecer
perante o juiz por evasão
fiscal, com os seus advogados:
Michael Ahern, à esquerda, e
Albert Fink, à direita. Foi
condenado, por cúmulo
jurídico, a 11 anos de prisão.

nos relatavam mais pormenores, entre os quais o comentário de Moran. Jack Koefed telefonou ao seu anfitrião: **Al, é uma pergunta estúpida, mas tens alguma coisa a ver com este assunto?** Jack respondeu Capone, o único homem que mata daquele modo é Bugs Moran.

Capone foi também interrogado pela Polícia sobre o massacre. Confirmou sempre ter estado na Florida naquela altura, citando numerosas testemunhas. As investigações duraram anos, mas não conduziram praticamente a nada. Com base nos indícios da Polícia, a ideia do massacre fora certamente de Capone (embora a sua culpabilidade nunca tivesse sido provada), demasiado interessado na eliminação de um concorrente perigoso como era Moran.

O que salvou a vida ao chefe do bando dos irlandeses foi a sua semelhança com Waeinshank, um dos mortos. Os cinco assassinos tinham certamente uma vigia que os informou que Moran havia entrado na garagem. Quando, depois, os cinco chegaram e se deram conta de que Moran não estava ali, já não puderam voltar atrás. E, para confundir ainda mais as coisas encenaram o último acto durante a fuga: os dois vestidos de polícias, reapareceram na rua, fingindo ter preso os três civis que, na realidade, eram os seus cúmplices.

SCALISE

Não foi o único massacre daqueles anos, que podia ser atribuído a Al Capone. Três «gangsters» sicilianos, antes amigos de Capone, Joe Giunta (tornara-se presidente da União Siciliana), John Scalise e Albert Anselmi (eram os vice-presidentes de Giunta), haviam começado a agir e a falar como se considerassem supérfluo «Scarface». Agora sou eu o homem importante, tinha-se gabado Scalise. Além disso, segundo outras vozes, parecia que o terceto tivesse a intenção de apagar Capone quer da organização do contrabando quer da dos negócios.

Primeiramente, Capone não quis acreditar. Então, Frankie Rio, um dos seus homens, para o convencer, recorreu a uma prova: tinha organizado um almoço com os três sicilianos e o próprio Capone. Durante a refeição tinha fingido litigar com o chefe. Rio havia injuriado Capone e tinha saído. Os três sicilianos morderam o isco. No dia seguinte contactaram com Rio: **Capone merece uma lição**, disseram. Rio fingiu-se sempre de acordo e proferiu ameaças terríveis contra o seu chefe. Por que não reunir as suas forças para correr com Capone? Durante três dias, os quatro estudaram um plano de acção. Depois Rio referiu tudo a Capone.

A execução dos sicilianos tem lugar em 7 de Maio de 1928 durante um banquete

na Hawthorne Inn, um restaurante-hotel, propriedade do «gangster» e encerrado ao público naquele dia, com as portas fechadas e as cortinas corridas. Raramente três hóspedes de honra se tinham sentado para um banquete tão magnífico. Os seus tenebrosos rostos sicilianos congestionavam-se cada vez mais, à medida que tragavam com avidez manjares refinados e picantes, afogados com

O seu sorriso desaparecera. Um silêncio glacial tombou na sala. Já ninguém sorria, excepto os convidados de honra que, saciados e meio embriagados, haviam desapeitado os cintos e as gravatas. Porém, o silêncio perdurava e, também eles, deixaram de sorrir. Começaram a olhar em redor nervosamente. Capone inclinou-se para eles: **Pensavam que eu não sabia? Imaginaram que eu**

de conceitos que emitia sobre tudo e sobre todos. Capone não vai à igreja ao domingo, Capone prognostica que os Cubs (uma equipa de baseball) vencerão o campeonato, Capone lê a vida de Napoleão, alguns títulos dos quotidianos daquele período.

A propósito de Napoleão, atribui-se-lhe este conceito: **Devo reconhecer que Napoleão foi o maior «racketeer» do mundo, mas eu teria podi-**

Richard E. Byrd, George Bernard Shaw, presidente dos Estados Unidos Herbert Hoover, Mahatma Gandhi, Albert Einstein, Henry Ford e, finalmente, Capone.

O BENFEITOR

A fantasia popular tinha criado uma imagem heróica de Capone. Toda a gente, por todo o país, tinha a propensão para aceitar a explicação que Capone dava para as suas próprias actividades. «Sou um benfeitor público... Não se pode matar a sede com a lei. Chamam-me contrabandista. Sim. A minha mercadoria é de contrabando enquanto se encontra sobre o camião, mas quando o vosso anfitrião vo-la oferece sobre uma bandeja de prata, no clube ou em casa, então, é hospitalidade. Portanto, que fez o Al? Não fez mais do que satisfazer solicitações legítimas. Uns chamam-lhe contrabando, outros racket. Eu chamo-lhe negócio. Dizem que violei a lei seca. Quem não o fez?»

No hipódromo de Charleston, em Indiana, quando Capone aparecia com os guarda-costas, milhares de pessoas saudavam-no e ele respondia com as mãos unidas por cima da cabeça, como fazem os pugilistas quando sobem ao ring. O procurador dos Estados Unidos, Johnson, ficou desconcertado quando, durante o American Derby, em Washington Park, ouviu a banda tocar **Esta cidade está só quando tu não estás aqui** no momento em que Capone, fulgurante no seu fato amarelo e gravata da mesma cor, tomava o lugar e grupos de espectadores se aglomeravam à sua volta para lhe apertar a mão.

No Outono de 1930, Capone voltara da Flórida para uma Chicago que vacilava sob a grande crise daqueles anos. Nenhuma cidade tinha sofrido mais porque, aqui, a catástrofe económica que toda a nação tinha sofrido, era acrescida pela prodigalidade da terceira administração do presidente da câmara Big Bill Thompson. Naquele ano havia esbanjado 23 milhões de dólares para além do que tinha recolhido em impostos.

Os desempregados e os famintos eram às centenas de milhares. «O meu irmão», anunciou um dia Ralph Capone, «alimenta três mil desempregados por dia». Um cartaz pendurado sobre a fachada de um imenso edifício do South Side anunciava **COMIDA GRATUITA PARA OS DESEMPREGADOS** e, aqui, a expensas de Capone, foram distribuídas em seis semanas 120 mil refeições. No **Thanksgiving Day** — dia de acção de graças —, tradicional festividade americana, Capone tinha oferecido 5 mil perús. Pelo Natal havia oferecido um jantar opíparo a todos os pobres da Little Italy. Durante esta festividade, uma mulher ajoelhou-se diante dele e beijou-lhe a mão.

A lenda de Capone dilatava-se na pátria e no estrangeiro, favorecida pela turba de jornalistas, comentadores radiofónicos, oradores, romancistas, comediógrafos, homens de cinema. Em Nova Iorque, no Bronx, o doutor Jacob Katz, rabino da sinagoga Montefiore, afirma que o bando de Capone, melhor, a «firma de Chicago», para usar uma das suas expressões, era potencialmente uma força construtiva: **«O rei David tinha incluído no seu exército os párias do seu povo e com este exército construiu o reino de Israel. Os Estados e os governos que vêm à distância deveriam aprender com o rei David e com a firma de Chicago que, para reconstruir as nações do mundo, é preciso reintegrar aqueles homens que, ao fim e ao cabo, não são senão o resultado da nossa maneira de viver».**

Também a Hawthorne Inn, aonde Capone havia morto a golpes de bastão de baseball os três gangsters sicilianos, teve o seu momento de glória: torna-se a meta dos autocarros turísticos que faziam a volta de Chicago e arredores. «O castelo de Capone», exclamava o guia ao microfone.

O GORILA

De 1929 a 1931 foram publicados diversos livros dedicados inteira ou parcialmente a Capone. O primeiro da série foi **Rattling the Cop on Chicago Crime** (Como Enganar a Polícia sobre os Crimes de Chicago) de Edward Dean Sullivan. As edições Fawcett publicaram um número único: **The Inside Story of Chicago's Master Criminal** (A História Oculta do Chefe dos Criminosos de Chicago), ao preço de 50 centimos. O autor anónimo atribuía a maior parte dos delitos mencionados no texto a Capone, embora em muitos casos não houvesse qualquer ligação. Capone sentia-se mais lisonjeado do que ofendido com todas estas atenções. Comprou cem exemplares da revista.

Nos estúdios hollywoodianos de Howard Hughes tinha, entretanto, começado a elaboração de **Scarface**, encenação de Ben Hecht, protagonista Paul Muni (a First National já tinha lançado nos princípios de 1930 a primeira longa metragem sobre o gangster, **O Pequeno César**, com Edward G. Robinson, seguido em 1931 pelo Warner Bros., **O Inimigo Público**, com James Cagney).

Uma noite, à meia-noite (assim contou Hecht anos depois) bateram à porta do seu quarto num hotel de Los Angeles. Os visitantes eram dois estranhos, de olhar cruel, com uma cópia do argumento do filme na mão.

«Foste tu quem escreveu esta coisa?», disse o que tinha o argumento na mão.

Continua na pag. 18



TUDO PELA FAMÍLIA. Em cima, à esquerda: Capone com sua mãe, e sereza. À direita: o irmão Matt. Em baixo: a mulher, Mae. Al era muito afeiçoado à família. Quando se estabeleceu em Chicago, comprou uma casa aonde instalou a mãe, os irmãos e as irmãs. Com a mulher, Mae dava-se muito bem, mas frequentemente dava-se a escapadelas extraconjugais.



litros de vinho tinto. No topo da mesa, Capone distribuía luzidos sorrisos transbordantes de afabilidade e propunha brinde após brinde: **A tua saúde, Scalise! A tua saúde, Anselmi! A tua saúde, Giunta!**

Finalmente, decorrida há muito a meia-noite, quando o último bocado já estava devorado e a última gota bebida, Capone, de repente, empurrou a cadeira para trás,

não tivesse dado pela traição?

Capone havia respeitado a antiga tradição. Primeiro a hospitalidade, depois a execução. Os sicilianos não tinham possibilidade de se defender porque, como mandava a regra, tinham depositado os revólveres no vestiário. Os guarda-costas de Capone caíram a prumo sobre eles, amarraram-nos às cadeiras com fio metálico e amordaçaram-nos.

Capone levantou-se. Tinha nas mãos um bastão de baseball. Lentamente, percorreu todo o comprimento da mesa e parou atrás do primeiro convidado. Com ambas as mãos levantou o bastão e baixou-o com toda a força. Continuou a bater, nas costas, nos braços, no peito. Depois, foi a vez do segundo convidado e quando, também este, ficou reduzido a farrapos, passou ao terceiro.

Por fim, um dos guarda-costas foi ao vestiário buscar um revólver e desapareceu na nuca dos três sicilianos. Os corpos foram carregados no banco posterior do seu automóvel, depois abandonado nas vizinhanças de Hammond, em Indiana. Quando o coronel examinou os cadáveres, encontrou bem poucos ossos não fracturados e bem poucas partes do corpo não contundidas.

NAPOLEÃO

Foram anos gloriosos para Capone, sempre na crista da onda. Os jornais andavam cheios das suas declarações,

do dar-lhe úteis conselhos. O pior é que perdeu a cabeça. Deixou-se agarrar e os outros é que aproveitaram com isso. Deveria ter tido bastante bom senso para se retrair depois do golpe de Elba. Mas também ele era como todos nós. Não compreendia quando era o momento de se retirar. Assim foi apanhado pela desgraça, facilitando a tarefa dos outros bandos que, ao fim e ao cabo, não eram estúpidos. Se tivesse vivido em Chicago, para ele teria havido uma Waterloo com espingardas de canos partidos. Não acabou na valeta, mas obrigaram-no a fazer uma viagem sem regresso até Santa Helena, que foi quase a mesma coisa.

Capone tinha pontos de vista particulares também sobre outras questões importantes. O problema da mulher moderna, por exemplo. Hoje, as mulheres estão em apuros porque têm demasiadas coisas que fazer fora de casa. A casa e os filhos são a única real felicidade da mulher. Se as mulheres ficassem mais tempo em casa, o mundo deveria preocupar-se menos com os seus problemas de modernismo.

Em 1930, a escola de jornalista Medill, de Chicago, organizou um inquérito entre os seus estudantes com o fim de estabelecer quais eram os mais eminentes personagens do mundo... as personagens que fizeram história, naqueles últimos dez anos. A maioria dos votos foi para Benito Mussolini, depois para Charles A. Lindberg, almirante

AL CAPONE

Continuação da pag. 17

Hecht disse que sim. «Ja o lemos atentamente. Refere-se, talvez, a Al Capone?».

«Oh, não!», disse Hecht. «Nem sequer o conheço». E nomeou alguns gangsters que havia conhecido quando trabalhara como jornalista em Chicago: Colosimo, O'Banion, Hymie Weiss.

«Então, está bem, diremos ao Al que esta coisa diz respeito a outra gente».

Quando estavam para se retirar, o outro homem teve uma reflexão. «Se isto não diz respeito a Capone, por que tem o título Scarface? Todos pensarão nele».

«E exactamente esta a razão do título. Al é um dos homens mais famosos e fascinantes do nosso tempo. Se eu intitular o filme Scarface todos irão vê-lo, convencidos de que se trata dele. E uma enorme publicidade».

«Direi a Al. Quem é este Howard Hughes?»

«O trouxa que nos dá a massa».

«Okay. Por mim pode ir para o diabo». E partiram satisfeitos.

Também a imprensa de todo o mundo seguia com interesse as façanhas de Capone. A editorial de um jornal vienense, citada pela imprensa de Chicago, definia Capone como «o verdadeiro dirigente de Chicago», e, irónicamente, perguntava por que é que os eleitores nunca tinham realmente votado nele. Esta ideia fez rebentar de riso um dos gangsters de Capone, ao passo que este, pelo contrário, não achou que fosse motivo para rir. Pelo contrário, sentiu-se lisonjeado com isso. E enfureceu-se tanto que deitou por terra com um soco o incauto.

O Journal de Paris mandou um enviado especial a Chicago. George London, para estudar o fenómeno do gangsterismo. London ficou fascinado por Capone. «Não se consegue acreditar», escreveu, «que seja um monstro com tantos crimes na consciência. E não tem falta nem de humor nem de astúcia. Veio cá», disse-me «para ver aquele a quem chamam o gorila. Pois, bem, olhe bem este gorila». E, sempre sorrindo, mostrou-me a sua mão, bela e branca».

Mas poucos entrevistadores acharam Capone mais fascinante e mais atraente do que Eleanor Patterson, dita Cissy, directora e depois proprietária do quotidiano Herald de Washington. «Um italiano prodigioso», escreveu depois de o ter encontrado em Palm Island. «Olhei-o nos olhos. Olhos cinzentos, frios como gelo. Olhar Capone nos olhos é como olhar os olhos de um tigre...». E, tal como London, também Cissy Patterson fica impressionada com as mãos do gangster: «Enormes, fortes bastante para agarrar com força quase tudo, mas, à superfície, móbidas, polidas, cândidas».

O FISCO

Esta publicidade, se lisonjeava o tigre de Chicago, não podia senão aborrecer as autoridades que tinham de o combater. O primeiro entre todos, o presidente dos Estados Unidos, Herbert Hoover, eleito em 1928. Hoover começava o dia com um pouco de exercício desportivo. An-

MORRER DE IMPOSTOS

tes do almoço encontrava-se com os membros do seu gabinete no prado da Casa Branca e, enquanto discutia os assuntos e negócios de Estado, jogava à bola. Capone foi uma das suas maiores preocupações durante as primeiras semanas após a eleição. «Prenderam aquele...», e lançava a bola ao ar, «aquele

era Frank J. Wilson, ex-agente imobiliário de Buffalo, taciturno e impassível («Não aquece nem sequer quando transpira», diziam a seu respeito), fumador inveterado de charutos que, seguidamente, viria a tornar-se o chefe dos serviços secretos dos Estados Unidos.

Foi aberta uma investi-

dia a fina flor do cartório de advogados Nash-Ahern. Além de Thomas Nash e do elegante Michael Ahern, havia o astuto, pequeno Albert Fink, de óculos de hastes de ouro encavalitadas na ponta do nariz e o hábito de exclamar nos momentos mais críticos: «Oh, santa consciência!».

vam apenas ser considerados culpados de não ter pago os impostos sobre os seus rendimentos ilegais».

BOLCHEVISMO

Entretanto, Capone continuava a conceder entrevistas moralizantes:

dade de pôr condições relativamente ao processo em curso... O tribunal não pode dizer ao imputado se procederá ao julgamento segundo as propostas. O advogado Ahern pôs-se em pé de um salto: «Tinha-nos sido dado acreditar que o tribunal teria aprovado a proposta...» Wilkerson foi irredutível e duro; permitiu apenas que Capone retratasse a sua declaração de culpabilidade e adiou o processo para o mês de Outubro.

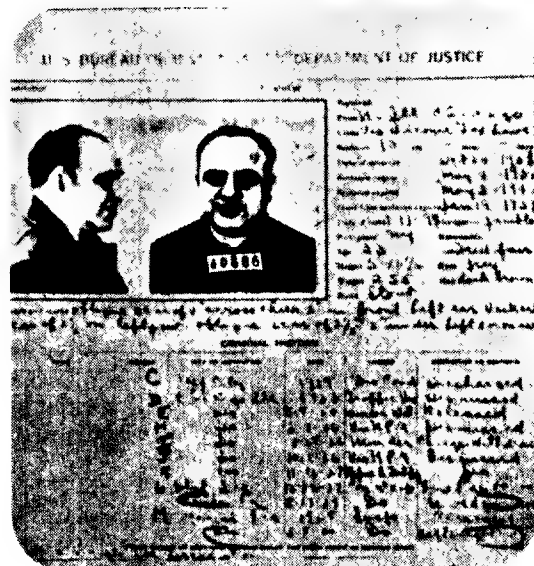
O JÚRI

Em 6 de Outubro de 1930 é formado o júri que devia julgar Capone: pequenos comerciantes, mecânicos, agricultores, que o gangster não tinha nenhuma possibilidade de corromper. De facto, a lista fora mudada no último momento pelo juiz Wilkerson. Capone estava pálido, estupefacto. Depois desfilaram as testemunhas, amedrontadas pela importância do gangster, mas confiadas na protecção da polícia. O principal argumento da defesa centralizou-se em torno da infelicidade de Capone nas corridas de cavalos. Ao ouvir o advogado Fink, Capone parecia o jogador mais desafortunado que alguma vez existira. Em substância, parecia que todo o dinheiro ganho com as casas de jogo tivesse acabado nas mãos dos apostadores: 12 mil dólares em 1924, e aí por diante até aos 110 mil dólares em 1929.

Chegou-se à oração da defesa. Levantou-se o advogado Ahern: «Em Roma, durante as guerras púnicas, vivia um senador de nome Catão, chamado o censor. Concluiu todos os seus discursos com a frase: «Cartago deve ser destruída». Hoje, estes nossos senhores, estes acusadores públicos, a imprensa, dizem todos: «Capone deve ser destruído». As provas alegadas neste processo demonstram uma única coisa contra ele: que é um esbanjador.»

No último dia, 17 de Outubro, Capone perdeu toda a esperança quando o acusador público começou a falar: «Os seus advogados definiram-no como um «Robin dos Bosques» que tirava aos ricos para dar aos pobres. Este Robin dos Bosques comprou talvez as fivelas dos cintos com diamantes, de 8 mil dólares cada uma, a favor dos desempregados? A sua conta no talho, que ascendia a 6 mil dólares por semana, era talvez a favor dos esfomeados? Comprava as camisas de 27 dólares cada uma para os pobres que dormem debaixo das pontes?».

O júri, após oito horas de reunião, reconhece-o culpado para alguns dos 22 quesitos de acusação. Depois, o júri Wilkerson retirou-se para lavrar a sentença com base nas decisões do júri. A sentença foi severa, a mais dura até aquele momento aplicada



PRIMEIRO SINTOMA. A ficha de identificação de Capone, na prisão de Atlanta, aonde cumpriu uma parte da pena. Depois foi transferido para Alcatraz, aonde se registou o primeiro sintoma da sífilis que o viria a matar.



A GOLPES DE BASTÃO. Em cima, da direita para a esquerda: John Scallie, Albert Anselmi e Joe Giunta. À esquerda: os seus corpos numa sala de necrotério de Chicago. O assassinio foi levado a cabo pelo próprio Capone, num restaurante de Chicago de sua propriedade. Sabendo que os três queriam assassiná-lo, Al convidou-os para cear; depois matou-os a golpes de bastão de baseball.

Capone? Não se esqueçam», e fazia outro lançamento, «que o quero na cadeia!».

Hoover fazia tudo o que estava ao seu alcance para acelerar as investigações sobre Capone. Em 1927, a Elmer L. Irey, chefe da secção legal do fisco americano, tinha sido dada uma arma para usar contra os gangsters. Naquele ano, o Supremo Tribunal havia emitido uma sentença contra um certo Manley Sullivan, contrabandista de bebidas alcoólicas. Este não tinha preenchido a participação dos rendimentos, adivindo como justificação o facto de tal rendimento provir de negócios ilegais, portanto, não sujeitos a impostos, e de que a declaração deste rendimento seria um acto de auto-incriminação. O Supremo Tribunal tinha rejeitado as suas justificações, porquanto não existia motivo algum para que «um negócio ilegal deva ser considerado isento de impostos, quando um negócio legal é passível de contribuição».

Era uma arma potente contra Capone que, em toda a sua vida, nunca tinha preenchido um único impresso de declaração de rendimentos para efeitos fiscais. («A lei fiscal é toda ela um fardo», dizia). Irey encarregou um grupo de agentes especiais de investigar as actividades do gangster. O chefe

gação contra Capone, cuja sigla era SI (investigação especial) — 7085 - F, e Wilson escolheu um grupo de agentes para seguir o rei de Chicago. Entre estes, encontrava-se também Mike Malone, o «misterioso», como lhe chamavam, o qual, sob o nome de Michael Lepito, conseguiu introduzir-se no bando de Capone, de modo a conquistar a confiança do próprio Al.

Conseguiram apertar com Lou Shumway, um ex-caixa das actividades fraudulentas de Capone, que forneceu numerosas provas para incriminar o gangster. Referiam-se ao ano de 1924 e revelavam que, durante aquele período, Al tinha tido um rendimento líquido de 123 102 dólares, dos quais não havia declarado um sequer. Para o período de 1925 - 30, o fisco fora bem sucedido ao estabelecer que Capone tinha ganho 1 038 655,84 dólares, que também nunca tinham sido declarados. Além disso, Scarface e outros 68 membros do seu bando foram incriminados por 5 mil delitos, relativamente a violações da lei seca. Como quer que seja, a precedência foi dada à causa relativa à evasão fiscal.

Se tivesse sido reconhecido culpado de todas as imputações, Capone teria sido condenado a 34 anos de prisão. A sua defesa compre-

Os advogados propuseram um compromisso ao procurador dos Estados Unidos, Johnson. O cliente declararia-se culpado se tivesse a garantia de que a sentença seria leve. Depois de ter consultado Wilson, Irey, o Procurador-geral William Mitchell e o secretário do Tesouro Ogden Mills, Johnson concordou com uma sentença de dois anos e meio. De facto, era opinião geral que o terrorismo por parte dos gangsters poderia impedir que as testemunhas-chaves fizessem os seus depoimentos. Os advogados de Al aceitaram.

Capone, com um espantoso fato cor de banana e o moral nas estrelas, na manhã de 16 de Junho de 1930 subiu para o ascensor do tribunal Federal. Um juiz que havia tentado subir juntamente com ele, foi afastado do elevador: «Não pode usar este ascensor, amigo. Está reservado para Al Capone». Depois da declaração de culpa, o juiz Wilkerson adiou a audiência para 30 de Junho.

A imprensa, dando por certo que Capone sairia com uma sentença levíssima, reagiu indignada: «A vencida é toda a Chicago», escreveu o New Republic. «Não é, por certo, motivo de orgulho», escreveu o Courier Journal de Louisville, «que os gangsters, reis de toda a espécie de coisas abomináveis, de-

«Têm-me debaixo de olho, e não quero lamentar-me. Mas porque não vão procurar também todos aqueles banqueiros que ficam com as economias de tanta gente pobre e as perdem nas bancarrota?» Ou fazia política: «A América está no limiar de uma grande modificação social. O bolchevismo bate às nossas portas. Por isso, devemos ter as nossas fábricas longe da literatura vermelha, dos enganos vermelhos: devemos proceder de modo que fiquem espiritualmente sãos.»

Na noite de 29 de Julho, Al ofereceu um jantar de despedida no restaurante Nova Florença. Entre os convidados, Mike Malone, o agente especial que representava ainda o papel de gangster. «Tenho pena que te vás embora, Al», disse. Porém, Capone não estava abatido. Uma sentença de dois anos e meio, com a possibilidade de uma redução por boa conduta, parecia bastante fácil de suportar. «Enquanto eu estiver afastado, Johnny ocupar-se-á de tudo», disse abraçando Torrio.

Mas, no dia seguinte, golpe de teatro. O juiz Wilkerson, na abertura da audiência, anunciou ao estupefacto Capone, que envergava um fato verde ervilha: «Numa acção penal, as pessoas implicadas não têm a facul-



a um evasor fiscal: 11 anos de detenção, multa de 50 mil dólares e 30 mil dólares de custas do processo.

O juiz Wilkerson, à espera do apelo, negou a caução e perguntou ao xerife Henry "aubenheimer quando podia transferir Capone para a cadeia do condado de Cook. «As seis e um quarto desta noite, Vossa Honra». Capone arquejava. «Adeus Al, velho amigo», disse o advogado Fink, com a voz entrecortada. E sem acrescentar nada mais, com as lágrimas nos olhos, apertou as mãos do seu cliente. O gangster, num fato cor de púrpura brilhante, teve ainda um assomo de orgulho diante dos fotógrafos: «Tiram muitas, rapazes, pois não me verão mais por muito tempo.»

ATLANTA

O Supremo Tribunal dos Estados Unidos, em 2 de Maio de 1931, recusa o pedido de liberdade para Capone. A 4 de Maio, o gangster partiu com um cortejo de 15 automóveis da polícia para a Penitenciária de Atlanta. Por detrás do gradeamento do pátio da prisão, os presos saudavam-no agitando as mãos, assim como muitos espectadores fora da prisão. «Aposto que nem sequer Mussolini teve alguma vez uma despedida como esta», disse Capone.

Na Penitenciária de Atlanta foi-lhe dado o número 40.822. Submetido a exame médico, Scarface admitiu ter contraído a sífilis três anos antes, mas recusou deixar fazer uma punção lombar para verificar se era ainda portador da doença. E colocado numa cela com mais oito detidos. Entre estes estava também Rudensky, o Ruivo, um

mecânico dos primeiros tempos do contrabando, que sempre tinha adorado Capone. «Tinha ainda aquele irresistível magnetismo», recordou mais tarde.

A vida no cárcere corria bastante tranquila para Al: trabalhava oito horas por dia como sapateiro, de vez em quando jogava o ténis ou o baseball.

mente a vingança. No dia seguinte, os dois agressores foram assaltados por um grupo de detidos armados de pás. Num momento em que os guardas não olhavam tomaram-nos à sua conta: um acabou no hospital com a maxilar partida e o crânio fracturado, o outro nunca mais pôde fazer uso do braço direito.

Por motivos de segurança, Capone foi transferido para a nova prisão de Alcatraz. Aqui, o seu dia começava às 6,30 da manhã para terminar às 21,30. De princípio, trabalhou na lavanderia, e nas ho-

ALCATRAZ

Por motivos de segurança, Capone foi transferido para a nova prisão de Alcatraz. Aqui, o seu dia começava às 6,30 da manhã para terminar às 21,30. De princípio, trabalhou na lavanderia, e nas ho-



COM O FILHO. Al Capone com o filho Sony, ao lado, conversa com um jogador de baseball. Grande apaixonado de desporto, Al, que adorava o seu único filho, sempre que podia levava-o consigo

Capone tinha colado a fotografia de todos os seus familiares por cima do beliche. Umavez, olhando a fotografia de Sonny, disse a Rudensky:

«Como pôde um ciclone como eu ter um filho tão bonito? Em 1932, um guarda entrou na cela. «Vem Al», disse, «e deixa todas as tuas coisas». Acrescentou que a ordem incluía também as fotografias da família. Capone enfureceu-se. Foram preci-

ras livres tocava banjo (durante aqueles anos aprendera a ler música). Tinha organizado um quinteto de detidos, cantava e compôs uma canção que intitulou: Mãezinha. Em 1936, houve uma amotinação de presos, mas Capone não se uniu ao tumulto. Durante todo o dia ouviram-se gritos de: «Bastardo! Traidor!». «Aqueles são dois», disse Capone, «não poderão nunca mais obter seja o que for».

Porém, este episódio desencadeou o ódio dos outros detidos. Em 23 de Junho, um ladrão de bancos, Jim Lucas, atacou Capone, agora adido à limpeza, e enfiou-lhe uma tesoura nas costas. Al passou uma semana no hospital. Chamavam-lhe com desprezo «o brioso com a vassoura» e foi vítima de outros atentados: procuraram envenená-lo, misturando lexívia no seu café, agrediram-no no momento em que foi ao dentista, procurando estrangulá-lo. Mas Capone conseguiu desembaraçar-se. «Aqueles filhos de...», disse, «quem sabe por que é que se metem comigo.»

Foi transferido para outro trabalho: o de bibliotecário. Em 5 de Fevereiro de 1938, Capone levantou-se, mecânicamente entrou no refeitório. Pelos cantos da boca perdia saliva, depois pôs-se a vomitar. O médico da prisão diagnosticou: «Está danificado o sistema nervoso central, uma característica da sífilis no estado mais avançado.» Foi-lhe feita, finalmente uma punção lombar. A resposta foi drástica: sífilis.

Al passou o último ano de Alcatraz no hospital da prisão: alternava períodos de lucidez com outros de confusão mental. Em 6 de Janeiro de 1939 foi transferido, para cumprimento do último ano de prisão, para a penitenciária de Lewisburg, na Pensilvânia, de onde foi libertado nos fins de 1939. Em Chicago, os jornalistas perguntaram a Jake Gusik, o «Polegar Gordo», seu administrador, se Capone regressaria novamente como rei dos bandidos. «Al», respondeu Gusik lacónicamente, «já deu o que tinha a dar.»

A MORTE

«Scarface» passou os últimos anos de vida na sua vila

de Palm Island. Era constantemente assaltado por assaltos imaginários. A simples vista de um automóvel entrava em pânico. O irmão Ralph pediu à mulher de Al, Mae, para não deixar estranhos junto de Capone: dado o seu estado mental, teria podido revelar qualquer coisa sobre a organização. Passava a maior parte do tempo perto da piscina, ou, em pijama e roupão, sobre o molhe, com uma cana de pesca. Estava muito gordo e quase completamente calvo.

O andamento da neuro-sífilis é imprevisível. O doente, às vezes, parece normal, outras vezes completamente dissociado. Capone, mesmo nos seus melhores momentos, tinha falta de coordenação mental e psíquica: passava, de chofre, de um assunto a outro e, entretanto, tagarelava, assobiava e cantolava. Foi-lhe administrada penicilina (então raríssima) e as suas condições pareceram estabilizar-se, embora nenhuma terapia pudesse já deter o processo irreversível que havia danificado o seu cérebro.

Em 19 de Janeiro de 1947, às quatro horas da madrugada, teve uma hemorragia cerebral. Chegou o doutor Kenneth Philips, seguido de um sacerdote que administrou a Capone a extrema unção. Os jornais anunciaram a sua morte. Porém, Capone reze-se. Durante a semana seguinte sofreu um ataque de pneumonia. Os jornalistas passavam horas fora dos portões da vila. No Sábado à noite, dia 25 de Janeiro, Capone morreu na presença da mãe, da mulher, do filho, dos irmãos e das irmãs. Philips procurou em vão convencer a família a dar o seu consentimento para uma autópsia «para tornar possível o estudo do cérebro de Capone». Tinha 48 anos.

ESCOLA NAVAL

ADMISSÃO DE CADETES DA ARMADA

Nos termos do Regulamento da Escola Naval aprovados por Decreto 454/70 de 1 de Outubro de 1970 está aberto concurso desde 15 de Julho a 16 de Agosto para admissão de:

50 cadetes do curso de Marinha
5 cadetes do curso de Engenheiros maquinistas navais
5 cadetes do curso de Administração Naval

1. Condições de admissão

- Ser cidadão português, filho de pais portugueses
- Ter pelo menos 1,64 metros de altura
- Ter idade não superior a 19 anos para o curso de Marinha e 20 anos para os cursos de Engenheiro maquinista naval e administração naval, feitos até 31 de Dezembro de 1972.
- Ter habilitações que permitam o seu ingresso em cursos superiores com afinidade dos professados na Escola Naval (alínea f) e alínea g) do 3.º ciclo liceal.

2. Admissão condicional ao concurso

Para eventual provimento das vagas que não foram preenchidas pelos candidatos que satisfaçam as condições de admissão acima indicadas, poderão ser admitidos condicionalmente ao concurso candidatos nas seguintes condições, prioritários pela ordem que vão referidas:

- a) Com aprovação no curso complementar dos liceus de qualquer alínea, desde que tenham obtido aprovação em Matemática e Ciências Físico-Químicas para os cursos de Marinha e de Engenheiros maquinistas navais ou Matemática e Geografia para o curso de Administração Naval;
- b) Com possibilidade de completarem o curso complementar dos liceus na época de exames de Outubro;
- c) Com acuidade visual inferior à estabelecida no quadro constante da Portaria n.º 22.987 de 31 de Outubro de 1967, mas obedecendo às condições do despacho ministerial de 25.10.69:
 - 1) Para a classe de Marinha-Grupo B
 - 2) Para as classes de Engenheiros maquinistas navais e de Administração naval — grupo C
- d) Com mais 1 ano de idade que o estipulado nas condições de admissão.

3. Documentos a entregar

a) Até 16 de Agosto:

- Requerimento dirigido ao Comandante da Escola Naval pedindo a admissão ao concurso;
- Declaração do estado de solteiro;
- Autorização dos pais para assentar praça ou certificado de emancipação;
- Declaração em papel comum das suas habilitações e respectivas classificações.

b) Até 21 de Agosto:

- Certidão narrativa completa do registo de nascimento;
- Certidão do registo criminal;
- Certificado especificado das habilitações literárias.

4. Provas a prestar

- Inspeção médica
- Provas de aptidão física
- Exame psicotécnico

Os candidatos residentes no Continente prestarão estas provas na Escola Naval, em Lisboa (Alfaiete) na semana de 16 a 20 de Agosto.

Para os candidatos residentes nas ilhas adjacentes e nas províncias ultramarinas a inspeção médica e as provas de aptidão física são realizadas na sede dos respectivos comandos territoriais da Armada na mesma semana.

O Ministério da Marinha tomará a seu cargo os transportes para Lisboa dos candidatos aprovados que fiquem dentro das vacaturas existentes.

5. Alistamento

O alistamento dos candidatos no Corpo de Alunos da Escola Naval será feito em 1 de Setembro, pela ordem que ficarem aprovados, e implica para o aluno a obrigatoriedade de servir a Armada durante 8 anos, a contar da data de promoção a guarda marinha.

6. Duração dos Cursos

Os cursos na Escola Naval têm a duração de quatro anos.

As cadeiras de natureza académica, de índole a programas semelhantes às professadas nas Universidades, são consideradas equivalentes nos termos legais.

7. Condições de Frequência

Os alunos têm direito aos vencimentos fixados pela legislação vigente (450\$00 como cadete no 1.º ano e alimentação e 3500\$00 como aspirante nos anos seguintes), aos artigos de fardamento que fazem parte da tabela superiormente aprovada e ainda a assistência médica, cirúrgica, medicamentosa e hospitalar nas mesmas circunstâncias que os oficiais.

Os alunos são isentos do pagamento de propinas, e recebem as publicações necessárias ao estudo das matérias que fazem parte dos planos de curso.

As condições de admissão e minutas de requerimentos poderão ser consultadas na Escola Naval no Alfaiete, e nos liceus, colégios, capitães dos portos e delegações marítimas.

Quaisquer outras informações poderão ser obtidas na Secretaria da Escola Naval e pelos telefones de Lisboa 270951, 270955 e 270041.

Os candidatos que precisem de deslocar-se à Escola Naval poderão utilizar qualquer dos seguintes meios:

1. — Vedetas que saem da Doca de Marinha às 9 horas e às 9 h. 45 minutos.
2. — Carrinhas da E. N. que largam de Cacilhas às 9 h. 10 m. e às 10 h. 15 m.
3. — Táxis de Cacilhas para a Escola Naval.

Escola Naval, Alfaiete, em 23 de Junho de 1972.

O Secretário,
António Carlos Sousa da Fonseca
Cap. Frag. AN

DL/DOMINICAL

DOCUMENTO

BURUNDI

Continuação da pág. 12

Repórter — Como reagiu o Governo?

Milleaux — Os Tutsi ripostaram com ferocidade ainda maior. A repressão, superada os primeiros momentos de surpresa, começou imediatamente.

Em Gitega, os rebeldes que haviam invadido a sede da guarnição foram apanhados e massacrados. Mais de trezentos pára-quedistas Tutsi, dotados de blindados e de matralhadoras de fabricação soviética, receberam do comandante das forças

armadas, Thomas Ndamaye, a ordem de «limpar» a estrada de Bujumbura e Nyanza Lac. A repressão foi impiedosa, os massacres ultrapassaram todos os limites imagináveis. Sem exagerar, podemos dizer que em Kabizi, em Mutumba, em Minago, em Rumonge, em Karonda e em Kigwena não ficaram homens vivos. Os militares não se limitaram a «limpar» as estradas: cometeram morticínios terríveis, matando não só os homens, mas as crianças e diante dos olhos dos pais. Tornaram-se insensíveis embriagando-se, agredindo mulheres, roubando, destruindo e queimando tudo o que não conseguiram levar consigo. E tudo isto durou até depois de meados de Maio. Atrás de si, uma horda de mercenários Tutsi completava a obra, queimando com mais calma e continuando a matar. A rádio falava de brigadas de socorro encarregadas de sepultar os mortos; nós, pelo contrário, sabíamos que os mortos apodreciam pelas estradas e ruas. Tinha começado a eliminação de todos os Hutu, especialmente daqueles Hutu que tinham estudado. Os que sabiam ler, eram carregados em camiões de caixa basculante e levados para as prisões, das quais saíam apenas para serem enterrados numa fossa



Hutus conduzidos para os campos de extermínio

comum. Os feridos Hutu foram massacrados ou fuzilados no próprio local onde foram encontrados, inclusivamente no dispensário ou na sala de operações do hospital de Bujumbura. O cirurgião do hospital, que é russo, chegou a pedir à própria Embaixada para o exonerar do cargo: os seus doentes eram trucidados à saída da sala de operações. Dois anestesistas Hutu, que trabalhavam com ele há cinco dias, foram mortos nas suas casas.

Repórter — No Ocidente falou-se de genocídio.

Milleaux — Não é exagero. Nos bairros da capital, Bujumbura, houve uma caça impiedosa aos Hutu, especialmente nas escolas superiores aonde os professores europeus tentaram, em vão, opor-se à invasão dos militares armados nas aulas. Até os serviços Hutu que prestavam serviço a famílias brancas foram

levados e mortos. Verificaram-se massacres de estudantes Hutu no Colégio do Espírito Santo, cujo reitor se demitiu em sinal de protesto. Os professores já não sabem continuar a sua obra, depois dos morticínios havidos na Escola Normal Superior e na Universidade Estatal. Civis europeus e missionários foram presos ou expulsos só pelo facto de terem tratado e alimentado doentes Hutu, ou por terem ousado condenar tais morticínios. Até padres Hutu foram encarcerados e mortos.

Repórter — Qual é hoje a situação?

Milleaux — O Burundi continua a ser o país do medo. E os massacres ainda continuam; se não são os militares a levá-los a cabo, é a juventude «revolucionária» ao serviço do partido único Uprona, controlado pelos Tutsi. Teme-se, também, que deflagrem epidemias. Já

desde a primeira metade deste mês que, por causa dos cadáveres insepultos, corria o boato sobre o perigo de peste, tanto que se propunha o envio de equipamentos lança-chamas para queimar os corpos. E isto sobretudo nas zonas de Bujumbura e Nyanza Lac. Assim, o que não foi aniquilado pela revolta e pela repressão, acabará destruído pela peste.

Repórter — O que é possível prever quanto ao futuro?

Milleaux — De momento, pelo menos, temo que o optimismo seja impossível. O ódio de raça continuará a exercer a sua funesta influência no Burundi. Quanto ao futuro, nada se sabe. Mas o certo é que um entendimento entre as comunidades dos Hutu e dos Tutsi não será conseguido enquanto outras nações estanhas à África, como a Rússia e a China, fizerem de detonador.

CARROS USADOS

CONDIÇÕES ESPECIAIS COM OFERTAS DE EXTRAS
EXPOSIÇÃO DAS 9 AS 24 HORAS—ATÉ 15/7/1972
NA



**AUTO MONUMENTAL
DO AREEIRO, S.A.R.L.**

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 8, 8-C e 8-D
(ao Areeiro) — Telef. 718607-727654-727665-713057
ROTUNDA DA ENCARNAÇÃO
AGENTE OFICIAL DA VOLKSWAGEN
FACILIDADES DE PAGAMENTO E TROCA

Compañia Trasatlántica Española, S. A.

MADRID

PARA:

**NEW YORK, PHILADELPHIA
BALTIMORE e NORFOLK**

Recebe cortiça, frigorífico e carga geral a moderna
e rápida motonave espanhola:

VALVANUZ

Esperado em 12 do corrente

GALEONA

esperado em 21 do corrente

Os Agentes Gerais

LLORET & XAVIER, LDA.

Largo do Corpo Santo, 21-1.º

Telef. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex. 1416 LLOXAV
LISBOA-2

ACADEMIA PREMIOU BRIALY

Paris — A Academia Francesa atribuiu o prémio «Jean Le Duc» a Jean-Claude Brialy, pelo seu trabalho de realizador no filme «Élegantine». O galardão destina-se a sublinhar as qualidades de uma película francesa de longa metragem e os méritos do seu autor.

BAILADOS GULBENKIAN NO BRASIL

RIO DE JANEIRO — Já se iniciaram as reservas para os espectáculos que o Grupo Gulbenkian de Bailado realizará no teatro Municipal do Rio de Janeiro, a partir de 25 deste mês.

O Grupo virá ao Brasil, exibindo-se em vários Estados, por iniciativa da Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras, com a colaboração do Centro de Turismo de Portugal no Brasil.

Cemissionista

Que conheça a clientela e «ramo» de lanifícios. Práticas a combinar
Informa: Armazém Sérgio
Telef. 22228 — AVEIRO

**APARTAMENTOS
NA COSTA DO SOL**
PAIS AS SIAIS
FÉRIAS NO SUL DE ESPANHA
Preços desde 2.500 por pessoa
Pague a avencimento com o CREDI-STAR
Informe-se e inscreva-se na

STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE
VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa, Estoril, Porto, Faro, Funchal, Luanda

JUNTA DO CRÉDITO PÚBLICO

CERTIFICADOS DE AFORRO

Resultados do 41.º sorteio trimestral
realizado em 30/6/1972

prémios atribuídos a unidades representadas
nos certificados a seguir indicados

1—1.º prémio: 100.000\$ — certificado n.º 295 560
2—2.º prémios: 30.000\$ cada — certificados n.ºs 281 729
e 412 743

4—3.º prémios: 20.000\$ cada — certificados n.ºs 131 224
— 234 672 — 376 366 e 407 353

10—4.º prémios: 5.000\$ cada — certificados n.ºs 235 571
— 240 909 — 248 952 — 258 205 — 263 028 — 267 775
— 272 937 — 277 186 — 285 770 e 290 597

60—5.º prémios: 1.000\$ cada — certificados n.ºs 5 477
— 82 528 — 109 066 — 152 884 — 160 874 — 161 398
— 167 471 — 173 624 — 180 459 — 181 134 — 190 630
— 191 202 — 196 212 — 196 735 — 208 340 — 212 482
— 213 977 — 218 037 — 218 640 — 219 448 — 224 318
— 229 565 — 231 073 — 241 269 — 245 401 — 249 161
— 253 839 — 268 244 — 273 374 — 277 458 — 323 294
— 326 984 — 331 181 — 335 855 — 340 438 — 345 179
— 347 621 — 349 902 — 351 192 — 354 815 — 355 810
— 356 881 — 363 789 — 367 154 — 368 110 — 369 311
— 371 537 — 372 483 — 373 580 — 382 580 — 383 773
— 387 227 — 388 438 — 393 437 — 394 574 — 397 998
— 399 311 — 402 639 — 404 019 e 408 353.

Estes prémios correspondem a certificados dos valores de aquisição de 70.000\$, 21.000\$, 14.000\$, 3.500\$ e 700\$, respectivamente.

O próximo sorteio, realiza-se em 29 de Setembro de 1972.

Direcção-Geral dos Serviços da Junta do Crédito Público, 30 de Junho de 1972.

O DIRECTOR-GERAL
J. Sollari Allegro

FERRAMENTAS RIDGID

MAIOR EFICIÊNCIA EM TRABALHOS DE CANALIZAÇÃO

ESTABELECIMENTOS J. B. FERNANDES, S. A. R. L., têm o prazer de convidar todos os seus estimados clientes e ainda todos os interessados, a assistir às demonstrações a efectuar por um reputado técnico da fábrica americana, que entre nós se encontra com a finalidade de possibilitar um maior conhecimento de toda a gama de ferramentas RIDGID.

As demonstrações efectuar-se-ão nos próximos dias 4, 5, 6 e 7 do corrente mês, pelas 9.30, 14.30 e 17 horas de cada dia, nos nossos armazéns de Cabo Ruivo, sitos na Avenida Marechal Gomes da Costa, lote 2, Lisboa.

DL/NACIONAL

OCIDENTE DÁ VARIZES

«As veias varicosas são um produto típico da civilização ocidental, uma consequência do hábito inatural de estar sentado em cadeiras e poltronas durante horas». Segundo Colin Alexander, um dos investigadores da Escola Médica de Auckland, na Nova Zelândia, as varizes não são hereditárias como acreditam muitos médicos, mas começam a manifestar-se desde a infância. Se a hipótese está correcta, o mal pode ser prevenido.

Nas sociedades orientais, e em muitas tribos primitivas em que é costume estar agachado ou sentado no chão com as pernas cruzadas, as veias varicosas são quase desconhecidas. É lógico, diz Alexander. O sangue de uma pessoa habituada desde a infância a agachar-se ou a sentar-se no chão circula sempre livremente, sem submeter as veias a uma carga excessiva. A cadeira obriga, pelo contrário, a ter as pernas dobradas, praticamente imóveis. O sangue estagna ali, a pressão aumenta, as veias engrossam e perdem a elasticidade.

«A criança ocidental de hoje está sentada até oito ou dez horas por dia», diz Alexander. «Dado que o trabalho das veias é proporcional ao seu diâmetro, o resultado é uma fadiga grave e praticamente constante dos vasos sanguíneos das pernas». Para o fim da adolescência, as veias de um rapaz ocidental saudável são muito mais grossas do que as dos seus coetâneos orientais: está já predisposto para as varizes.

Fatos apertados. O ficar doente, ou não, depende, segundo o investigador neozelandês, da actividade subsequente. Por exemplo, a gravidez, os fatos apertados ou um trabalho que obrigue a estar de pé todo o dia — que por si só não têm qualquer efeito sobre as populações primitivas e orientais — podem ser determinantes no desenvolvimento das veias varicosas. A gravidez e os fatos apertados, sobretudo, explicam o facto da doença atingir mais frequentemente as mulheres do que os homens.

As veias dilatadas, tortuosas, à flor da pele, que, segundo os médicos, são causadas por uma insuficiência frequentemente hereditária das válvulas que regulam a circulação nas pernas, representam, pelo contrário, para Alexander, uma doença relativamente recente. Até à descoberta do arado, há 5 ou 8 mil anos, o Homem era nômade. Depois, começou a deter-se para cultivar a terra, e a construir casas para se abrigar. Foi só depois da fundação de empregos estáveis que, em algumas civilizações e não noutras, apareceu a cadeira. «Tal como fez nascer as varizes», conclui Alexander, «a cadeira também as pode fazer desaparecer. Basta começar a habituar as crianças, desde pequenas, a não estarem demasiado tempo sentadas».

APRENDAMOS A COMUNICAR

Milhões de olhos viram assassinar Robert Kennedy em Los Angeles e homens caminharem sobre a Lua. Estamos em nossa casa, comendo, conversando, repreendendo ou acariciando, enquanto reis, cantores, sábios, astros e estrelas de cinema e até ladrões nos fazem companhia. Nós comunicamos e eles comunicam. Comunica-se. Esta «comunicação» que, há século e meio, Saint-Simon julgava capaz de fazer cessar os conflitos e as guerras, nunca ele a teria sonhado tão perfeita. Mas o que se comunica, como, a quem? E quem comunica?

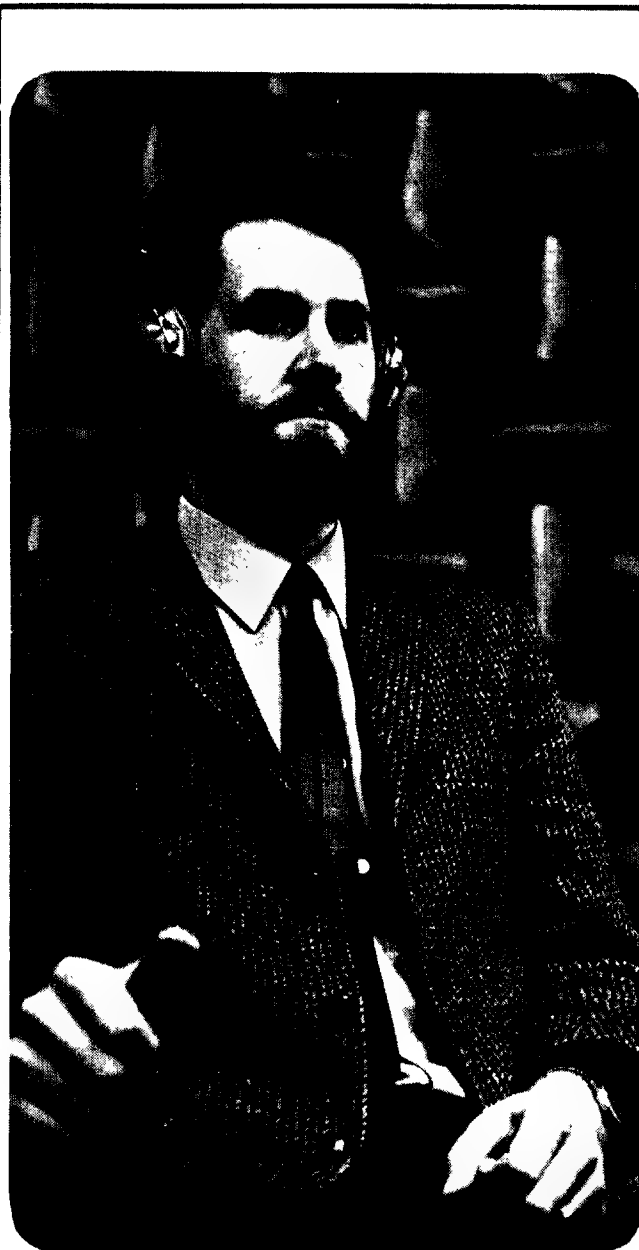
Jean Caeneuve, professor na Sorbonne, antigo membro do conselho de administração da O.R.T.F. passou da antropologia às «massa média» e pinta, do nosso presente e do nosso futuro, um quadro pormenorizado, no livro «La Société de l'Ubiquité». Uma hipótese provável supõe que, em 1985, o homem viverá oitenta anos, portanto setecentas mil horas. Trabalhará trinta horas por semana e quarenta semanas por ano durante trinta e cinco anos, ou seja quarenta mil horas ao todo.

O lazer já não constituirá, portanto, um repouso para restaurar as forças, mas a mais durável de todas as ocupações. Mas o que será este lazer numa sociedade em que a comunicação é imediata? Que possibilidade teremos de escolher? E possuíremos nós, desde já, este dom de ubiquidade que em princípio a televisão nos proporciona?

Os inquéritos são férteis no inesperado. Assim, as emissões supranacionais, — transmitidas por satélite — não são, como poderíamos imaginá-lo, democráticas porque acessíveis a todos ao mesmo tempo. Com efeito, salvo no caso de um documentário que dispense a linguagem — por exemplo um espectáculo desportivo — toda e qualquer emissão tem o cunho do país que o faz. Consequentemente, ela reveste-se de «uma espécie de imperialismo cultural mais ou menos consciente». Para os libertários de um papel puramente passivo, é necessário que «comunicadores nacionais», isto é adaptadores, reintegrem o espectáculo na nossa cultura familiar. As manipulações de espíritos não faltam. Assim, descobriu-se que «associando os «slogans» socio-políticos a um bom almoço, eles desencadeavam menos reacções hostis do que se fossem transmitidos sem este contexto». Por outras palavras, as emissões não políticas servem de «amortecedores» das notícias importantes.

Além disso — já o sabíamos, mas a análise mostra-o pormenorizadamente — a escala dos valores transforma-se obrigatoriamente, dado que o acaso da «promoção pelo espectáculo» garante mais impacto do que qualquer diploma, trabalho, ou êxito: o cantor milionário eclipsa o modelo outrora invejado do grande industrial. Assim, todos os «Surmoi» de uma sociedade se encontram deslocados.

Trata-se, porém, de um perigo menor em comparação com o poder adquirido pelos «comunicadores»: aqueles que escolhem e canalizam estas poderosas imagens-sons que recebemos. Sociedade da ubiquidade? Apenas em princípio. Na realidade, a ubiquidade é seleccionada. Será o fim dos nossos valores, o fim nomeadamente do meio de comunicação maior: a «Santa Escritura»? Optimista, Jean Cazaneuve crê que ela encontrará um equilíbrio, uma coexistência com a imagem-som invasora. Conclusão animadora destas quatrocentas e vinte páginas demasiadamente densas para serem resumidas, o autor acredita sobretudo que a luta continua a ser possível. Devemos — desde já — combater pela multiplicidade, a opção possível entre a cultura e a informação que nos transmitem.



OS RUÍDOS

A prevenção contra a perda do ouvido, prolongada pela exposição prolongada a ruídos elevados é o tema das investigações efectuadas pelo Laboratório Nacional de Física da Inglaterra, em colaboração com o Conselho de Investigações Médicas. Na fotografia, uma cobaia humana ajusta a amplificação do som por meio de uma alavanca manual, verificando deste modo a eficiência dos silenciadores aplicados sobre os ouvidos. O trabalho de pesquisa do National Physical Laboratory mostrou que para eliminar todos os riscos da perda de ouvido era necessário reduzir o ruído industrial a um nível impraticávelmente baixo. Em lugar disto, o problema está sendo atacado com a exigência de reduzir a exposição a ruídos diários. Isto implicará no uso difundido de silenciadores individuais. Os resultados das investigações actuais já indicaram um modo de identificar as pessoas mais sensíveis numa fase primária, antes que o seu ouvido sofra dano irreversível.

COMO FILMAR O DUODENO

Chama-se duodenofibrosκόpio. De construção japonesa, custa 150-200 contos e serve para cerca de mil exames. «Com este novo instrumento», disse Enoch Fiorini, de 60 anos, consulente de endoscopia no Hospital Borgo Trento, de Verona, e há trinta anos perito em diagnósticos do tubo digestivo, durante o congresso de endoscopia que teve lugar em 29 de Abril em Valtellina sul Minicio, «é possível observar directamente, mesmo a olho nu, os pormenores do duodeno, filmá-los e fotografá-los a cores».

Fibras ópticas. Constituído por milhares de subtilezas ópticas cada uma das quais é uma espécie de periscópio flexível capaz de seguir caminhos tortuosos e de transferir fielmente as imagens, o duodenofibrosκόpio é um tubo com o diâmetro de um centímetro e com cerca de um metro de comprimento. É inserido no duodeno através da boca, do duodeno e do estômago.

A ideia de instrumento, que permitisse a observação do tubo digestivo não é nova. Já em 1968, Adolf Kussmaul, um dos maiores clínicos alemães do século XIX, tentou explorar a cavidade gástrica do seu criado com um tubo rígido. Mas não conseguiu.

A procura de um endoscópio subtil e flexível, capaz de seguir os caminhos tortuosos sem danificar o tubo digestivo, começou há cerca de quinze anos. O que tornou possível um instrumento deste género foi a descoberta, verificada pouco depois de 1950, das fibras ópticas ou guias de luz, subtilezas

VIDA CIENTÍFICA

tubinhos capilares (diâmetro até um milésimo de milímetro) de vidro ou plástico, capazes de canalizar os raios luminosos ao longo de percursos de qualquer forma. O duodenofibrosκόpio, é uma versão aperfeiçoada — e capaz de atingir uma zona (o duodeno) antes inaccessível — das sondas de fibras ópticas usadas há anos para a exploração do esófago e do estômago.

A pesquisa com o novo aparelho permite resolver graves problemas de diagnóstico duodenal. «Com o duodenofibrosκόpio é possível explicar até os distúrbios poucos claros, habitualmente rotulados como duodenites, ou aqueles para os quais o exame radiológico não serve para nada», diz Fiorini.

O instrumento além de filmar e de fotografar permite de facto recolher, até por meio de pinças flexíveis manobradas do exterior, pequenas amostras de tecido para análise. Deste modo, podem ser desmascaradas úlceras duodenais nunca detectadas pelo paciente. Finalmente, aplicando à extremidade da sonda dois tubinhos divergentes é possível injectar substâncias opacas aos raios X nos condutos hepáticos e pancreáticos (operação anteriormente quase impossível): basta uma radiografia para descobrir e localizar cálculos, tumores e cicatrizes devidas a processos inflamatórios.

O perito endoscopista executa em geral, a exploração duodenal em meia hora. Ao paciente antes da sonda, é dada a engolir uma papa anestésica, que elimina os reflexos aborrecidos da náusea e do vômito. Até agora, no Hospital Borgo Trento, foram executados um milhão de exames (gratuitos para quem tem esse direito, 20-30 mil liras para quem não o tem). «E não houve nunca nenhum incidente», diz Fiorini. «O exame não é absolutamente nada perigoso, e o paciente pode regressar imediatamente a casa».

NÃO FUMO E NÃO ENGORDO

É verdade que quem deixa de fumar engorda? Não exactamente, dizem dois investigadores do Instituto Americano de Doenças Cardiorpulmonares. Quem se entristece por detrás destas desculpas, fá-lo para protelar o momento da grande renúncia.

George Comstock e Richard Stone chegaram a esta conclusão depois de terem estudado as variações de peso, em relação com os hábitos de fumo, de 501 homens entre os 40 e os 60 anos. A investigação que durou seis anos, demonstrou que se adquirem alguns hectogramas (oito em média) logo depois de se ter deixado de fumar. Mas vale a pena, afirmam os dois investigadores americanos: as vantagens de ser um ex-fumador não podem sequer ser confortadas com as desvantagens de um aumento de peso tão pequeno.

Só no caso dos grandes fumadores (mais de 25 cigarros por dia) a tendência para engordar é mais vinculada. Quase todos os que foram examinados por Comstock e Stone adquiriram mais de oito hectogramas. Um aumentou súbitamente 50 quilos. «Excluimo-lo do cálculo das médias», afirma Comstock «porque é um caso anómalo».

Se o aumento de peso é, em média tão pequeno, deixar de fumar não comporta como alguns afirmam, um maior perigo, de enfarto (a obesidade é, de facto um factor importante no risco de ataque cardíaco). Portanto, concluem os dois investigadores podem renunciar também tranquilamente ao cigarro: «Para além de não se perder a linha sentem-vos-eis melhor».

PEIXES ALEGRES NO TAMISA

«O saneamento do Tamisa tem algo de miraculoso», escreve o semanário americano *Newsweek*, comentando a notícia de que, no rio que banha Londres, voltaram a aparecer, após muitos anos, numerosas espécies de peixes.

O inquinamento do Tamisa começou na primeira metade do século XVIII, quando foram construídos os primeiros esgotos de Londres. Já em 1850 as águas do rio eram tão malcheirosas que as janelas do Parlamento foram calafetadas com tecido embebido em cal, para proteger os deputados.

As instalações de depuração, construídas naquele tempo pelos administradores londrinos, revelaram-se insuficientes logo que as primeiras fábricas começaram a descarregar no rio os seus dejectos. Em poucos anos o Tamisa transformou-se numa espécie de esgoto aberto à superfície, espumoso e fétido. Desde então a situação não deixou de piorar: em 1957, o único peixe que ainda conseguia resistir naquela água inquinada por venenos era a enguia.

A custosa obra de saneamento, decidida em 1953, acabou por dar os seus primeiros frutos concretos em 9 de Fevereiro de 1971, quando Leon Broad, um comerciante grossista, viu, com enorme espanto, deslizar pelas águas do Tamisa uma truta salmoadada com 75 centímetros de comprimento: semelhante espectáculo não acontecia há quase 200 anos.

Agora, segundo Alwyne Wheeler, zoólogo do Museu de História Natural de Londres, nas águas do Tamisa, tornadas quase límpidas, nadam 56 espécies diferentes de peixes, entre as quais percas, cadozes, pagelos e carpas. Ao lado destas típicas variedades de água doce, não faltam algumas de água salgada como arenques, bacalhãos, passerinos e salmões.

A pesca tornou-se tão abundante, que em Janeiro passado, foi organizada a primeira competição de pesca ao bacalhau, próximo da bacia de Tulsebury, uma localidade a 40 quilómetros da foz do Tamisa. Os pescadores apanharam centenas de bacalhau e muitos passerinos.

DL/DOMINICAL

NA TERRA

A VIDA ESTÁ NA ÁGUA

Continuação da pág. 15

biofísica na Universidade de Roma, autor de um livro (**As Origens da Vida**) que esgotou a primeira edição em poucas dezenas de dias.

Com as protocélulas cessa a evolução química e começa a biológica. Durante milhões de anos, as protocélulas permaneceram no mar, levando uma vida precária, porque as suas moléculas podiam dissolver-se espontaneamente na água. Os processos, no seu interior, tinham lugar, no entanto, muito lentamente. «Se hoje conseguíssemos recriar protocélulas em proveito», diz Agno, «a nossa vida não chegaria para compreender o que acontece dentro delas».

Em determinada altura, algumas protocélulas começaram a absorver directamente a luz solar que se filtrava através das águas do mar. Foi uma reviravolta decisiva: a protocélula torna-se independente do mar e da atmosfera. Já não tem necessidade, para se fornecer de energia, de esperar que a chuva descarregue no mar moléculas orgânicas. A luz solar está ali, todos os dias, todos os minutos, para garantir a sua sobrevivência. A protocélula, agora, está indiscutivelmente viva.

Alimentadas pela luz solar, as células começam a libertar oxigénio, que passa para a atmosfera. O metano oxida-se, transformando-se em anidrido carbónico, o amoníaco em azoto. Aparece o oxigénio livre, e a sua concentração aumenta continuamente. «E verifica-se o primeiro autêntico, maciço inquinamento da História», diz Tecce. Responsáveis: os seres vivos que estão já prontos a transformar irreversivelmente o ambiente que os gerou.

«Há um estrangulamento na evolução química», diz Ponnampuruma. «De agora em diante conseguem sobreviver apenas os organismos capazes da fotossíntese, isto é, aqueles que sabem transformar compostos inorgânicos como o anidrido carbónico e a água em compostos orgânicos como os açúcares».

As algas microscópicas que



povoam os mares são já seres vivos altamente organizados. O ciclo proteínas-ácidos nucleicos é já perfeitamente funcionante. Começa uma outra história, a

da evolução que transforma as algas microscópicas em seres superiores como os mamíferos e o Homem. A época em que se dá a modificação da atmosfera

durou, segundo os cientistas, pelo menos, meio bilião de anos: há cerca de 1,5 a 2 biliões de anos.

Que provas se têm de que a evolução da vida sobre a Terra (e, portanto, em qualquer outro planeta equivalente) se tenha verificado exactamente assim? Simplesmente, dizem os cientistas, porque assim é possível explicar todas as passagens sem recorrer a leis desconhecidas. Bastam as normais, físico-químicas. O resto vem por si. A evolução química, de facto, é uma lei universal.

No esgoto

Demonstra-o o meteorito caído em 28 de Setembro de 1968 próximo a Murchinson, na Austrália. Estudado por um grupo de investigadores chefiados por Ponnampuruma, revelou uma composição absolutamente imprevisível: continha aminoácidos. Mas não os habituais aminoácidos que formam as proteínas terrestres. Os do meteorito de Murchinson existem também no nosso planeta, mas não têm nunca funções importantes na substância viva. «É uma prova inequívoca de evolução não terrestre», diz Ponnampuruma, «uma síntese de aminoácidos de indubitável origem prebiótica conseguida numa nuvem de micrometeoritos cuja idade anda à volta de 4,5 biliões de anos».

Mas os organismos primitivos, as protocélulas que transformaram a atmosfera primitiva, estão completamente extintos? Indubitavelmente, dizem os cientistas. Não obstante, talvez haja ainda um: chama-se **Kakabekia Barghoorniana**, é uma alga em forma de guarda-chuva e é, talvez, exactamente a mesma alga verde-azul encontrada em 1954 por E.S. Barghoorn numa formação muito antiga no Canadá. A alga canadense é um fóssil que remonta a 1,7 biliões de anos, quando a Terra estava a mudar de atmosfera. A **Kakabekia** pelo contrário, vive ainda hoje.

A **Kakabekia** foi encontrada por acaso por B.Z. Siegel, um microbiólogo da Universidade de Honolulu, em Hawaii, que fora encarregado pela NASA de procurar organismos estranhos, vivendo em ambientes insólitos. Vive numa cavidade ecológica perto dos esgotos do castelo de Harlech, em Gales. «Há 800 anos que os habitantes do castelo ou os turistas urinam no mesmo local», diz Orio Ciferri, de 43 anos, biólogo molecular da Universidade de Pavia, que seguiu com interesse toda a operação. «Hoje, em redor deste local, há muitas colónias de **Kakabekia**».

Para viver a **Kakabekia** tem necessidade de amoníaco. Longe do castelo de Harlech não sobrevive, e, portanto, é muito difícil estudá-la. Trata-se, pois, de um nosso progenitor? «Seria belo se fosse», diz Ciferri. «Estudando o seu património genético, poder-se-ia resolver um problema importante: o código genético evoluiu com os milénios, ou manteve-se sempre o mesmo desde o momento da sua formação?».

Quer a **Kakabekia** seja ou não verdadeiramente um fóssil que sobreviveu afortunadamente num ambiente especial, no entanto, isso não modifica o problema da vida. Se as leis da evolução química valem acima de tudo, mesmo no frio dos espaços cósmicos, porque excluir

que existem outras espécies vivas no Universo? «Não há nenhuma razão para o pensar», diz Agno. «É normal que, num planeta de estrutura e composição análogas às da Terra se instaure um processo que conduza inevitavelmente ao aparecimento e à evolução da vida».

Oásis

Segundo Stanley Miller, não há possibilidade de formas de vida primitivas em Vénus e Mercúrio (demasiado quentes), e em Urano, Neptuno e Plutão (demasiado frios). Restam Saturno, Júpiter e Marte. Cyril Ponnampuruma não exclui a ideia de, em Marte, haver formas de vida. Mas adverte que se trata de um planeta «demasiado pequeno para reter a atmosfera».

As condições actuais de Marte não excluem que, há alguns biliões de anos, quando ainda havia os oceanos, se tenha formado qualquer forma de vida que, depois, tenha conseguido adaptar-se à escassez de água. As mais recentes observações do planeta revelaram tortuosas cicatrizes que poderiam ser leitos de rios já secos (mas em Marte ainda há água: o planeta verte todos os dias 370 mil litros na atmosfera). Além disso, a actividade vulcânica é muito intensa, e os oásis existem.

«Nestes oásis, tanto quanto sabemos a seu respeito, poderia haver algumas formas de vida», diz Carl Sagan, astrónomo da Universidade de Cornell e aguerrido defensor da vida extraterrestre. «As condições actuais têm pouca importância», diz Ponnampuruma. «Temos encontrado vida na água em ebulição e nos ácidos concentrados».

Segundo Sagan, as três sondas lançadas para Marte têm escasas probabilidades de revelar qualquer forma de vida, mesmo que a haja na verdade. Para o demonstrar, Sagan analisou as fotografias da Terra tiradas por um satélite meteorológico: somente num caso em cada mil havia alguns indícios de vida. Mas de uma vida não humana. «Se os marcianos visitassem a Terra num satélite», diz, «poderiam pensar que as formas dominantes de vida fossem os automóveis. Os automóveis têm de tal maneira alterado o ambiente, que parecem seres vivos capazes de comer, mover-se e fazer as próprias necessidades».

O planeta do sistema solar que os astrónomos e os exobiólogos olham com maior atenção é Júpiter. «Hoje, Júpiter tem uma atmosfera semelhante à da Terra primitiva», diz Ponnampuruma. Embora não tendo uma superfície sólida, tem uma faixa, nas camadas baixas da atmosfera, em que a tem-

peratura ronda os 30 graus e, portanto, adaptada às primeiras fases da evolução química. A sonda que partiu em 1 de Março de Cabo Kennedy, o **Pioneer 10**, que aflorará o planeta após uma viagem de 600-700 dias, poderá talvez descobrir se existe uma forma de vida primitiva em Júpiter.

Onde, porém, os exobiólogos («A exobiologia é uma ciência que não estabeleceu ainda se existe o sujeito da sua investigação»). Disse sardonicamente o paleontologista George Gaylord Simpson) esperam encontrá-la é fora do sistema solar. Em Setembro, durante um congresso patrocinado pelo Observatório Astrofísico de Byurakan, na Arménia Soviética, ao qual estiveram presentes os prêmios Nobel Francis Crick e Charles Townes (respectivamente pelo DNA e «laser»), muitas dezenas de cientistas russos, americanos, checoslovacos, húngaros e ingleses, lançaram as bases de uma colaboração internacional bastante insólita: a investigação de inteligências extraterrestres.

Postais

As perguntas eram: existem? Vale a pena procurá-las? As respostas, um estrondoso e duplo sim! Civilizações evoluídas, bastante próximas (não além de 100 anos luz), capazes de nos compreender, existem e são de 100 mil a um milhão, concluíram os cientistas de Byurakan. Todas, seguramente, podem receber e transmitir mensagens de rádio.

Um grupo operativo, que se reuniu pela primeira vez em Janeiro, decidiu passar à acção: sondar o Universo com «laser» e ondas de rádio. Todas as sondas que partirem doravante serão portadoras de emissores luminosos, fotografias e outros documentos da vida terrestre primeiro postal ilustrado foi embarcado no **Pioneer 10**, que após ter aflorado Júpiter, sairá do sistema solar: mostra um homem e uma mulher, e contém os elementos para fazer compreender quem o expediu.

Para os planetas externos ao sistema solar virá a ser criada uma rede de rádio internacional, que, por agora, tem os seus estóios nos radiotelescópios da Universidade de Cornell e de Pulkovo, na União Soviética. Enviar-se-ão mensagens cifradas. Se houver resposta, não será difícil saber-se. O único problema, disseram os cientistas de Byurakan, é se, entretanto, o Homem não virá a ser destruído por uma guerra termonuclear. Uma conversa com seres extraterrenos distantes apenas 30 anos luz, levará sessenta anos só para a troca das primeiras duas batidas.



AMINOÁCIDOS. Stanley Miller, com o aparelho por ele usado em 1953 para obter aminoácidos no laboratório.

CAUNY

A MAIS ALTA PRECISÃO SUÍÇA

CAUNY

CALENDARIO

CAUNY

ANTICHOC

CAUNY

DIA E DATA



O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NO PORTO

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas (a partir das 19 e 30)

DL/DOMINICAL

URUGUAI: uma pedra no sapato

RIO DE JANEIRO, 2 — Uruguai é agora o adversário a abater. Uruguai que está ainda a zero: e é, portanto, um bloco ávido de desejos. Com aspirações mal abaladas pelo desfecho negativo perante a coriácea Rússia. Com sonhos ainda latejando: não fora a exibição portentosa do goleiro soviético Trashenko e o Uruguai não ficaria sem violar o «véu da noiva» da selecção de todas as Rússias.

Uruguai: uma pedra no sapato. Um Uruguai que há seis anos já nos ajudou a um brilharete: exactamente um mês e dois dias antes de (também) nos surgir a Rússia pela frente. Então, a 26 de Junho de 1966, no Estádio Nacional de Lisboa, os homens da «celeste» baquearam sem apelo nem agravo: 3-0 sofridos desses desconhecidos portugueses que iam na sua quarta vitória consecutiva, da bela série de nove triunfos que atapetaram sem interrupção a chamada ao despique de Wembley que foi a queda de um sonho lindo. Uruguai: que então (como agora) é diapasão no ouvido antes do cotejo contra os soviéticos.

Na noite de hoje, nesse monstruoso Maracanã que arrepiava um principiante do chute e colocava em respeito até o mais sabido deste negócio de bola, apenas Jaime Graça e Eusébio podem repetir a internacionalização contra os sul-americanos: o outro homem que já teve na mão os cordelinhos de um jogo contra o Uruguai chama-se José Augusto e saiu da ponta direita da selecção para se tornar o mais jovem e mais feliz e mais admirado dos seleccionadores mundiais. Mas Eusébio, seu companheiro de centenas de lutas e agora instrumento dos desejos do seleccionador, não anda nada peco: mandando para as urtigas os conselhos que lhe zumbiam ser o lugar de médio o ideal para as suas possibilidades actuais, o fabuloso moçambicano passou a constar na frente de ataque... e o avolumar de golos no activo não trava nem para meter água. Eusébio, predestinado para o «trio» fatal, indiscutivelmente um dos cinco futebolistas mundiais mais perigosos na grande área, senhor de um «drible» em corrida que é quase imparável, soberano no pontapé de livre e colossal no arranque para a meta adversa, ganhou outra vida desde que o autorizaram a ser o que é: um chutador nato. A prova está no «placard» e na crónica de cada um dos jogos que já fez desde que (por necessidade) o inglês Hagan o restituiu à justa e exacta expansão de possibilidades. Numa palavra: ao seu lugar de sempre.

Pois, como eu ia dizendo, neste Rio de Janeiro (que continua lindo) a selecção de Portugal só pensa no cotejo contra o Uruguai: batê-lo pode significar o impulso para a final de domingo que vem. Bastaria que a Argentina derrubasse a Rússia: e a nossa vida ficaria muito simplificada. De qualquer modo, vamos hoje ao Maracanã convicções de que ali voltaremos a ver, na noite de 9, o jovem e azougado conjunto de José Augusto — que ainda não queremos rotular de esquadrão não vá a euforia portuguesa apanhar um banho frio na noite quente do Rio...

TODOS POR UM FIM

Por falar em Rússia: quarta-feira, em Belo Horizonte, aí a teremos, do outro lado do muro. A Rússia que, também numa tarde de Julho, há seis anos pas-

sados, serviu aos «Magriços» para o adeus a Londres. Um acenar de lenços que ficou a encerrar a mais bela etapa do futebol português através de toda a sua história. Foi em 1966, na época de um benfiquista de gema (Manuel da Luz Afonso) que a selecção das cinco quinas se impôs ao Mundo como um autêntico e inabalável valor do futebol universal. Foi em 1966, também de Junho para Julho, que somámos nove triunfos consecutivos: coisa antes considerada impossível de lograr, lá pelos pátrios lares. Pois agora, seis anos tombados no calendário, também entre Junho e Julho, outro benfiquista de coração está a furta o «onze» português da apagada e vil tristeza em que mergulhara no retorno da campanha britânica. Também como então um benfiquista coloca os pés bem assentes no chão e, esquematizando todo um plano de trabalho envolto em prudência e estudo, vai para longe conquistar as epopeias que em sua terra lhe são negadas. Também como nesse distante-perto 1966, um «team» em fato de ganga luta

por um lugar ao sol: ao lado de José Augusto, esquecidos sentimentos ou ciúmes, dadas para trás das costas outras preocupações, os rapazes de verde e vermelho concentram-se na luta pela «Taça da Independência» — para mostrar ao público brasileiro que, para além de outras virtudes, a mesma língua pode deter a absoluta hegemonia no reino do chute na bola. Porque, desculpem amigos brasileiros que raramente souberam dos feitos do Benfica, o futebol português não existe só a nível de clubes e, felizmente, já não calça tamancos



Jaime Graça e Humberto Coelho: uma certa apreensão...



Eusébio, José Henriques e Toni: uma certa esperança

Diário de Lisboa NA TAÇA INDEPENDÊNCIA

Por
NEVES
DE SOUSA



Por gentileza da



Linhas Aéreas Brasileiras

nem faz que pontapeia uma bola quadrilátera.

E DEPOIS, SALTAR A CORTINA

Onde é que íamos? Ah, sim, na Rússia. Pois é: ao findar da noitinha, se tudo correr como nós esperamos, o Uruguai desapareceu do horizonte e só a Rússia poderá atalhar o passo ao gigante que saiu da Europa para este infernal calor brasileiro.

A Rússia. Um perigo ou um passarinho? Uma péra doce ou um outro escolho no meio da estrada? Nada se pode prever: em Belo Horizonte, logo à noite, o resultado da esgrima entre argentinos e russos já pode fazer levantar uma pontinha do

segredo. Por enquanto, resta-nos pensar: e recordar. Lembrar, por exemplo, que já no tal ano de 1966 a Rússia saltitou à nossa frente: e o nosso êxito cimentou a terceira posição nesse «Mundial» que parecia nunca mais correr parelhas com os tempos presentes.

Então, na tarde nebulosa de Londres, também Jaime Graça e Eusébio equipavam de rubro e verde. Então, nesse pôr de sol pardacento de Londres, também José Augusto tinha de lutar pela vitória. Então, como agora, Portugal tinha de vencer: para conquistar uma posição. E então, como esperamos agora ver repetir, Eusébio fez o golinho da praxe: que foi mesmo o que abriu o êxito português.

Daí que confiemos. Daí que estejamos de alma e coração com o «team» de Portugal. Chegámos, com este grupinho de jovens, a um ponto que estava em fuga dos mais ousados sonhos. Atingimos, só apoiados na experiência, no saber e no à-vontade de três ou quatro nomes, uma meta que era oferecida como miragem. Agora, tudo pode acontecer. Tudo pode suceder: até Portugal atingir a jornada final da «Taça da Independência» com o exclusivo dever de defender a comunidade lusitana. Porque, verdade-verdade, amigos, aqui pelo Brasil, nem toda a gente acredita que a esquadra de Mário Zagalo passe a pente fino a Jugoslávia e a Escócia. E, embora não se tenha atrasado na saída das «boxes», o curioso é que é justamente o «onze» que pontapeava de tamancos uma bola quadrada quem ganhou a dianteira para o Maracanã. O melhor de oito grupos da elite mora, afinal, onde poucos imaginavam: nessa santa terrinha dos «Manéis» e dos «Jaquins», onde (por acaso) também nasceram José Augusto e Eusébio.

LEIA



motor

DL/DOMINICAL

DESPORTOS

COMO ELE HÁ SÓ TRÊS OU QUATRO NO MUNDO

Kobayashi, 8º "Dan" Aikido um ar de guerreiro e monge



Alexandre Gueifão, 1º dan budo: «não se vê todos os dias um homem destes»



Hirozaku Kobayashi: ar de guerreiro e monge.

Na aparência, um misto de samurai e de sacerdote de Osaka. Chama-se Hirozaku Kobayashi. Veio do Japão à Europa, em viagem de inspecção aos centros onde se pratica o «aikido».

Do japonês «ai», que significa «união», «ki», que é igual a espírito e «do» que quer dizer «via», passagem. Em português, talvez a tradução mais correcta seja «comunhão de espírito».

Hirozaku Kobayashi está em Lisboa. Aceitou ao pedido de um discípulo seu, actualmente professor na Academia de Budo e estudante da Faculdade de Letras: Misao Honda.

Com algum nervosismo, falou-nos de Kobayashi o dr. Pires Martins, da direcção daquela Academia:

— «Como ele há três ou quatro homens no mundo. Ele é um oitavo «dan». Não estranhe, portanto, o meu entusiasmo. Eu ando ligado há muito tempo a estas coisas. Já vê que não é caso para se admirar.»

Admiramos (sim) a arte do oitavo «dan», em uma das lições que dará na Academia de Budo, até ao dia oito.

Com nossa triste ignorância, nos movimentos do Judo, talvez ainda consigamos descobrir qualquer coisa. No «aikido», tudo se passa para total surpresa de pacóvio. Um pulso que se aperta, uma rotação, um homem no chão. — Em menos tempo do que levam a imaginar as três cenas do acto. Aconteceu assim com o «pobre» segundo «dan» Misao Honda, que tradu-

zia, com veneração, as explicações de seu mestre. «Ele próprio afirma tudo o que sabe lho devo a ele» diz, sem se-

gredo, o dr. Pires Martins, que nos deu como definição de «aikido»: «é o espírito em perfeita harmonia com o espírito do ad-

versário. Por exemplo: o senhor hesita uma fracção de segundo quando a minha mão chega ao seu pulso e, imediatamente, está derrotado.»

Tínhamos memória de qualquer leitura que nos deixa a ideia de que o «aikido» era a mais marcial das artes marciais japonesas.

Mais do que o judo, mais do que o karaté. Falámos nisso a José Alexandre Gueifão, «1º dan budo judo» pela Academia Portuguesa de Budo, professor de karaté. Respondeu-nos que estávamos completamente enganados: «um homem é um ponto perdido na natureza; a natureza quer destruí-lo; o homem sente o instinto da defesa, reage, reconduz tudo à harmonia, em risco de ficar perdido.»

Tranquilidade, comunhão espiritual... O facto é que o «aikido» e todas as artes marciais, sejam ou não de defesa, sejam ou não de ataque, não resistem a esta lei muito comestível: a de que um homem cai e cai mesmo, quando perde o centro de gravidade...

A concluir: frisou-nos o dr. Pires Martins que as lições de Kobayashi não são públicas, conforme chegou a ser noticiado. Não são, nem podiam ser, porque a lei não permite. A lei é neste caso, um decreto de Março passado, promulgado em função das «conveniências da segurança interna», dado o «incremento que a sua prática («sua», entenda-se: das artes marciais) está a alcançar.»

Texto de ANTÓNIO TADEU

Fotos de JOSE TAVARES



O discípulo, como quem pede perdão ao mestre. Misao Honda, 2º dan, frente a Kobayshi, 8º dan.



Subir ao ar, para cair no chão

SONHANDO COM MEDALHAS DE OURO

Os recordistas mundiais Mark Spitz e Brian Job lá vão nadando. Antes: nadando melhor. Em prova de preparação para os Jogos Olímpicos de Munique, realizada em Santa Clara (Califórnia), Spitz venceu os 100 metros livres com 52,4 segundos, e Job ganhou os 200 metros com o tempo de 2 minutos, 25 segundos e 5 décimos. Mais importante, talvez, é o tempo conseguido por Jenny Wylie, uma rapariguinha de 14 anos que nadou os 400 metros em 4 minutos 23 segundos e 8 décimos.

Comunicado da Federação Argentina de Ciclismo: 9 dos 11 corredores pré-seleccionados para os Jogos de Munique foram eliminados por terem tomado estimulantes proibidos. A lei: às Olimpíadas já não vão; dentro de fronteiras, estão suspensos por 30 dias.

O ciclismo olímpico, tem sido «trigo limpo» para europeus. Os americanos, porém, ameaçam. Um tal John Howard, natural de Springfield, no Missouri, dizem que é duro de corpo e de espírito, capaz de fazer sombra aos «tremendamente favoritos» do «velho continente». Claro que quem diz é o treinador de John: um sujeito chamado Toefield, que é sargento e trabalha para o «Diálogo com a Juventude». Um programa da Polícia de Nova Iorque, segundo consta.

O custo actual das Olimpíadas é tão elevado que, futuramente, este grande festival do desporto poderá vir a ser reduzido a uma menor escala, segundo afirma o jornal «World Sports», órgão oficial da Associação Olímpica Britânica.

Segundo o jornal, depois de contabilizadas todas as despesas, o custo Jogos de Munique poderá atingir uma verba superior a 300 milhões de libras (21 milhões de contos).

Poderá alguma cidade fazer outro tanto? Depois de encerrado este sonho da Baviera, o Comité Olímpico Internacional poderá ser forçado a considerar que uma verba muito mais baixa é conveniente, para que os jogos voltem a assentar os pés no chão. Munique poderá vir a ser o último dos jogos faustosos.

Em Munique, parece existir dinheiro para queimar e estes jogos serão controlados pelo computador e pela caixa registadora, atingindo um grau de organização e comercialismo nunca visto anteriormente.

Profissionalismo confuso

A escala de valores que compõe a sociedade desorganizada deste nosso mundo nem sempre estará de harmonia com a posição ocupada. Na balança social do Mundo a todos os níveis o confronto de valores (materiais e morais) sempre teve uma preferência: prevalecendo (claro) o materialismo. E, embora conheça a terra que piso e duvide que algum dia a situação se modifique, lembro-me o que sucede no Desporto: profissionais e amadores são acarinha-

dos, admirados ou criticados na mesma linha de conta.

Melhor: os contratos dos jogadores de futebol (de qualquer clube) são de perto ou de longe iguais aos dos ciclistas (outra única modalidade desportiva considerada como profissional)?

No nosso Desporto, a nível profissional, o Benfica tem sido atraído do futebol o clube mais representativo além fronteiras. Que digam os profissionais do «glorioso», os milhões de escudos que têm arrecadado das várias temporadas de actividade. Mas, no ciclismo também assim será? De maneira nenhuma...

Citado o caso do ciclismo (para exemplo) onde os atletas são considerados profissionais: os praticantes da velocipedia queixam-se (com razão) dos seus magros vencimentos (três a quatro mil escudos parece-me ser o ordenado-base da grande maioria).

Quando os prémios de algumas provas regionais são de magras centenas de escudos ou mesmo de um bacalhauzito (que já não é comida de pobre) que se pode esperar? Salvou-se o internacionalmente e o consagrado Joaquim Agostinho, talvez acompanhado por meia dúzia mais. Qual poderá ser (então) o rendimento de um ciclista rotulado de profissional, se subtrair ao seu magro vencimento as despesas com o material de trabalho, que, como tudo na vida, cada vez está mais caro? A resposta (e será talvez a sua esperança) está no «Eldorado» estrangeiro. Serão mais uns emigrantes a juntar a tantos outros milhares que lá fora tentam o que por cá não encontram: o valor material do seu esforço.

Por LÍDIA FARIA

RECORDISTA
INTERNACIONAL
DE ATLETISMO



Acho bastante elucidativa esta desproporção no apreço e valor que dentro do Desporto se tem por dois profissionais: o futebolista e o ciclista. Um e outro, afinal, fazendo parte do mesmo meio, não têm o mesmo valor no mundo a que se votaram: o desporto. E vem a lume o mérito do futebolista e do ciclista: actores de espectáculos desportivos diferentes, vivem em função das bilheteiras que conseguem. Para além disso, porém, contribui para este estado de coisas a desorganizada sociedade desportiva composta de dirigentes de capacidade elementar, em que os profissionais têm poucos direitos e muitos deveres, estando carecidos de uma regulamentação que não esteja subordinada a critérios caseiros ou pessoais. A valorização profissional (comercial e industrial ou desportiva) deverá ser o objectivo fundamental de cada ser humano: desde que regulamentada e remunerada.

E assim que encaro o Desporto profissional: um serviço que, por ser pago, deverá ser bom. Mas que exige: quem não souber ser patrão (no Desporto) deve fechar a loja. E dizer adeus a utopias.

E as actividades amadoras (ou conhecidas como tal)? A matéria é extensa em demasia: «dá pano para mangas». Deixo-a para uma próxima oportunidade. Mas, uma coisa é certa e com certeza não é do desconhecimento de ninguém: as modalidades desportivas amadoras (ou conhecidas como tal...) não podem de maneira nenhuma (na actualidade e entre nós) acompanhar o profissionalismo meritório do nosso futebol. E há quem o deseje...

Então, quem recebe os milhares de contos que nelas se gastam? Eu, não! Em toda a minha vida desportiva recebi, fora da minha festa de homenagem (que mais uma vez agradeço ao Sporting) apenas o dinheiro dos transportes. E há mesmo quem tenha de comprar o equipamento para representar a colectividade nas tais compitas amadoras que já envolveu profissionais...

DESPORTOS

DL/DOMINICAL

MOCINHAS NA PISTA DO RESTELO DESTROEM O IMPASSE BELENENSE



O Belenenses (todos o sabem) é um clube com tradições. Com um passado glorioso. Tão passado, que já muitos se não recordam dele. Tão glorioso, que por vezes parece que nada mais conta. Assim não parecem pensar, todavia, os dirigentes do clube que, de há tempos a esta parte, procuram (sem

Reportagem de ALEXANDRE PAIS
e LOBO PIMENTEL JUNIOR

sobrecarregar as débeis finanças que mal bastam ao futebol) reconduzir a popular colectividade de Belém à grandeza de outrora. Grandeza que só se atinge com a prática de muitas modalidades, com o movimento de muitos atletas, com o interesse duma juventude que salte, corra, lance, nade, brinque, inicie os primeiros passos de azul vestida.

Tal como a ginástica e a natação, o atletismo deve ser encarado como uma das modalidades base na preparação física dos homens (e das mulheres) de amanhã. Na pista do Estádio do Restelo, numa labuta quase diária, os profs. Eduardo Cunha e Rui Mingas envidam os maiores esforços na preparação dos atletas «azuis». Vamos hoje apresentar as aplicadas mocinhas que, numa ascensão segura, começaram a alcançar para o Belenenses as vitórias que são reconquista de um lugar de evidência.

Na opinião dos entendidos, ela acabará por se tornar a maior atleta portuguesa de todos os tempos. Chama-se Maria José da Silva Sobral e nasceu em 4 de Julho de 1957.

«Comecei a praticar atletismo há cerca de dois anos e meio por influência do meu pai que foi antigo atleta do Belenenses e achou em mim qualidades para poder fazer qualquer coisa. Fui ao Clube Atlético de Campo de Ourique correr uma prova de 30 metros para iniciados e ganhei. Estava dado o meu primeiro passo no atletismo. Agora dedico-me, não só às provas de velocidade (100, 200 e 300 metros) mas também ao comprimento e ao salto em altura, pois acho que tenho bem possibilidades no pentatlo. De qualquer forma, penso que os 12 segundos da Angélica Manaca nos 100 metros estão perfeitamente ao meu alcance (o meu tempo é de 12,2) e vou continuar a trabalhar para poder lá chegar. Claro que o atletismo não constitui a minha única preocupação. Passei agora para o 4.º ano e não posso prejudicar os estudos. Saio das aulas no Liceu Maria Amália às sete da tarde e venho depois para o Restelo. Mas cá me vou arranjando. Há tempo para tudo.» Você considera-se, para já, a melhor atleta do Belenenses? «Acho que a Conceição Pernes também é muito boa...»



Céu Ferreira: os estudos estão primeiro.



Quinze anos tem a Maria Manuel Pimentel Castro Coelho, uma das mais antigas atletas do Belenenses.

«Pratico atletismo há quatro anos e sempre no Restelo. Tal como viria a suceder mais tarde com a Céu, foi a prof. Manuela Ferreira que me trouxe para o Belenenses. No Lceu Rainha Dona Amélia só havia ginástica e eu tinha vontade de praticar outro desporto. Estou muito satisfeita de cá estar e acho que o Rui Mingas é um treinador muito bom. O meu tempo nos 100 metros é de 12,5 mas penso que tenho «chance» de o melhorar.

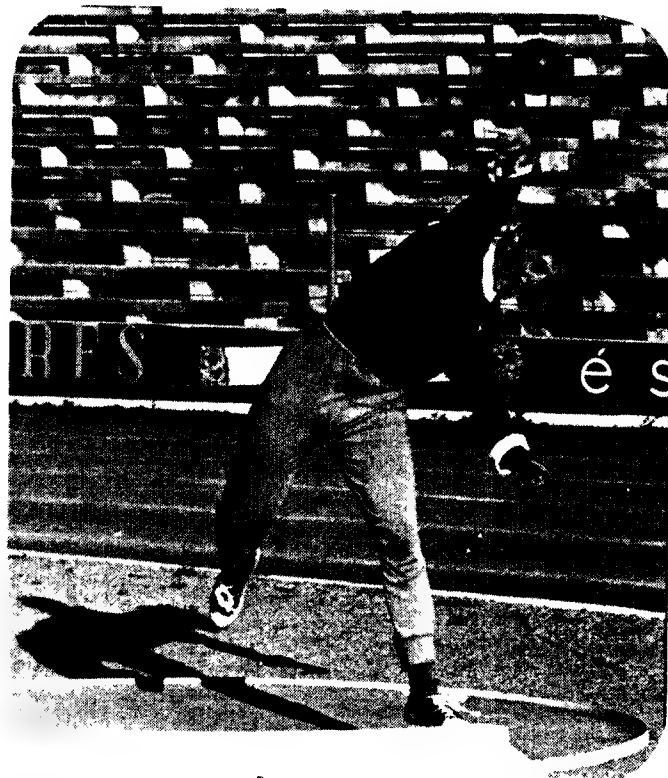
Os estudos? Estou no 4.º ano e acho que não é nada difícil conciliar as duas coisas. Aliás, tenho arranjado aqui tantas amizades que me custaria imenso ter de deixar o atletismo.»

Atleta de bons recursos, é a Maria do Céu Pinto Ferreira que, apesar de muito nova (nasceu a 1 de Junho de 1957), anda agora na «maratona» dos exames do 5.º ano. Prova, bem evidente, da compatibilidade do desporto com os estudos.

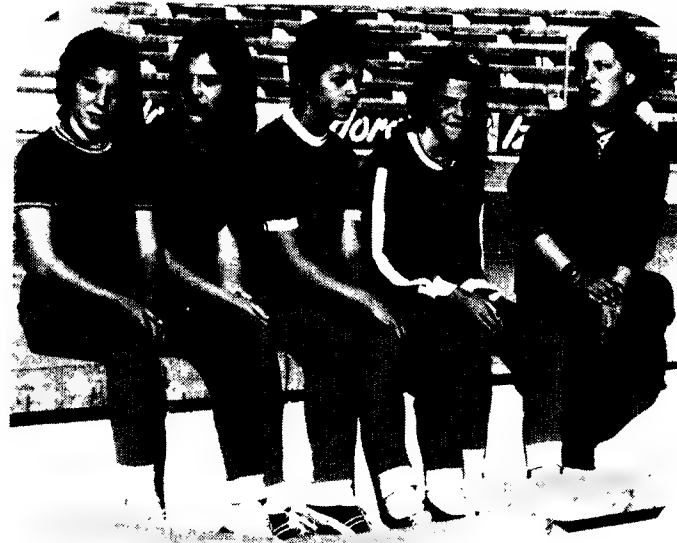
«Principiei apenas há dois anos a praticar atletismo. No liceu onde estudo (o Rainha Dona Amélia) tinha uma prof. de Educação Física que estava aqui no Belenenses: a prof. Manuela Ferreira. Foi por convite dela que comecei a aparecer no Restelo e gostei tanto disto que fiquei por cá. Como tenho aulas da parte da manhã, consigo vir treinar três vezes por semana. Reconheço que é pouco, mas se viesse mais vezes começava a ter dificuldade em repartir o meu tempo livre. Mesmo assim tenho feito grandes progressos. Nos 100 metros já fiz 12,6 e no comprimento melhorei 26 centímetros em relação à época transacta: passei de 4,77 para 5,03. Só tenho pena que os meus pais não gostem muito que eu pratique atletismo. Por vezes vêm assistir às provas, mas lá que não gostam muito, isso não gostam...»



Quatro das mais credenciadas atletas do Belenenses, em plena preparação na pista do Restelo: «Zé» Sobral, Maria Manuel, Céu Ferreira e Conceição Pernes. Esta última é, com 18 anos, a «decana» do atletismo belenense.



Marília de Carvalho (17 anos) tenta lançar o peso cada vez mais longe. Mas o salto em altura é a sua melhor especialidade: ela é recordista nacional.



Alice Lameiras (15 anos), Fernanda Silva (14), Laura Mota (13), Teresa Gonçalves (14) e Manuela Silva (16), são as mais recentes candidatas a um «máximo» nacional com a camisola da Cruz de Cristo.

MUNDIAL DE HÓQUEI PATINADO

PORTUGAL NA CORUNHA: ESPERANÇA E CONFIANÇA



De 26 de Julho a 5 de Agosto, a selecção portuguesa de hóquei em patins vai jogar na cidade de La Coruña o prestígio que alcançou na modalidade: em luta com onze adversários, dos quais a Espanha é naturalmente o mais temido ela vai tentar a reconquista de um título mundial, perdido há dois anos em terras da América do Sul. Vinte e cinco anos depois do primeiro título, a esperança não é palavra vã; e a confiança é sentimento que anima todos quantos estão directa ou indirectamente ligados à campanha.

A tempo e horas se escolheu um seleccionador. A tempo e horas se elaborou um calendário de preparação: como a devido tempo se organizaram dois torneios para aquilatar o valor dos nossos melhores praticantes. O seleccionador teve tempo de ver e comparar. De escolher e de prescindir. Calma e reflectidamente, ele indicou com bastante antecedência os nomes que importava levar à Corunha. Feita a escolha final, os preparativos não pararam. Agora, a menos de um mês do «teste» é tempo de conjugar o verbo ganhar, no tempo e no modo que as circunstâncias aconselham.

Guilhermino Rodrigues (o único responsável por esta selecção que vai à Corunha tentar a reconquista de um título que já nos pertenceu por mérito próprio) é um homem ponderado, consciente, sabedor. Tem atrás de si uma experiência recheada de triunfos, pelo que é de confiar no seu trabalho e nas directrizes por ele próprio traçadas. Vendo em acção elementos de Angola e Moçambique, resolveu não convocar

nenhum dos atletas que compuseram as selecções dessas duas províncias ultramarinas: porque entendeu não serem superiores aos da metrópole. Sem facciosismos eternamente perniciosos, temos de aceitar o seu critério. Até porque Adriões, Velascos e Bouços, não os há aos pontapés lá por África.

A Corunha está à espera da nossa selecção para o último jogo do torneio: contra a Espanha, detentora do título, e a priori a única que poderá impossibilitar a reconquista do ceptro mundial. Em vésperas do «exame final», os rapazes da nossa selecção têm confiança e estão esperançados. Como todos os adeptos da modalidade, aliás.

EM 19 CAMPEONATOS PORTUGAL GANHOU DEZ

Poder-se-á perguntar se são legítimas as aspirações portuguesas na reconquista do título mundial. Para a resposta exacta, teremos de consultar a história da competição: já que, de momento, é totalmente impossível analisar e comparar o valor de todas as selecções concorrentes.

E, sob este aspecto, não há dúvida de que o mais favorito é Portugal: não apenas porque é actualmente o campeão da Europa (e desde sempre o Velho Continente ditou a sua lei na modalidade) mas também porque, nos 19 campeonatos já disputados, o nosso país chamou a si o triunfo final por 10 vezes.

O primeiro campeonato do mundo, disputou-se em Stuttgart, na Alemanha, no ano já longínquo de 1936: saiu vencedora a selecção da Inglaterra, que, pelo menos desde 1926 (ano em que se disputou o primeiro campeonato europeu) era a grande potência do hóquei sobre rodas. Três anos mais tarde Montreux viu o II Mundial da modalidade, continuando a Inglaterra a ditar a lei do mais forte. Tal como acontecera no torneio anterior, Portugal (que se havia estreado nestas competições em 1930) classificou-se em terceiro lugar. Veio, entretanto, a I Grande Guerra Mundial; e a preocupação do conflito fez esquecer a modalidade. Só em 1947 se recomeçou o confronto desportivo do hóquei em patins, fazendo disputar (simultaneamente os campeonatos da Europa e do Mundo. Lisboa, que ainda não esquecera o comportamento honroso dos seus hoquistas nos torneios anteriores, recebeu os representantes de seis nações: e assistiu ao primeiro grande triunfo das cores nacionais. As «estrelas» chamadas

Serpas, Jesus Correia Correia dos Santos, Emídio Pinto, fizeram esquecer os «astros» ingleses: e chamaram a si as atenções do mundo hoquista. A Inglaterra era relegada para um plano muito secundário, passando Portugal a ocupar o seu lugar de mais forte.

Foi assim que se ganharam os campeonatos de 1948, (Montreux), 1949 (Lisboa), 1950 (Milão). Em 1951 o VII Campeonato do Mundo (XVII da Europa) disputou-se em Barcelona, e foi aí que principiou o duelo entre as duas potências peninsulares: nesse ano, num jogo que decerto está ainda na memória de muitos a Espanha arrebatou o título a Portugal vencendo a nossa selecção, no último embate por 4-3. Recordar-se: na primeira parte os espanhóis chegaram a 3-0, para nos primeiros minutos do segundo tempo o nosso «cinco» chegar ao empate. Quando já todos esperavam pela concretização da reviravolta do resultado, «nuestros hermanos» alcançaram o quarto tento. Era a derrota para as nossas cores: e o nascimento de uma nova potência mundial na modalidade. No ano seguinte, o campeonato voltou a Portugal tendo sido escolhida a cidade do Porto para seu cenário: voltámos ao título mas para isso foi necessária uma finalíssima com a Itália. Foi quando Correia dos Santos marcou quatro golos e Emídio Pinto conservou

intacta a baliza à sua guarda. Em 1953, Genebra recebeu 13 selecções para o IX Mundial e XIX Europeu: a turma de Panagini, que um ano antes obrigara a uma finalíssima, conseguiu o triunfo final, tendo Portugal ficado classificado na segunda posição. Na época imediata, Barcelona foi escolhida para a disputa de mais um torneio mundial: o triunfo final sorriu novamente à Espanha (Portugal como vice tendo a selecção espanhola vencido (ainda) o torneio seguinte disputado em Milão, com Portugal no terceiro lugar. Em 1956, foi a última vez que os torneios europeu e mundial se disputaram simultaneamente: porque na reunião que decorreu no Porto á margem do torneio, se resolveu que estes certames seriam disputados em temporadas alternadas. Nesse ano, o vencedor foi novamente Portugal, que chamou a si o ceptro depois de três anos de interregno.

A GERAÇÃO MOÇAMBICANA

O XIII Campeonato do Mundo de hóquei em patins, foi disputado na cidade do Porto: e foi aí que «nasceu» a geração moçambicana. Moreira, Adrião, Velasco e Bouços estão na base da sensacional recuperação do prestígio perdido, pois iniciaram aí uma nova série de triunfos: 1960, em Madrid, 1962, em

Santiago do Chile; intercalados dos títulos europeus de 1959 (em Genebra), 1961 (em Turim) 1963 (no Porto). Mas os espanhóis não desarmaram e chamaram a Barcelona a realização de novo torneio, em 1964: tal como sempre acontecera naquela cidade, venceram o campeonato, tendo confirmado esse triunfo dois anos mais tarde em S. Paulo (Brasil). O penúltimo campeonato foi disputado no Porto e o triunfo final sorriu às nossas cores. Mas, no último, disputado na Argentina, novamente os espanhóis mostraram ser os melhores. Agora, é a Corunha que vai assistir ao vigésimo campeonato do mundo. E se nos lembrarmos que, em terras espanholas, apenas Barcelona viu a «sua» selecção ganhar, estamos a conquistar mais um factor para acreditarmos na tão ambicionada reconquista. Essa reconquista que deixamos nas mãos de Guilhermino Rodrigues, Livramento, Jorge Vicente, Rendeiro e companheiros.

Terminada a dinastia moçambicana, é importante que outra surja: do continente das ilhas ou do ultramar. O essencial é que reconquistemos com dignidade o título máximo, no ano em que se comemoram os 25 anos da primeira grande vitória. Os obreiros desse grande triunfo, também confiam no resultado da Corunha. E nós estamos com eles.



Os primeiros campeões do mundo portugueses: decorria o ano de 1947 e na foto apenas falta Emídio Pinto. Ele era o suplente.



A selecção de 1958 que, no Porto, venceu o XIII Campeonato do Mundo: era o «nascer» da dinastia moçambicana.



A «grande selecção» como já alguém lhe chamou: era a dinastia moçambicana, com Virgílio e Vaz Guedes. A foto é de 1960, em Madrid, minutos antes da partida final

1 Regressar a Portugal, após alguns dias além fronteiras (eu que passei lá fora três lustros...), representa para mim radiante felicidade. Os arranha-céus, a opulência dos palacetes e dos carrões, os bolsos das calças cheios de dólares e os dedos envoltos em excessos anéis de ouro — a poluição! —, causam-me um enfiado, uma intranquilidade psíquica indescritível. Sofro horrores com a «doença da saudade» de Portugal. Dizem lá fora que somos um país subdesenvolvido. «Felizes os países subdesenvolvidos», proclamava Papillon. Estou de acordo com ele. Até certo ponto, claro!

2 Todavia, a minha digressão com os «Veteranos» pelo Canadá foi encantadora. O comportamento desportivo e social de todos os integrantes da delegação lusa foi excepcional. Mais uma vez ficou demonstrado o grande amor que os emigrantes nossos compatriotas devotam à Mãe-Pátria. Vi lágrimas nos olhos de gente moça, de adultos e até nos de uma velhinha em Ketchener, a poucos quilómetros das Cataratas de Niagara. Quando no final da contenda com os

«Leões» a equipa lusitana regressava aos vestiários a simpática anciã (traçando as mãos como numa prece) balbuciou: «Coitadinhos! Deus os leve em bem: nós é que temos de continuar aqui». E as lágrimas calam-lhe pelas faces carcomidas. Jamais esquecerei esse momento.

3 Os «Falcões», com quem o Benfica jogou há anos, ganhando pelo magro «score» de 1-0, acabaram. Os seus «donos» fundaram agora o Toronto Itália. O luso-brasileiro Carlos Jorge (ex-Belenenses) é uma das suas vedetas. Luis Karin, que jogou na CUF, é o treinador. Está contente mas lamenta-se da falta de bons jogadores em quantidade. Entretanto, Moraes (que alinha pelo «Metros», também da capital de Ontário) disse-me que voltará nos fins de Julho a Portugal, a fim de regressar no Oriental. Ganha 800 dólares mensais e o seu «team» disputa a 1.ª Liga Norte-Americana (que inclui clubes do Canadá e dos Estados Unidos).

4 Rocha (37 anos), que frequenta em Coimbra o 3.º ano de Engenharia, alinhou pelos



Mário Nobre

«Veteranos», ao lado de Coluna e Cavem, demonstrando possuir ainda grandes virtudes técnicas e um flego feli-no. O «China», como os colegas o tratam carinhosamente, recebeu interessante proposta do «First Portuguese», mas não pode aceitar. Para o próximo ano será possível. Por sua vez, Júlio Sanches, ex-hoquista (valoroso) do Sporting e do Benfica, o idealizador desta «tournee» dos «Veteranos», de parceria com o amigo Marques da Costa, da «Canadian Pacific», foi enarregado de levar ao Canadá duas equipas de hóquei em patins, após o Campeonato Mundial, e convidado a frequentar nessa altura, um curso para treinadores de hóquei sobre o gelo.

5 Kaled Curi, colega do «Diário Popular» de São Paulo, deu uma saltada de Madrid até Lisboa para conhecer a nossa capital e batermos um

daqueles seus gostoso: «papos». Foram dois dias esplendidos durante os quais «bassamos em revista» o bom e o mau que existe actualmente na cidade bandeirante. O «Beduíno» — como lhe chamam na sua terra, devido à ascendência árabe — foi campeão brasileiro e sul-americano de box, e ainda é considerado pelos letrados da «nobre arte» como o mais técnico de todos os pugilistas do «país irmão», apenas superado por Eder Jofre, de quem é, aliás, grande admirador.

6 Kaled Curi deslocou-se à Europa a fim de fazer para o seu jornal (e para a TV Globo de quem é comentarista da modalidade) a cobertura do combate Bruno Arcári-João Henrique, em Genova, a valer para o título mundial, que continua em poder do «transalpino», porquanto venceu João, por nocaute, ao 12.º assalto.

7 Disse Kaled que João Henrique foi uma decepção. Parecia um incipiente, nunca acertando a distância, os golpes, autêntica barata tonta sobre o quadrilátero. Pelo que deduzi do «Beduíno», João Henrique não passaria de um «bluff», perdendo assim a última oportunidade na vida em se tornar campeão do mundo.

8 Este colega do «DP» bandeirante que faz diáriamente uma página sobre box (onde é que você vai arranjar tanta matéria, bicho?), foi feliz na sua vinda ao Velho Mundo. Além da luta entre Arcári e João, teve a «chance» de assistir a mais dois combates a valer para títulos mundiais: dia 17 de Junho, em Paris, entre o francês Boutier e o argentino Carlos Monzon, ganho por este no 13.º «Round», por abandono do gaulês («superioridade incontestada do moço das pampas» — disse); e dia 28 em Madrid, no Palácio dos Desportos entre Pedro Carrasco (espanhol) e Mando Ramos (norte-americano).

9 No entender de Kaled Curi, o mexicano naturalizado-ci-

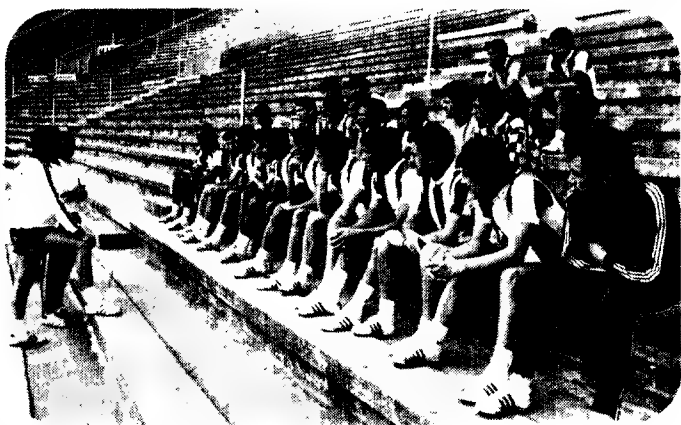
dadão americano foi bastante favorecido. Os jurados (1 espanhol, 1 norte-americano e 1 mexicano, o árbitro) «venceram» Carrasco por 2 votos contra 1. Na opinião de Kaled, Carrasco marcou 143 pontos e Ramos 142. Portanto, vitória para o espanhol, que teve duas quedas... e coragem, depois, para dominar Ramos até final. Carrasco fez-se «boxeur» em São Paulo (era pupilo de Kid Jofre, pai de Eder) e brigou como um verdadeiro campeão. «Foi pena» — palavras de Kaled — que o seu orientador não o instruisse para que desse continuidade; nos últimos dois «assaltos» ao trabalho que vinha a fazer nos anteriores. Foram

esses «rounds» que «Pesaram» na decisão do júri. Carrasco e o seu treinador julgavam que já tinham ganho a refrega... mas enganaram-se. Coisas do porto». Kaled ficou tão entusiasmado com o que viu em Lisboa que tenciona fazer, a partir de Agosto, uma página no «Popular» dedicada ao nosso país: «Portugal em revista». E em breve aqui estará novamente.

DL/DOMINICAL



DOMINGO — Alemanha-URSS em Atletismo, na cidade de Augsburg, um «meeting» para «records». Anatoli Bondartschuk (URSS), na imagem, obtém o melhor «performance» mundial do ano, no Martelo com um lançamento de 75,75 metros. Na mesma prova, a alemã Faina Melnik bate o «record» mundial do lançamento do Disco com 65,48 m.



SEGUNDA — O Sporting recomeça o trabalho, ouvindo e treinando com Ronnie Allen, para uma época que se pretende de discussão directa com os pupillos de Jimmy Hagan. Dois galos para o mesmo poleiro e a perspectiva de uma época quente



TERÇA — Prossegue o Torneio Internacional de Natação de Santa Clara, Califórnia. Entre os «records» mundiais abatidos, ressalta o de Shirley Babashoff, de Huntington Beach, nos 800 metros livres. Tempo: 9.01,5 m.

Personagem CARLOS LOPES: O MAIOR

Sem qualquer espécie de dúvida, Carlos Lopes torna-se a figura atlética do ano (a nível nacional, é evidente) ao bater o «record» nacional dos 5000 metros e conseguir a melhor marca de sempre do atletismo luso.

O que não se julgava, possível nos tempos mais próximos acabou por acontecer devido às excelentes condições proporcionadas pela pista de tartan de Vallermosto, em Madrid, onde Sporting, Benfica CDUL e Federação deslocaram 46 atletas nacionais. O lendário Manuel de Oliveira, que durante uma década dominou o panorama atlético tem, finalmente, um sucessor. Lopes já ameaçara nas duas léguas obter um tempo que lhe permitisse ir a Munique. Nos cinco quilómetros é que não se julgava possível, para já.

Carlos Lopes baixou para 13 minutos, 50 segundos e 2 décimos o «record» de Oliveira, cotou-se como o melhor atleta de todos os tempos e ganha justas distinções internacionais. Com a instalação do «tantan» na pista do Estádio Nacional, novas perspectivas se lhe abrem.

Que seja feliz, o mesmo se dizendo de Armando Aldegalega (já apurado para correr a Maratona) e Fernando Mamede, (que competirá nos 800 metros). Alberto Matos igualou, também, nos Campeonatos Abertos de Madrid, o «record» nacional dos 400 metros barreiras que lhe pertence (com o tempo de 51,2 s.), sendo muito provável que brevemente alcance o passaporte para Munique.

Uma semana cheia



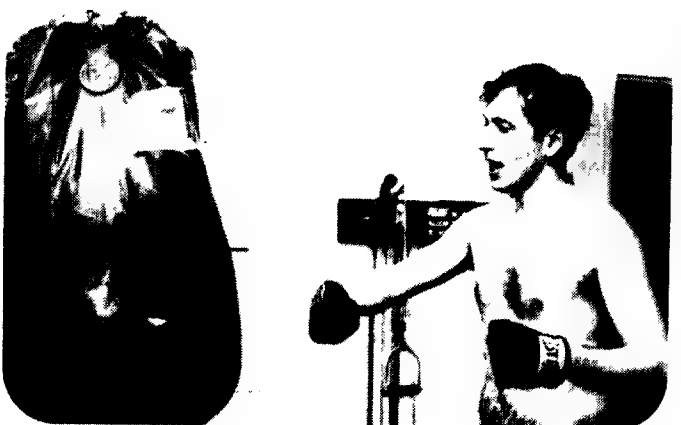
QUARTA — Bayern Munique vence o Schalke 04, e conquista o campeonato da Alemanha Federal. São figuras dos neo-campeões as «estrelas» da selecção, Mayer, Beckenbauer e Muller. Novidade: Breitner (número 3, lateral direito de meias caídas) também no seu clube vai à frente e marca golos. Aqui o segundo



QUINTA — Os sul-africanos Rossow e Leserwane (que competiram recentemente em Lisboa) são excluídos do «meeting» internacional de Atletismo em Helsínquia. Motivo: represália contra a política segregacionista na África do Sul. Bulgária e DDR levantaram a questão

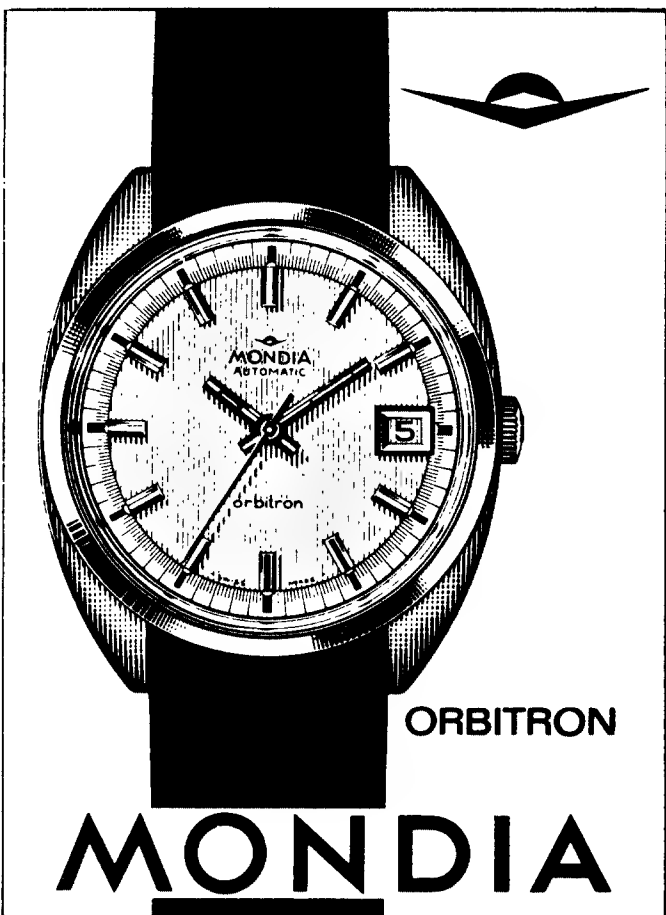


SEXTA — prossegue o Campeonato de Ténis de Wimbledon, realizando-se hoje a terceira jornada. A competição feminina (ainda a disputarem-se os jogos de singulares) vai intensamente animada com relevo para a americana Chris Everet, a australiana Evonne Goolagong e a francesa Françoise Durr, totalmente vitoriosas. Na imagem, a mais jovem do trio (miss Everet, de 17 anos) vai colher uma bola e devolve-la ao terreno da sua compatriota Mary Ann Eisel, a quem venceu por 8-6 e 8-6



SÁBADO — Fischer, o mestre americano (que durante a semana foi adiando a sua partida para o local de realização do campeonato mundial de xadrez) exercita-se como os pugilistas, treinando com o saco utilizado anteriormente por Rocky Marciano, no ginásio de Grossinger





ORBITRON

MONDIA

SÍMBOLO DA HORA EXACTA

MOVADO — ZENITH — MONDIA

Holding Horloger S. A

A venda nas boas ourivesarias e relojoarias



profoto 72
exposição

R. DAS PORTAS DE STO. ANTÃO, 58 — (frente ao S. L. Benfica)
das 15 às 23 horas entrada livre



METROPOLITANO NO ROSSIO E RESTAURADORES



CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!

E AINDA muitas outras informações de grande interesse acerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLINICA —

CONSULTAS DAS 9 AS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SABADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

DE 2 A 7
DE JULHO

horóscopo

pelo
astrologo
HORUS



ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: No domínio amoroso as condições apresentam-se bastante risonhas, mostrando mesmo um ar de certa felicidade conjugal. No ambiente familiar e nas relações sociais, terá um período agradável.

DINHEIRO: As condições financeiras para esta semana são benéficas. Neste capítulo pode conseguir um notável avanço principalmente, se empenhar neste sentido.

PROFISSÃO: Tem oportunidade de pôr em prática o seu valor e as suas aptidões. Não hesite e proceda de maneira que a sua capacidade profissional não deixe suscitar dúvidas. Aja com energia e confiança.

SAÚDE: O pessimismo e a ansiedade são os únicos males que vos podem apouquear durante a presente semana.



CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: Os seus protestos de amor serão bem aceites. A vida em família e as suas relações sociais serão calmas, e felizes. Verá as coisas sob um prisma cor-de-rosa.

DINHEIRO: Tudo indica que as suas possibilidades financeiras durante esta semana estão no âmbito das pequenas deslocações, e de negócios que exigem um paciente estudo. Registrará igualmente, alguns benefícios que lhe serão facultados por pessoas amigas.

PROFISSÃO: Propícia às actividades, quer elas sejam comerciais, artísticas, científicas ou mesmo literárias. Novas propostas vos serão feitas. Estude-as convenientemente.

SAÚDE: O motivo principal da sua falta de resistência é a gulosidade, que lhe ocasionará algumas perturbações no órgão digestivo, falta de apetite, inércia, etc., mas nada de grave acontecerá.



LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: À medida que a semana for progredindo, tudo o que diz respeito à família e à pessoa amada se aproxima da realização dos seus desejos mais queridos.

DINHEIRO: Não se precipite, a actividade que exercer para conseguir meios não terá resultados por aí além. Há tendência a recorrer às reservas. Se não usar de cuidado corre o risco de especulações e prejuízos.

PROFISSÃO: Projectar, criar e idealizar devem ser as suas preocupações. De momento cínja-se simplesmente a isto, e quando atravessar um período com melhores influências planetárias, aproveite então para entrar em acção, pondo as suas ideias em prática.

SAÚDE: Evite os choques psicológicos e as bruscas mudanças de temperatura. Modere o uso do tabaco, café e outras bebidas que contêm grande percentagem alcoólica.



CAPRICORNUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: A atmosfera sentimental continua a ser-lhe benigna. Poderá contar com agradáveis situações no plano amoroso, entre a família e no círculo das suas amizades. Por conseguinte, a sua vida sentimental dum modo geral decorrerá sob um signo feliz.

DINHEIRO: A sua situação económica beneficia de algum aumento. Se necessita empreender algo, ou fazer qualquer tentativa em matéria de finanças, a altura é boa para agir.

PROFISSÃO: O desenvolvimento geral na sua actividade profissional está sob influências favoráveis. Os estudos e projectos práticos ligados à sua ocupação normal terão bons resultados.

SAÚDE: Para que a sua saúde decorra satisfatória é muito importante dominar os nervos e reduzir um pouco a alimentação que lhe for prejudicial.



TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: A semana é auspiciosa para assuntos de amor e de amizade. Resolverá bem e com plena satisfação os seus problemas do coração, corrigindo mesmo erros cometidos no passado.

DINHEIRO: Qualquer tentativa de aproximação que pretender fazer no que respeita à sua vida financeira terá sucesso. Os astros indicam que pode confiar nas protecções invisíveis.

PROFISSÃO: Na sua esfera profissional as aptidões e ambições terão a seu favor excelentes vibrações planetárias que prometem protecções ocultas. Não permita que circunstâncias independentes da sua vontade o descontrolam e preocupem.

SAÚDE: O período é estacionário quanto à saúde. Não se observam melhoras nem agravamento.



LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: As influências deste período são muito propícias para uniões e reuniões familiares. Contudo, sucederão algumas mudanças que vincarão a amizade e boas relações futuras.

DINHEIRO: Dinheiros inesperados e protecções nos assuntos de carácter financeiro proporcionar-lhe-ão uma boa melhoria na sua vida económica. O momento é muito propício para proveitosos empregos de capitais.

PROFISSÃO: As suas iniciativas durante a corrente semana, desde que sejam encaradas, bem pensadas, atingirão facilmente os fins pretendidos. Terá sucesso nos seus esforços, se levar as coisas a sério reflectindo bastante e persistindo na busca dos seus objectivos.

SAÚDE: Há tendência a exagerar as suas doenças. Cuide do fígado e dos intestinos e não se exponha a temperaturas baixas.



SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: A vida sentimental, conjugal e familiar não será muito prazenteira. Haverá, sem dúvida, um afrouxamento, passageiro no plano sentimental. Possibilidades de ser alvo de falsidades.

DINHEIRO: Durante este período estará sob influências que lhe proporcionarão proventos débeis em matéria de dinheiro. Desta forma, é de toda a conveniência que controle as despesas e não assumam encargos financeiros sejam de que natureza forem.

PROFISSÃO: Tome as maiores precauções no seu trabalho, principalmente com falsos companheiros ou más sociedades. Isso não obsta a que dê desenvolvimento aos seus assuntos profissionais e que explore as oportunidades que se abram à sua frente.

SAÚDE: Esta posição astral inclina a desastres ou, pelo menos dá um descontrolo de nervos susceptível de os provocar. Cuidado, portanto!



AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: O período apresenta-se harmonioso e com propensão para a espiritualidade e boa disposição. Semana interessante e de afiliação entre a família e nas relações com o ser amado. A sinceridade é o sentimento predominante no decurso deste espaço de tempo.

DINHEIRO: As condições financeiras apresentam-se favorecidas durante esta semana, e algo de notável poderá realizar se se esforçar nesse sentido com coragem e tenacidade.

PROFISSÃO: Nos afazeres da sua vida quotidiana a sorte favorece-vos. Auspiciosos para iniciar sociedades ou trabalhar em boa colaboração. Altura em que poderá obter algo junto dos superiores. As viagens estão também sob boas influências.

SAÚDE: Tome cuidado com os alimentos que ingerir e com bebidas fortes, pois poderão prejudicar-vos nesta altura.



GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: Excelentes perspectivas de felicidade e de sucesso sentimental. Consagre-se decididamente e com grande afecto aos seus e deixe-se de ressentimentos em referência a casos ocorridos anteriormente. Nada de pessimismos.

DINHEIRO: Trabalhe com maior ardor do que é costume, porque o período é favorável a dinheiro e outras compensações. Esforce-se e verá.

PROFISSÃO: Os astros concedem-lhe uma visão clara e muito intuitiva. A ocasião é excelente para receber convites de certa importância para a sua vida futura. Momento em que os grandes planos de desenvolvimento encontram um clima propício.

SAÚDE: Grande delicadeza nervosa, especialmente se possui complexos de inferioridade social. Evite toda a espécie de excitantes artificiais, e vigie os rins.



VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Os prognósticos para esta semana aconselham calma e reflexão. Se seguir estas indicações astrais, a felicidade familiar e sentimental será uma realidade.

DINHEIRO: Os ganhos e os assuntos referentes a finanças não lhe são propícios. O pouco que ganhar, desaparecerá rapidamente e sem saber explicar como. Só com uma vontade firme poderá ter mão nas despesas.

PROFISSÃO: Não se deixe envolver em aventuras. A falta de franqueza e honestidade poderão acarretar-lhe contratempos. Poderá sentir inclinação para forçar situações, mas o prudente será ter calma e perseverança, para conseguir atingir os seus objectivos.

SAÚDE: Os astros aconselham a maior circunspeção, pois corre perigo de acidentes.



SAGITTARIUS

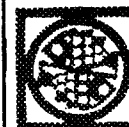
(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Haverá aborrecimentos no sector sentimental, que pode ser dissolvido por meio do seu tacto diplomático. O período inclina à dureza de expressão, porquanto deve usar de cuidado e senso nas suas relações com a pessoa amada.

DINHEIRO: As suas esperanças não se realizarão totalmente, nem a sua disposição económica atravésará um período muito favorável, pelo que fará bem em limitar os gastos.

PROFISSÃO: Cumpra o seu dever e deixe correr o tempo. Não complique a vida dos outros. Nesta altura os novos encargos, não deixarão muito a desejar, por isso evite-os.

SAÚDE: Cuidado com a saúde, principalmente com o regime alimentar que ingerir durante este período.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Os influxos astrais apresentam-se perturbadores esta semana. Os seus planos poderão ser transtornados. A ocasião é para confiar na sua própria iniciativa e nada melhor do que ela para superar as influências negativas que se observam.

DINHEIRO: É necessário fazer um esforço extraordinário para as condições monetárias atingirem resultados, embora diminutos. Observe com cuidado todas as propostas que lhe fizerem, principalmente relacionadas com negócios de ocasião.

PROFISSÃO: Na profissão a sua acção será muito movimentada, todavia, os resultados não serão práticos e imediatos. Não descure os problemas importantes e complicados.

SAÚDE: Não tente isolar-se, embora seja compelido a isso, pelo facto do ambiente que o cerca o irritar. Tente distrair-se e, se possível, viaje.

EMÍLIA BRAVO

Telefones com lupa

Alguém escreveu há tempos que o sol merecia uma estátua que lhe fosse dedicada pelos «dermatologistas reconhecidos». De facto, embora os especialistas de pele não tenham a menor responsabilidade no caso (a responsabilidade é do próprio sol, e mais ainda, claro está dos seus devotos dele, são procurados por muitos doentes a quem a estrela da vida criou vários e às vezes gravíssimos problemas. Parafraseando quem escreveu as citadas palavras, permite-me dizer que também «os oftalmologistas e oculistas reconhecidos» poderiam mandar construir este ano uma estátua, dedicada não a um corpo celeste mas à muito terrestre e prosaica lista dos telefones. E que enquanto na lista do ano passado as palavras e os números, embora minúsculos, eram bem pretos, bem nítidos, os caracteres deste ano são em grande parte cinzentos e fininhos. Ora como o papel é tradicionalmente amarelado, torna-se na verdade necessário apurar muito a vista para decifrar o que lá está escrito. Sugiro que a lista número 92 traga apenas uma lupa. E o menos que se pode pedir, já que raríssimos assinantes ou seus familiares e empregados serão capazes de escrever os Lusíadas numa caixa de fósforos ou de qualquer outra habilidade miniatural deste género.

PEANUTS

NÃO VEJAS A TV SEM ÓCULOS! QUERES ESTRAGAR OS OLHOS?

O MEU OFTALMOLOGISTA DIZ QUE NÃO FAZ MAL AOS OLHOS VER SEM ÓCULOS, MESMO QUE ESTES SEJAM NECESSÁRIOS PARA VER BEM!

E QUE PENSA O TEU OFTALMOLOGISTA DA SITUAÇÃO INTERNACIONAL?

MÁS... QUE DIZEM DE SUE

OH, NADA DE ESPECIAL... MAS HÁ A APARÊNCIA DELA... E QUANDO SE MISTURA COM O BANDO DA ESCOLA DE ARTE, É O FIM, CAROL...

BEM SEI QUE É JOVEM... MAS VOCÊ POUQUÍSSIMO MAIS VELHA É E TEM MUITO MAIS SENSO!

QUANDO É QUE VOCÊ E O MICHAEL SE CASAM?

NÃO SEI, ALAN! ... TALVEZ NUNCA...

Control Press Features

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 10 130

HORIZONTAIS

1 Cidade da Índia. Afria.

2 Arrancaram.

3 Costure. Bois selvagens.

4 Artigo definido. Bondosa.

5 Prefixo de negação. Cério (sq.).

6 Geração. Conveniências.

7 Pertencentes a castelos.

8 Rádio (sq.). Cobre de todo.

9 Antes do meio dia. Grande rato.

10 Preposição.

11 Tempo do verbo ir. Patria.

12 Pronome pessoal.

13 Freguesia do concelho de Idanha-a-Nova. Equipar.

VERTICAIS

1 Ruim. Textualmente. Nome de um mês.

2 Heroína que foi queimada viva. Mecânica (abrev.).

3 Doença.

4 Ribomba. Igual. Pronome reflexo.

5 Rente. Unir por casamento.

6 Tripulação das galeras turcas, constituídas por marinheiros livres, alistados a falta de escravos ou forçados. Para barlavento.

7 Artigo definido. Aíra.

8 Tratar por tu. O mesmo que louvara (ant.).

9 Semelhante. Zombaria.

10 Aneis. Mãe de Homulo e Remo. Preposição.

11 Freguesia do concelho de Penafiel. Pronome pessoal. Rei de Israel.

12 Amónio (sq.). Ofereces. De-sejar.

Resoluiu completamente este problema?

Procure agora em segundo passelempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 288

HORIZONTAIS:

1 Antigo reino na África ocidental, junto da foz do Níger. Móvel antigo.

2 Ave das Astúrias. Lista.

3 Uma das Espérides. Artigo indefinido. Espécie de flauta de Pé, feita de tubos de sabugueiro, muito usada pelas orquestras dos ciganos romenos.

4 Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto. Barco de Timor, construído com o tronco cavado de uma árvore.

5 Cidade de Itália. Cofre.

6 Livro de poesia de António Nobre. Batráquio.

7 Pertences. Folga. Utensílio doméstico.

8 Alianças. Sabor picante.

9 Vá. Um dos pontos cardiais. Pega.

10 Relata. Aquele que padece de acúria.

11 Lavrais. Restos mortais.

VERTICAIS:

1 Deus do vinho. Deusa da guerra, dos Romanos.

2 Bradar. Arrancar.

3 Pronome possessivo (pl). Rosto.

4 Caminhar. Sacrifício. Zombaria.

5 Emprego. Queimas.

6 Artigo indefinido. Pradidismo (sq.).

7 Falda. Salto.

8 Erbro (sq.). Desacertar. Cesio (sq.).

9 Galinha de raça pequena (Bras.). Ofereceis.

10 A dignidade pontifícia (Fig.). Estou arriscado a Rio dos Estados Unidos. Título dos antigos soberanos do Egipto (pl).

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 129

HORIZONTAIS:

1 Pardo. Acima.

2 Amio. Amir.

3 NÃO. Par. A.C.E.

4 Or. Pirar. HA.

5 Sósia. Somos.

6 Ea. So.

7 Sarrafana.

8 Am. Abusa. Ar.

9 Rás. Oso. Cre.

10 Ciem. ROCA.

11 Asmas. Coral.

VERTICAIS:

1 Panos. Sacra.

2 Amaro. Amais.

3 Rio. Ser. SEM.

4 Do. Piara. Mã.

5 Pia. Abo.

6 Mar. FUSO.

7 Rás. Aso.

8 Ca. Rosca. Ro.

9 Imã. Moa. Cor.

10 Micho. Narça.

11 Areas. Areal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 287

HORIZONTAIS:

1 Valas. Pasta.

2 Apar. Alais.

3 Gasto. Tacos.

4 Sus. Ado.

5 Bar. Ada.

6 Cás. Aba. Ema.

7 Or. Craca. Ar.

8 Irmão. Amare.

9 Raer. Arga.

10 Ovais. Minas.

11 Saras. Mãos.

VERTICAIS:

1 Vaga. Coiros.

2 Apa. Barrava.

3 Lasso. Mear.

4 Artur. Caria.

5 Sãos. Aro. SS.

6 Oba.

7 Pata. Aca. MM.

8 Alada. Amaia.

9 Sacode. Arno.

10 Tio. Amargos.

11 Asso. Areas.

Proverbo: NÃO HÁ ROCA SEM FUSO.

AOS QUATRO VENTOS

O BURRO

Certo dia, um lobo faminto chegou a um campo cercado por uma vala de espinhos. E viu nesse campo um burro que estava mascando cardos e comendo ervas. O lobo, satisfeitiíssimo no seu íntimo e decidido a fazer do pobre asno um lauto banquete, entrou no campo.

Quando o burro viu que o lobo corria para ele, começou a andar lentamente, tal como se estivesse coxo.

— Eh, irmão burro — gritou o lobo. — Não vale a pena fugires porque te vou devorar agora mesmo.

— Sei que não posso escapar-me — replicou o burro. — Para mais não vês como estou coxo?

— Porque estás coxo? — perguntou-lhe o lobo com curiosidade.

— Ora, porque quando saltei a vala, cravou-se-me um espinho numa pata traseira... Se eu estivesse no teu lugar, irmão lobo — acrescentou o asno — tiraria o espinho antes de me comer, pois de outro modo, ele poderia cravar-se na tua garganta e matar-te até.

— Talvez tenhas razão — assentiu o lobo, dispondo-se a tirar-lhe o espinho.

O burro levantou a pata, e enquanto o lobo via onde estava cravado o espinho, o asno deu-lhe tão forte coice que o lobo foi cair em cima de um monte de cardos, com os dentes partidos.

E quando se recompôs e se pôs de pé, já o burro ia longe, muito longe... (cont. africano)

O VENENO

Lady Nancy Astor foi a primeira mulher inglesa que entrou no Parlamento, em 1919, democraticamente eleita.

Lady Astor era conservadora e Winston Churchill na época, liberal.

Churchill atacou Lady Astor e esta disse-lhe:

— Winston, se você fosse meu marido, envenenaria o seu café.

— Se você fosse minha mulher — replicou Churchill — bebia-o de boa-vontade...

CRUELDADE

Thomas Hovey, de 38 anos, de Filadélfia, requereu o divórcio.

CORAÇÃO

Reflexão de Bernard Shaw:

«Há duas tragédias na vida: uma é não conseguir o que o coração deseja; a outra é conseguir-lo».

A SOGRA

«O que deixa de comer está perdido; o que fracassa nos negócios está perdido; o que falha no tribunal está perdido; o que falha com a sogra está perdido».

(Provérbo hindu).

REFLEXÃO

«A humildade é uma paciência activa. (Simone Weil).



SURDOS

CASA SONOTONE

Já acabaram os festejos dos santos populares. Mas os aparelhos não. Cada vez melhores, mais simples menos incomodativos. Tem dificuldade de ouvir? Não hesite visite-nos para fazer um audiograma juntamente com a respectiva demonstração que é gratuita e sem compromisso algum. Prestamos assistência técnica com consciência a todos os aparelhos sejam ou não vendidos por nós de qualquer casa e de qualquer marca, tanto em Lisboa como na Província. Laringes electrónicas e pilhas de todas as voltagens. Esperamos a vossa visita com a qual ficamos muito reconhecidos em

LISBOA — Poço do Borratém, 33 s/l. Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-2.º Telef. 02-35602
LUANDA — Rua António Fries, n.º 42-2.º. Apartamento 26

A CANÇÃO DO MUNDO CELTA

ORENSE, (Espanha) — «An Tamhran Omóis», de Peeter Bulter, cantada por Danny Street, foi a canção vencedora do Oitavo Festival da Canção do mundo Celta, cuja final teve lugar no Palácio dos Desportos de Orense, com a lotação esgotada. A canção vencedora foram atribuídas cento e vinte e cinco mil pesetas.

O segundo prémio das canções classificadas dentro do grupo «A» foi atribuído à composição «A bre el camino», de Ramon Labol, e Fernando Granados, interpretada pelo «Duo Ritual». O prémio foi de setenta e cinco mil pesetas.

Das canções classificadas, dentro do grupo «B» — exaltando temas galegos — o primeiro prémio foi atribuído a «As três cousas», de Prudêncio Romo, de Madrid, interpretada por «Los Tamaras».

O prémio monetário foi o mesmo da canção vencedora do grupo «A».

O segundo prémio — setenta e cinco mil pesetas — foi para «Meu Probo», de Carmen Barranco e Gangas de Morrazo, cantada pelo conjunto «Nuevas Amistades».

O prémio «Cidade de Guimarães» para a melhor canção portuguesa — dotado com vinte e cinco mil pesetas — foi atribuído a «Poema do meu anseio», de Rocha Oliveira e Maria Natália Miranda, cantada por Florência Rodrigues.

SOCIEDADE «ESTORIL»

VENDA DE BILHETES PARA OS DOMINGOS

Aos sábados na estação do Cais do Sodré das 15 às 22 horas



VENDA DE SÉRIES DE 20 BILHETES

Válidos para 10 semanas.



TOYOTA

SERVIÇO OFICIAL

Pecas e acessórios, mecânica, bate-chapas, electricista, estofador, pintura e Estação de Serviço

Rua Artilharia Um, 105-A — Tel. 68313/2/3

COTAL

Rua dos Lusíadas, 113-A — Tel. 631057/8

SERVIÇOS RÁPIDOS

TABELA DE PREÇOS — ORÇAMENTOS PRÉVIOS

FORÇA AÉREA

Centro de Recrutamento e Mobilização n.º 1

Recrutamento de mancebos voluntários com destino aos Cursos de Pilotagem

Faz-se público que, nos termos da Portaria n.º 260/70 de 30 Maio 70 está aberto concurso para admissão de mancebos voluntários com destino aos Cursos de Oficiais Milicianos Pilotos Aviadores e Sargentos Milicianos Pilotos.

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO

1. Ter mais de 17 e menos de 21 anos de idade no acto de alistamento;
2. Se não for emancipado, estar autorizado por seus pais ou tutores a alistar-se na Força Aérea;
3. Ter a altura mínima de 1,62 m e possuir a aptidão física necessária, verificada pela Junta de Admissão da Aeronáutica;
4. Ter como habilitações literárias mínimas:
 - Para Oficial Miliciano: o 3.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes;
 - Para Sargento Miliciano: o 2.º ciclo liceal ou habilitações equivalentes;
5. Ser solteiro ou viúvo sem encargos de família;
6. Ter bom comportamento moral e civil e estar em pleno uso dos seus direitos constitucionais.

Os interessados devem fazer as suas inscrições e dirigir os seus pedidos de esclarecimento até ao dia 15 Agosto 72, ao Centro de Recrutamento e Mobilização N.º 1 — Rua Newton n.º 6-r/c em Lisboa

Lisboa, 22 de Junho de 1972.

O CHEFE DO CENTRO
Giordano C. Bailey
Major

televisão

HOJE

1.º Programa (22.00)

«Longstreet»

Enfócio filmado com interpretação dos artistas Marlyn Mason, James Francis e James Broderick

2.º Programa (22.00)

«As Seis mulheres de Henrique VIII»
O enfócio desta noite intitula-se «Ana de Cleves»



SIEMENS ESTORIL

O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa

- 12.30 Abertura, missa de domingo
- 13.10 Dia do Senhor
- 13.35 Nos bastidores da aventura
- 13.45 Telejornal — 1.ª edição
- 14.00 Série juvenil «Robin dos Bosques»
- 14.25 Hoje pode ver. Cartaz dos programas do dia
- 14.40 Tarde de cinema «Os Pequenos vagabundos»
- 16.15 Eurovisão — Volta à França em bicicleta
- 17.25 TV Infantil
- 18.15 Expedição
- 18.15 Vamos aprender judo
- 18.45 Domingo desportivo — 1.ª EDIÇÃO
- 19.00 TV rural, pelo Eng.º Sousa Veloso
- 19.30 Telejornal — 2.ª edição
- 19.45 Portugal além da Europa
- 20.10 Série de comédia «Os Companheiros»
- 20.40 TV 7
- 21.30 Telejornal — 3.ª edição
- 22.00 «Longstreet»
- 23.00 Fados por Ada de Castro
- 23.25 Domingo Desportivo — 2.ª EDIÇÃO
- 23.45 Telejornal — últimas notícias
- 23.55 Meditação e fecho.

2.º Programa

- 20.30 Abertura
- 20.31 Dó Lá Si
- 21.00 Série filmada «Chegou a Lucy»
- 21.30 Telejornal — 3.ª edição
- 22.00 As seis Mulheres de Henrique VIII — 4.ª Ana de Cleves.
- 23.30 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa

- 1.º Período
- 12.45 Desenhos animados
- 13.00 Feminino Singular
- 13.15 Uma mãe para Edie
- 13.45 Telejornal — 1.ª edição
- 14.00 Um dia com...
- 14.15 Logo à noite
- 2.º Período
- 14.40 Ciclo Preparatório TV
- 19.00 TV Educativa
- 19.30 Telejornal — 2.ª edição
- 19.45 Cartaz TV
- 20.00 Porta aberta
- 20.30 Ao serviço da nação
- 21.00 Na terra do arco iris
- 21.30 Telejornal — 3.ª edição
- 22.05 O jogo do galo
- 22.50 Pioneiros da pintura moderna
- 23.50 Eurovisão, volta à França em Bicicleta resumo da etapa
- 24.00 Telejornal — últimas notícias
- 00.10 Meditação e Fecho.

2.º Programa

- 20.30 Um dia com...
- 21.00 Uma mãe para Edie
- 21.30 Telejornal
- 22.00 Noite de cinema «Uma vez mais, z minha querida»
- 23.35 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C.V.P.	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Comboios	32 6226

tempo

HOJE

09.00 H

Em Portugal Continental o vento era fraco ou moderado predominando de Noroeste e o céu estava muito nublado nas regiões do Norte e Centro e pouco nublado ou limpo nas regiões do Sul.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H

PORTO	17.º
P. DOURADAS	13.º
COIMBRA	15.º
PORTALEGRE	21.º
LISBOA	18.º
FARO	22.º
FUNCHAL	19.º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Elvas

Máxima 31.º

Penhas da Saúde

Mínima 8.º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 14,6.º
Atmosfera 18.º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
7.40	3,4 m 1.05 1,0 m
19.58	3,6 m 13.19 1,1 m

DIA 3

8.31	3,3 m 1.59 1,1 m
20.52	3,5 m 14.17 1,2 m

DIA 4

9.31	3,3 m 3.00 1,1 m
------	------------------

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado nas regiões do Litoral Oeste a norte do Cabo Carvoeiro e limpo nos restantes regiões; vento fraco de Norte por vezes nortada durante a tarde no Litoral Oeste a sul do Cabo Carvoeiro.

AMANHÃ

Nascer às 6.16
Ocaso às 21.05

Dia 4 Dia 10 Dia 6 Dia 26



EMISSION 1.º Programa

- 16.00 Noticiário e onda musical
- 18.05 Música e cadência
- 19.10 Música da Europa
- 20.00 Diário sonoro
- 20.20 Exits em parada
- 21.00 Rádio desporto
- 21.30 Variedades no estúdio
- 22.00 Teatro das comédias: «Um Falso Amor», original de Fausto Correira Leite
- 22.35 Música portuguesa
- 23.05 Sol e toros
- 23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
- 00.30 Diário sonoro
- 00.45 De um dia para o outro (cont.)
- 02.00 Fecho

2.º Programa

- 16.20 Elegia, op. 24 (Fauré)
- 16.30 Kreisleriana (Schumann) Piano: Dinorah Varsi
- 17.00 Perspectivas da música do Canadá
- 18.00 Concerto de domingo (1.ª parte) — a orquestra da Rádio e Televisão Espanhola sob a direcção de Igor Markevitch
- 18.28 Intervalo — sete variações sobre um tema de Mozart (Beethoven)
- 18.40 Concerto de domingo (2.ª parte) — a orquestra da Rádio e Televisão Espanhola — sob a direcção de Igor Markevitch
- 19.22 Octeto em mi bemol maior, op. 20 (Mendelssohn)
- 20.00 Diário sonoro
- 20.20 Música de câmara
- 20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais

- 21.00 Desdobramento — sai o MF 2 — recital de piano, por Florinda Santos
- 21.30 Que quer ouvir? — programa elaborado por Margarida Brandão
- 23.00 Emissão em línguas estrangeiras
- 01.15 Fecho

Estereofónico - MF 2

- 21.00 Música ligeira variada
- 22.00 Música coral
- 22.55 O pianista Svyatoslav Richter
- 23.15 Quartetos de Haydn e Schumann
- 00.05 O Lago dos Cisnes, op. 20 1.º acto (Tchaikowsky)
- 01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

- 16.00 Projectão
- 16.35 Tarde desportiva
- 19.03 Fórmula 1
- 19.30 Vedetas e canções
- 20.15 Comentário desportivo
- 20.30 De 7 em 7 dias
- 20.45 A estrela da noite
- 21.32 Impacto
- 22.30 Quando o telefone toca
- 23.05 Mensagens bíblicas
- 23.19 Canções ao acaso
- 23.30 P.B.X.
- 02.00 A noite é nossa
- 06.00 Diário rural
- 07.00 Talismã

MF

- 16.04 Pêndulo
- 17.57 O nosso programa

- 19.04 Verice
- 21.20 Boa noite em FM
- 22.02 Programa a go-go
- 00.02 Em órbita dois
- 01.02 Banda sonora
- 02.00 Perspectiva
- 03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA

- 16.00 Automobilismo
- 16.30 Onda desportiva
- 19.00 Missa
- 20.35 Zona verde espaço ocupado pela família
- 21.00 Suplemento especial
- 22.00 Quando o telefone toca
- 22.30 Na hora do regresso
- 23.00 A 23.ª hora
- 24.00 Tempo Zip

EMISSIONS ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR
6.00 às 8.00 das 10.00 às 12.00 e das 22.00 às 2.00

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
8.00 às 10.00 e das 17.00 às 19.30

RÁDIO GRAÇA
12.00 às 14.30 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA
14.30 às 17.00

OS JOGOS
FLORAIS
NACIONAIS DO
C.A.T. COELIMA

PEÇA INFORMAÇÕES A
LENÇÓIS

Coelima

PEVIDÉM

Estabelecimentos de Serviço

LISBOA

AJUDA
Teles. R. João de Barros, 2
(Tel. 638249)

ALCANTARA
Lealdade, R. do Olival, 226
(Tel. 663441); Nogueira, R.
da Creche, 2 (Tel. 631635)

ALFAMA
Nacional, R. S. João da
Praça, 26 (Tel. 663632)

ALTO DE S. JOÃO
Oriente, R. Lopes, 120 (Tel.
843381)

ALVALADE
Calixto, Av. da Igreja, 21-C
(Tel. 776358); Brisalia, Av.
Rio de Janeiro, 66-A (Tel.
722368); Nova Lisboa, R.
Guilhermina Suggia, 12 (Tel.
727721); Aviz, Av. de Roma,
56-B (Tel. 715370)

AMOREIRAS
D. João V, R. D. João V, 16-
C (Tel. 682772)

ARCO DO CEGO
Palma, Av. Duque de Avila,
25-31 (Tel. 47088)

AREIRO
João XXI, Av. João XXI, 16-
A (Tel. 726462)

ARROIOS
Matos, R. Alvaro Coutinho,
10 (Tel. 821671)

AVENIDA DA LIBERDADE
Nacional, R. do Salitre, 7
(Tel. 468508)

AVENIDAS NOVAS:
Galeno, Av. Oscar Monteiro
Torres, 38-A (Tel. 774920);
Avenidas, Av. da República,
27-A (Tel. 533688); Fatima,
Av. 5 de Outubro, 147-A (ao
cruzamento da Av. Barbosa
du Bocage) (Tel. 763107).

BAIRRO ACTORES
Esperança, R. Carlos Mar-
del, 101-B (Tel. 722868)

BAIRRO ALTO
Azevedo, R. da Misericórdia,
24 (Tel. 323540)

BAIRRO DA ENCARNÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11
(Tel. 311216)

BAIXA
Nacional, R. do Salitre, 7
(Tel. 46858); Americana,
Calc. da Santana, 3 (Tel.
863984)

BELÉM
Remisio, R. dos Jerónimos,
14C (Tel. 631699)

BENFICA
Lisboa, R. Claudio Nunes,
73-A (Tel. 703393); Sousa,
Est. de Benfca, 429 (Tel.
780027)

BOA HORA
Sapoi, Calc. da Boa Hora,
94-A (Tel. 631958)

CAMPOLIDE
Gomes, R. Rodrigo da Fon-
seca, 101A (Tel. 682333);
Pátria, Calc. dos Mestres,
30-A (à R. das Amoreiras)
(Tel. 680627)

CAMPO DE OURIQUE
Ourique, R. Freitas Gazul,
32-B (Tel. 671667); Castro,
R. Quatro de Infantaria, 28-A
(Tel. 688857)

CARNIDE
Leal de Matos, R. Neves
Costa, 33 (Tel. 780181)

CONDE REDONDO

Capuchos, R. Luciano Cor-
deiro, 2-A (Tel. 52076)

GRAÇA
Santo António, R. Leite de
Vasconcelos, 72-C (Tel.
862333)

LAPA
Central, R. dos Navegantes,
10 (Tel. 661734)

LUMIAR
S. Tomé, Est. do Desvio, Lo-
te 12-C (Tel. 790704); Alame-
da, Alm. das Linhas de Tor-
res, 201-B (Tel. 790942)

MOURARIA
Bastos, Calc. de Santo An-
dré, 107 (Tel. 860450)

OLIVAIS
Nova, R. E. 1, lote 469 (Oli-
vais Sul) (Tel. 316402)

PENA
Americana, Calc. de Santa-
na, 3 (Tel. 863984)

PENHA DE FRANÇA
Carrondo, R. Padre Sena de
Freitas, 10-A (Tel. 842518)

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimen-
to Costa, 16-A (Tel.s
728395-720703)

SANTA CATARINA
Combro, Calc. do Combro,
78 (Tel. 326059)

S. MAMEDE
Marçal, R. de S. Marçal, 100
(Tel. 325318)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Aguir, Av. Columbano Bor-
dalo Pinheiro, 98-A (Tel.s
768343-764629); Bairro
cazul, Av. Ressano Garcia,
7-A (Tel. 51451)

S. VICENTE
Rosa e Viegas, R. de S. Vi-
cente, 31 (Tel. 864351)

XABREGAS
Salter, R. de Xabregas, 63
(Tel. 381185)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209
(Tel. 930019); Flama, R. Elias
Garcia, 78-B (Tel. 932485);
Confiança, Av. D. Nuno Alva-
res Pereira, 15-A (Tel. 938149)

DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gus-
mão, 9-A (Tel. 970523)

QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151
(Tel. 950043); Queluz, Av. Mi-
guel Bombarda, 123-A (Tel.
951841)

CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55
(Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Quimia, E. de Mem Martins,
285 (Tel. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)

SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gre-
gório de Almeida, 2 (Tel.
980391)

COLARES
Colares, Abreja (Tel. 299088)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto Silva,
81 (Tel. 212048)

CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro,
1-A (Tel. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pin-
to, 186 (Tel. 2432034)

OEIRAS
Central, R. João Teixeira Si-
mões, 18 (Tel. 2430058)

PARADE
Aisir, B.º das Caixas de Pre-
vidência - Bloco A (Tel.
2472948)

S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)

MONTE ESTORIL
Costa, Av. Sabeia, 29-B (Tel.
260085)

CASCAIS
Misericórdia, R. Regimento
19, 41 (Tel. 280141) Cascais,
R. Conde Monte Real, B.º
Caixas (Tel. 282407)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da
Costa, 10 (Tel. 234137)

ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Ro-
sa, 8 (Tel. 224250)

ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1
(Tel. 270271)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional,
221-B (Tel. 224141)

BARREIRO
Higiénica, R. D. Manuel I,
178 (Tel. 2273017)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues, L. 5 de
Outubro, 62 (Tel. 270121)

MOITA
União Moitense, Av. dr.
Teófilo Braga (Tel. 239025)

MONTIJO
Higiénica, R. José Joaquim
Marques, 142 (Tel. 230370)

SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis,
67 (Tel. 229028)

SETÚBAL
Soromenho, P. Machado
Santos (Tel. 22691); Alice, P.
do Quebedo (Tel. 23743)

SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coe-
lho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A
Boavista (da), Rua da Boavista,
601; Cosme, Rua Costa Ca-
bral, 584; Guarani, Rua Pe-
dro Hispano, 367; S. Diniz,
Rua S. Diniz, 428; Soeiro,
Rua Santos Pousada, 71; Vi-
tália, Praça da Liberdade,
34-37.

SUB-TURNO B
Alberto Ferreira, Rua da Estação,
100; Antero de Quental, Rua
Antero de Quental, 520; An-
tunes, Rua do Bonjardim,
485; Cardona dos Santos,
Rua D. Manuel II, 90; Hercu-
lano, Rua Alex. Herculanio,
384

COIMBRA

Cruz Viegas, Rua do Bra-
sil, 154 (tel. 22961); Donato,
Rua Ferreira Borges, 2 e 6
(tel. 22603); Rainha Santa
Rua Figueira da Foz, 11-B
(tel. 24737).

MONUMENTAL (Tel. 555131)

15.20-18.20 e 21.45. 2.ª Semana
«ALAMO»
com John Wayne e Richard
Widmark

SATÉLITE (Tel. 562632)
15.00-17.00-19.00 e 21.45
Grupo C (14 anos)
«ENTRE O AMOR E A MORTE»
um filme de John Huston com
Angélica Huston e Assaf Dayan

ODEON (Tel. 326283)
15.15 - 18.15 - 21.30
Grupo C (14 anos)
20.ª Semana de êxito
«NÃO DESEJARAS O DELICA-
DINHO DO 5.º» com Alfredo
Landa, Jean Sorel, Ira de
Fustemberg e Isabel Garcés

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo C (14 anos)
«AS QUATRO PENAS BRAN-
CAS» um filme de Zoltan
Korda com John Clements,
Ralph Richardson e June Du-
pez

LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
(Grupo C - 14 anos) 2.ª Semana
«MELODY»
Venha ver como começamos
a amar com Mark Foster,
Jack Wild e Tracy Hyde
CINEMA - SNACK BAR - PUB
THE FLAG
(Faça 3 coisas num sítio só)

ROYAL (Tel. 855037)
15.00-21.00
Grupo D (18 anos)
«ENCRUZILHADA DE SENTI-
MENTOS» com Gianni Moran-
di e Stefania Cosini e «MORTO
OU VIVO»

LYS (Tel. 48560)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«MADE IN U.S.A.» com Anna
Karina e Jean-Pierre Léaud e
«A ADOLESCENTE E O QUAR-
tento»

POLITEAMA (Tel. 326305)
Grupo D (18 anos)
15.15 - 18.15 - 21.45
«DESEJO LOUCO» uma realiza-
ção de Luciano Salce com
Ugo Tognazzi e Catherine
Spaak e um grupo de lindas
raparigas.

CASINO ESTORIL
17.00-21.30
Grupo D-18 anos
«Klute»

cinemas

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 - 21.45
(Grupo B - 10 anos)
23.ª Semana TRINITÁ (Cow-
boy insolente) com Buel
Spencer e Terence Hill

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30 (Grupo A (10anos)
«Os azares de um homem de
sorte» o riso de Pierre Ri-
chard

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30-18.30 e 21.45
Grupo C (14 ar.os)
«O MUNDO A SEUS PÉS»
O melhor filme de todos
os tempos de Orson Welles

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo D - 18 anos
7.ª Semana «O AMANTE»
com Bibi Andersson e Eli-
ot Gould num filme de Ingmar
Bergman

IMPÉRIO (Tel. 595134/5)
15.15 - 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
«CASAMENTO POR PROCURA-
ÇÃO» uma realização de Luigi
Zampa, com Alberto Sordi e
Cláudia Cardinale
18.30 Grupo D (18 anos)
«BONNIE E CLYDE» de Arthur
Penn

ALVALADE (Tel. 717430)
15.15-18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
«A NAVE DOS LOUCOS» de no-
vo com rumo ao sucesso,
com Lee Marvin e Vivien
Leigh

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
As 15.30 - 18.30 - 21.45
Adultos
Um filme de Damiano Dami-
ani «A MULHER MAIS BELA»
com Ornella Muti e Alessio
Orano

BERNA (Tel. 776098)
15.15-18.30-21.45 2.ª Semana
Grupo D (18 anos)
Charles Bronson, Anthony
Perkins e Jill Ireland DIVIDA
DE ÓDIO - 90 minutos de
constante angústia

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30-21.45
Grupo C (14 anos)
«SARTANA DESAFIA SABA-
duros e implacáveis ambos
temíveis adversários com George
Hilton e George Hilton e
George Soutwood.

IMPERIAL (Tel. 821933)
(Grupo C (14 anos)
«SIGA AQUELE CAMELO»
com Phil Silvers e Kenneth
Williams e «BOA NOITE SE-
NHORA CAMPBELL»

CONDES (Tel. 322523 e 326710)
(Grupo D - 18 anos)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
2.ª Semana «A CONDESSA
DRACULA»
Uma realização de Peter
Sasdy com Ingrid Pitt, Niger
Green e Sander Eles

S. JORGE (Tel. 54153/4)
15.15 - 18.15 - 21.30
«O VÍCIO DAS BEATAS» o
mais gozoso dos vícios na
mais divertida anedota com
Dick Van Dyke

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos) 3.ª Semana
«Reg Verney, Daris Hare e
Stephen Lewis «CURVAS NA
ZONA» um filme permanente
gargalhada uma comédia co-
lorida onde a malandrice
anda à solta

APOLLO 70 (Tel. 763319)
14.30 - 16.45 - 19.00 - 21.45
Grupo C (14 anos)
«UM DIA NA VIDA DE IVAN
DENISOVICH» da obra de
Alexander Solzhenitsyn com
Tom Courtenay e Alfred Bur-
ke

As 24 horas
(Grupo D - 18 anos)
«DIABOLIK» de Mário Bava com
John Philippe Law

ROMA (Tel. 727778)
15.15 e 21.15
(Grupo B-10 anos)
TORA! TORA! TORA! um tri-
me de Richard Fleischer

SAÍU
MAIS UM
NÚMERO
DE
motor

BARS BOITES

ADEGA MACHADO Cantam Ivete
Pessoa, Esmeralda Amodeo, Tina
Ferreira, Fernando Mauricio, Fa-
dos de Coimbra por Loubet Bravo
Os Arazais Tocam Liberto Conde,
Rafael Marques e José Vilela Fan-
dango pelo Grupo Típico de Vila
Franca de Xira

LUSO Grande elenco de folclore,
fado de Lisboa por Augusta Ermi-
da e José Luís Tomar; fado de
Coimbra e canções internacionais
por Plínio Sérgio. Guitarradas por
Jaime Santos e Fernando Alvim.
Travessa da Queimada, 10. Tel.
362889.
Aberto todos os dias.

ADEGA MESQUITA
Cantam Fernanda Pinto, Nata-
lina Bizarro, Ana Hortense e
Alcino de Carvalho Tocam
António Luis Gomes e An-
tónio Prouença Danças Regio-
nais por conjunto privativo
Consumo mínimo 60\$00 Encerra
ao domingo Rua Diário de No-
tícias, 107. Tel. 329307.

FORCADO
Elenco: Mariana Silva, Isabel de
Oliveira Francisco Martinho, Maria
de Portugal, João Alberto, Manuel

Martins, Folclore pelos 5 Típicos
de Vila Franca de Xira. Ar condi-
cionado. Rua da Rosa 221 - Tele-
fone: 368579

FRAGATA REAL Elenco: Deo-
linda Rodrigues e Arminda da
Conceição em Fado Lisboa, João
Queiros em Fado Coimbra. Acompa-
nhamentos à guitarra e viola
por António Parreira e Francisco
Gonçalves Trav. de S. Miguel,
N.º 22, Alameda. Tel. 868552

CASEBRE Cantam Carlos Barra,
Deolinda Rodrigues, Nazaré Ma-
ria e Susana.
Tocam: Carvalhinho e Júlio Go-
mes. Os Arazais. Folclore pelos
Cinco Típicos de Vila Franca de
Xira. Encerra às 2.ªs feiras. Rua
da Barroca, 133. Tel. 369760

ARREDA Fado amador, oça e can-
te o fado no Arreda. Elenco José
Pracana, José Manuel Osório, D.
Vicente da Câmara e eventuais
clientes. Tocam Carlos Gonçal-
ves, José Pracana e José Inácio
Encerra às 3.ªs feiras Consumo
mínimo 62\$00 (taxa incl.) Rua Ale-
xandre Herculano, 3, Cascais. Te-
le. 263864.

FANTASMA
Dancing-Caveau com variedades
Filipe Dancers. Show todas as noi-
tes um atracção surpresa. Rua
Gomes Freire, 145-B. Aberto todos
os dias até às 05.00 h.

NINA Dancing com atracções
Rua Paiva de Andrade, 7 - 13
Tel. 34850/368197

TAMILA Marão e s/conjunto. Mat-
néas. todos os dias Encerra aos
domingos Avenida Duque de Lou-
lé, 69. Tel. 534117.

HIPOPOTAMO Com Helder Reis
Encerra aos domingos Av. António
Augusto de Aguiar, 5-A. Tel. 48384.

D. QUIXOTE Com Carlos Villaret,
Virgílio Neves. Aberto até às 5 H.
da madrugada. Rua da Trindade, 9
Tel. 327109 Encerra aos domingos.

CASINO ESTORIL Jogo autoriza-
do Variedades internacionais. Te-
lefonos 26451, 26456, 26459,
26462 e 264946.

**TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL
EMBAIXADOR)** Conjunto Oliveri
Av. Duque de Loulé, 73. Tel. 530171.

DANCINGS

OUTROS ESPETÁCULOS

LISBOA Teatros

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Pra frente Lisboa»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Deseja-se mulher»

LAURA ALVES
20.45 e 23.00
«Uma cama para toda a gen-
te»

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23 (18 anos)
«Pronto a despir»

TRINDADE
21.15 (14 anos)
Opera «Vingança da cigana»

LISBOA Cinemas

RESTELO
21.30 (14 anos)
«Da Terra nascem os homens»

CINEARTE
21.30 (14 anos)
«Callow»

PARIS
21.00 (14 anos)
«O Magnífico rebelde»

MAYER
21.00 (17 anos)
«Aeroporto»

OLYMPIA
21.00 (10 anos)
«Sartana reza pela tua mor-
te»
e «A Fechadura misteriosa»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«O muro do Atlântico»

UNIVERSAL
21.15 (10 anos)
«O rapto de matilde»

PROMOTORA
21.15 (14 anos)
«A grande odisseia»

CINEMA CASTANHEIRA
21.45 (10 anos)
«Missão Batanga»

LINHA DE CASCAIS

OEIRAS
Oeiras-Cine
21.00 (14 anos)
«Duelo à beira do rio»

PARADE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«Hércules e a rainha»

ESTORIL
Casino
18.30 e 21.30 (18 anos)
«Klute»

Palácio
21.30 (10 anos)
«Os veteranos de Tobruk»

DL/DOMINICAL

TURISMO



RENASCENÇA GRÁFICA S. A. R. L.
PROPRIETARIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º, 2.º, 4.º
TELEF. 654531/234
SERVIÇOS TÉCNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

ALGARVE

UM PARAÍSO COM PROBLEMAS

O súbito crescimento da «onda turística» no Algarve trouxe, de repente, alguns problemas e complicações difíceis de resolver. O fornecimento de água e luz em condições que se possam considerar ao menos razoáveis, são, entre outros, dois quebra-cabeças para as Câmaras Municipais e populações. Albufeira, capital do turismo algarvio parece ser mais afectada que nenhuma outra região. No entanto, o problema da água e da luz estende-se um pouco por todo o Algarve.

Albufeira, três da tarde. Uma tarde pouco algarvia, com temperatura menos que amena, nortada forte e céu de carranca. Estamos no largo principal da vila. O nosso inquérito ia começar ali. Nos bancos do jardim palmar alguns velhos. Gente de outro tempo, gente que conheceu a antiga Albufeira e ainda não se aclimatou de todo ao bulício de hoje, à invasão do turismo.

O problema da água, como o encaram os senhores?

Os dois velhos sorriem. O mesmo sorriso, como se fossem siameses, o mesmo rosto marcado e cheio de rugas fundas:

— Olhe, isto é um castigo! Lá haver água, há. No Algarve nunca faltou a água. Mas parece que as bombas não puxam como deve ser...

— E depois — adianta o segundo velhote — a água não sobe. Nos pontos altos, então, é uma desgraça.

— E ficam muito tempo sem água?

— Às vezes um dia, dois... Já uma vez foi três dias de seguida.

— E o que é que fazem quando falta a água?

— O que é que fazemos? Olhe, paciência. Vamos buscá-la onde a há. Mas ainda noutro dia aconteceu termos de ir comprar gasosa para lavarmos a cara.

ALBUFEIRA

Entramos na recepção de um dos hotéis de Albufeira. O gerente não quer falar. Que não, que receia as complicações. E claro que tem muito para dizer, isso tem. E se falar, não quer o nome dele no jornal, nem o do seu hotel. Por fim, diz-nos:

— Aqui, em Albufeira, os

problemas são muitos. Claro que a água e a luz são coisas principais. Ainda há dias um cliente americano me armou aqui uma bronca... Quería água para se lavar e não tinha. Mas que culpa temos nós? Claro que eles não sabem o que se passa... Como o caso da estrumeira...

— Que estrumeira? — inquirimos.

— A estrumeira da Câmara cá de Albufeira. Está situada quase no centro da vila, ali à Boavista. O lixo é queimado ao fim da tarde. Quando menos se espera, estão os clientes a jantar, aqui ou aí em qualquer restaurante e entra-lhes uma bafurada de mau cheiro pelo nariz dentro, que é de matar. Já os tenho visto abalar sem acabarem de comer.

— Mas e falta de água? — insistimos.

— Naturalmente que esse é o problema número um. Eles refilam, gritam connosco, dizem que não voltam cá.

— E não se tomam providências? Não se queixam à Câmara? Encolhe os ombros.

— Lá queixar, queixamo-nos. Mas não adianta. A Câmara lá tem as suas razões...

Dirigimo-nos a uma, duas pensões: os lamentos são iguais. A dona de uma das pensões, explica:

— O mal é que cada vez estamos pior. E parece que não há quem se rale com isto. Qualquer dia o turista desaparece daqui. Imagine lá o senhor que vem pela primeira vez a esta terra e logo na primeira manhã fica com a pasta dos dentes na boca, só porque a água se foi de repente! Pensa voltar cá? Se fosse comigo nunca mais cá punha os pés...

Reportagem

de

JOSUE DA SILVA

Noutro hotel, o gerente recusa-se a fazer declarações. E um dos empregados quem, à socapa, nos conta:

— Houve aí um dia que abalaram seis clientes. Por causa da falta de água... Começamos a estar todos desesperados. Mas

repare: isto não se percebe muito bem. Aqui há pouco tempo, nem o posto da guarda republicana tinha água. E logo usamos metros mais abaixo, ahvia água para lavarem os automóveis. O senhor entende esta coisa?

A CISTERNA

Mas passam-se outras coisas em Albufeira. A falta de água e de luz em períodos que vão de três horas a dois dias, alia-se a falta de táxis. Um dos motoristas da praça da vila põe-nos o problema desta maneira:

— Albufeira tem apenas sete táxis. Pode vir aqui — e aponta o local da praça de táxis — à hora que quiser, da noite ou do dia, que não encontra um único carro. Estão pedidas quarenta e três praças há uma data de tempo. No entanto, continuamos a poder contar só com os sete táxis em serviço. Ora se estes táxis já não chegavam antes do turismo, como é que hoje podem ser bastantes?

E é este motorista que nos leva a conhecer outras falhas em Albufeira.

Telefones públicos não existem, depois de fechada a central dos Correios, que encerra pelas 19 horas. A população pode, numa emergência, contar com um telefone com contador num café do centro da vila (mas normalmente o dono do café não deixa que se lhe toque, afirmando que lhe cobram sempre mais do que o valor das chamadas feitas). Há apenas outro na zona a que dão o nome de Praia-Mar. Nada mais.

Albufeira não possui hospital. Albufeira merecia um mercado coberto, com as condições higiénicas indispensáveis e localizado noutro ponto que não o largo principal de vila. Albufeira começa a lutar com uma afiada falta de casas. A urbanização da vila não acompanhou o ritmo do crescimento populacional e chega-se a estes extremos: uma família inteira a viver dentro duma cisterna e dez homens a habitarem uma velha garagem, dormindo em catres quase primitivos, sem água nem instalações sanitárias. Uma casa em Albufeira custa, por mês, os olhos da cara e já nenhum dos seus habitantes de poder eco-



Praia de D. Ana, um recanto paradisíaco. Ao fundo, sobre o colo da escarpa, o estreito carreiro daria lugar à marginal, que nunca será construída.

nómico abaixo da média aguenta as rendas que ali se pagam. Na carência e custo de géneros alimentícios, nem é bom falar. Pela hora da morte, dizem os albufeirenses e é um pau por um olho, encontrá-los. Sobretudo a carne e o leite — afirmam-nos — não bastam às necessidades da vila. E os albufeirenses e os donos das pensões e hotéis e o próprio turista, admiram-se de que tudo isto aconteça e com demasiada frequência, numa terra que está considerada como capital turística.

NEM PINGA

Mas nisto da falta de energia eléctrica e de água, são afectadas todas ou quase todas as principais vilas e cidades algarvias, aquelas, portanto, onde houve maior surto do chamado «fenómeno turístico». Estivemos em Lagos, Faro, Portimão, Alvor e por aí fora. As gentes de Lagos fizeram as suas queixas justificadas.

Para cúmulo e para que não nos sobrassem dúvidas, quando jantávamos no passado sábado, num restaurante de Lagos, zás, lá se foi a luz e tivemos de terminar o repasto com velas na mesa — o que será muito típico mas não abona em favor do turismo da terra. E no domingo, ao levantarmos-nos, também em

Lagos, fomos desagradavelmente surpreendidos pela falta de água para nos lavarmos. A corrente eléctrica sofrera um corte e como a água tem de ser elevada através de bombas que trabalham a electricidade — o mesmo acontece em Albufeira e na maioria dos grandes centros populacionais algarvios — de água nem pinga.

Há, ainda outra coisa que brada aos céus em Lagos. Quem visitar a cidade de carro tem de cuidar de se abastecer de gasolina ou gasóleo, até à uma hora da noite. Depois disto, não encontrará aberta uma única estação de serviço ou gasolinera. E pode-se bater às portas, chamar, berrar, que ninguém atende. Assistimos a um par de cenas, com os automobilistas em maus lençóis, por não terem onde encher os seus tanques. Se houver carburante para chegarmos a Portimão, aí sim, que há ao menos uma estação de serviço com guarda, para nos vender uns litros de carburante.

Falámos com um guarda-nocturno sobre o assunto e ele deu-nos esta simplória explicação:

— As estações de serviço sofreram muitos assaltos ultimamente e os donos resolveram fechá-las a partir de uma da noite.

Não admira. Lagos é uma ci-

dade sem policiamento. E sem outras coisas. Por exemplo: aqui há uns anos, houve quem pensasse na construção duma marginal, a partir da praia de D. Ana. Ainda se fizeram aí uns trinta metros de arruamento e, quando se pensava que a obra prosseguiria, eis que alguém compra os terrenos por onde iria passar a marginal e adeus hipóteses. Muraram-se os terrenos — e a marginal, que seria um benefício extraordinário para a cidade, morreu ali, com os seus trinta metros. Quanto à falta de água, diz-nos um dos seus habitantes:

— Eu não entendo nada de engenharias. Mas se se fizessem uns depósitos com elevação superior aos pontos mais altos da cidade, a água não teria que ser elevada por meio de bombas eléctricas e, assim, não corríamos o risco de, sempre que faltasse a luz, faltar também a água. A minha ideia não passa de um esboço, mas sempre é uma ideia. Isto contra a escassez de ideias da Câmara, parece-me que é alguma coisa.

Em suma: no Algarve tudo parece conjugar-se para que o «Paraíso» dos cartazes turísticos e dos «slogans» publicitários se transforme numa ironia. É possível que o desastre se consiga evitar e talvez ainda esteja a tempo.



Imagem de um mundo de maravilha, se não houvesse senões...

FALTAM: ÁGUA, LUZ E... POLÍCIA